



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MULHERES NEGRAS NA MATRIZ CURRICULAR DA FORMAÇÃO EM  
PEDAGOGIA DA UNEB/CAMPUS I: escassez dos saberes e também dos corpos?**

**SALVADOR  
2023**

**NÍVEA MARIA DA SILVA TRINDADE**

**MULHERES NEGRAS NA MATRIZ CURRICULAR DA FORMAÇÃO EM  
PEDAGOGIA DA UNEB/CAMPUS I: escassez dos saberes e também dos corpos?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Graduada no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pelo Departamento de Educação-Campus I, Salvador da Universidade do Estado da Bahia, sob orientação do Prof. Me. Antônio Cosme Lima da Silva.

**SALVADOR  
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Biblioteca Professor Edivaldo Machado Boaventura - UNEB – Campus I  
Ficha catalográfica: Célia Maria da Costa – CRB5/918

T833m Trindade, Nívea Maria da Silva

Mulheres negras na matriz curricular da formação  
em pedagogia da UNEB: escassez dos saberes e também dos corpos? / Nívea Maria da  
Silva Trindade.- Salvador, 2023.  
100f. : il.

Orientador: Antônio Cosme Lima da Silva.  
TCC (Graduação - Pedagogia) – Universidade do  
Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. 2023.

Contém referências.

1. Negras – Mulheres intelectuais - Bahia. 2.  
Negras – Identidade racial - Bahia. 3. Professoras negras – Condições sociais – Bahia. 4.  
Professoras negras – Formação - Bahia. 5. Educação - Estudo e ensino (Superior) –  
Bahia. 6. Discriminação na educação. 7. Universidade do Estado da Bahia. 8. Currículos  
- Avaliação I. Silva, Antônio Cosme Lima da. II. Universidade do Estado da Bahia.  
Departamento de Educação. Campus I. III. Título.

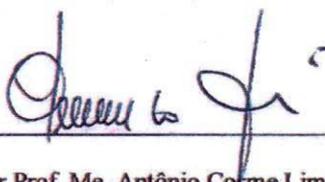
CDD:370.7108162

**NÍVEA MARIA DA SILVA TRINDADE**

**MULHERES NEGRAS NA MATRIZ CURRICULAR DA FORMAÇÃO EM  
PEDAGOGIA DA UNEB: escassez dos saberes e também dos corpos?**

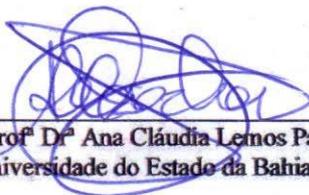
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação – Campus I, Salvador, da Universidade do Estado da Bahia.  
Orientador: Prof<sup>o</sup> Me. Antônio Cosme Lima da Silva.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Orientador Prof. Me. Antônio Cosme Lima da Silva  
(Universidade do Estado da Bahia)



---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Cláudia Lemos Pacheco  
(Universidade do Estado da Bahia-UNEB)

Documento assinado digitalmente

**gov.br**

LARISSA DE SOUZA REIS

Data: 08/11/2023 14:17:53-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Larissa de Souza Reis  
(Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB)

Aprovada em 12 de julho de 2023

Dedico este trabalho a toda minha ancestralidade negra, pois sei que não sigo só; em autoacolhimento por ser “cabeça dura” e nunca desistir, lutar à minha maneira, (re)existir e também a minha família, meu alicerce e porto seguro.

## AGRADECIMENTOS

A toda minha ancestralidade, aquelas e aqueles que vieram de lá ou aqui já estavam e que resistiram, mas tombaram no trajeto e seguem a me proteger, guiar, fortalecer e inspirar, especialmente minhas avós Júlia Maria da Silva e Maria das Mercês Trindade, minhas madrinhas Constância Trindade e Anete Trindade, também meus tio e padrinho Egídio da Silva e Dielson Ramos Trindade, que já retornaram.

A minha família, minha generosa e amada mãe Dinalva Maria da Silva Trindade, meu velho pai Dilson Trindade, minhas irmãs Dinalva Maria da Silva Trindade e Fabiana da Silva Trindade, meu irmão Dilson Trindade Junior, minha tia Vera Lúcia da Silva Oliveira e minha fonte de motivação e amada sobrinha Maria Júlia da Silva Trindade, que apesar dos conflitos, me apoia, alicerça, sustenta e suporta.

As pessoas amigas, de ontem, de hoje e de sempre, às quais me ajudam em tudo que preciso, desde a escuta sensível e palavras de motivação às doações materiais diversas, estejam próximas ou distanciadas, pelas demandas da vida. Parcerias que sei que posso contar, minhas amigas-irmãs Patrícia Tavares, Adriana Maia, Cristiane Araújo/Pietre e toda sua família, Aline Gabriela Braga, Daiane Messias, Elenice Sacramento e Lourdes Santos, ainda a Rosa (turismóloga), Reijane (Bikuda) e Rosana (prof.<sup>a</sup> e bióloga).

Ao Instituto Steve Biko, família quilombola educacional que me acolheu, ensinou, fortaleceu e fez eu entender que podemos mais, pois juntas/os somos inquebrantáveis. A Biko é meu divisor de águas, minha Wakanda eterna, meu Baobá de profundas raízes que me fez retornar, pois me arrancaram de lá, do meu berço em África e a Biko me ajudou a “sankofar”.

A todo corpo docente da UNEB, educadoras e educadores com quem troquei conhecimentos, mesmo os de outros cursos, em especial as minhas professoras que se converteram em generosas e honrosas amigas, mulheres que admiro e com quem eu muito aprendo, Ana Claudia Pacheco, Sandra Rosa Farias, Irzyane Cazumbá, Ronalda Barreto e Carla Meira.

A minha querida Turma de Pedagogia Noturna 2017.2, com quem caminhei, troquei, aprendi, recebi e tornaram a minha aprendizagem muito mais prazerosa e rica.

Aos Grupos de Pesquisa Candaces e GA&A, ambientes de pessoas, reflexões e oportunidades que proporcionam grandiosas transformações em minha existência.

A todas/os servidoras/es da UNEB, especialmente do Departamento de Educação do Campus I, pessoas que sempre me trataram com atenção e respeito e que com sua competência e profissionalismo buscaram me atender em tudo que solicitei, algumas vezes, para além das suas atribuições, graças a humanidade que se sobressai ao realizarem o seu labor. Todos os setores e colaboradoras/es da Jardinagem, Portaria, Brinquedoteca, Zeladoria, Secretaria Acadêmica, Protocolo, SEIN, NUPE, TCC, RH, Administrativo, Setor de Informática, a Coordenação e Colegiado de Pedagogia e dos demais cursos do departamento também, a Gestão e suas/seu imediatas/o.

A Fauna e Flora que compõem a UNEB, a qual me ajudou a aplacar as dores e desanuviar nos momentos de stress, quando simplesmente a contemplei e troquei afetos e energias.

Ao meu competente orientador Antônio Cosme Lima da Silva, por aceitar o desafio de me orientar e por todos ensinamentos compartilhados.

A todas, todes e a todos vocês, meu afeto.

Gratidão!

***Dàgbá Dojúko***

*Tentaram me alienar  
Sábias chegaram,  
Resgataram-me,  
Libertaram-me,  
Contaram-me,  
Conscientizei,  
Indignei,  
Alertei,  
Escrevi,  
Resisto,  
Sigo.*

*Nívea Silva.*

## RESUMO

Este trabalho, intitulado “Mulheres Negras na Matriz Curricular da Formação em Pedagogia da UNEB: escassez dos saberes e também dos corpos?” é de caráter qualitativo e tem como instrumento de coleta a Matriz Curricular, através do Projeto Político Pedagógico-PPP, com na análise documental e metodologia da pesquisa bibliográfica. Se presta a pesquisar, especificamente, a composição dos Referenciais Gerais e Bibliografias Básica e Complementar, das últimas versões de 2007 e 2020, das Ementas dos Componentes, dos Projetos Políticos Pedagógicos, do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia, Campus I. Motivada pelo questionamento: como estão referenciadas as Intelectuais Mulheres Negras, na matriz curricular formativa do curso de pedagogia da UNEB, Campus I? Traço como objetivo geral analisar como estão referenciadas, na Matriz Curricular do curso de pedagogia da UNEB, campus Salvador, as Intelectuais Mulheres Negras e como objetivos específicos: verificar se a abordagem étnico-racial se evidencia nas pesquisas, produções e traços fenotípicos corporais das que constam nos referenciais da matriz curricular de pedagogia; evidenciar as intelectuais mulheres negras que constam no documento, sugerindo outras em complemento e provocar reflexões acerca do resultado encontrado na pesquisa. Quanto a organização, esse trabalho apresenta uma subdivisão em cinco seções, além da introdução e das considerações finais: a primeira parte, denominada de Justificativa e Motivações à essa Pesquisa; a segunda intitulada Percurso Metodológico; seguida da terceira nomeada como Gráficos, o que nos apresentam?, a quarta denominada Escurecendo com alguns fundamentos e, por fim, a quinta como Intelectuais Mulheres Negras Ativistas: as kípovis mais velhas e mais novas em relações ubuntu. O trabalho evidencia o perfil dos referenciais da matriz curricular formativa inicial em pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, quanto ao gênero/sexo e a cor/raça, assim servindo como um registro.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras; Currículo; Epistemicídio; Formação Docente.

## **ABSTRACT**

This work is of a qualitative nature and uses the Curriculum Matrix as a collection instrument, through the Pedagogical Political Project, with documental analysis and bibliographical research methodology. It specifically lends itself to researching the composition of the General References and Basic and Complementary Bibliographies, of the latest versions of 2007 and 2020, of the Component Menus, of the Pedagogical Political Projects, of the Full Degree in Pedagogy, of the State University of Bahia , Campus I. Motivated by the question: how are Black Women Intellectuals referenced in the formative curricular matrix of the pedagogy course at UNEB, Campus I? As a general objective, I intend to analyze how Black Women Intellectuals are referenced in the Curriculum Matrix of the pedagogy course at UNEB, campus Salvador, and as specific objectives: to verify whether the ethnic-racial approach is evident in the research, productions and phenotypic bodily traits of those who are included in the references of the pedagogy curricular matrix; highlight the black women intellectuals that appear in the document, suggesting others in addition and provoking reflections on the result found in the research. As for organization, this work presents a subdivision into five sections, in addition to the introduction and final considerations: the first part, called Justification and Motivations for this Research; the second entitled Methodological Route; followed by the third named Graphics what do they present us?, the fourth named Darkness with some fundamentals and, finally, the fifth as Intellectual Black Women Activists: the oldest and youngest kipovis in ubuntu relationships. The work shows the profile of the references of the initial formative curricular matrix in pedagogy, at the State University of Bahia, Campus I, regarding gender/sex and color/race, thus serving as a record.

**Keywords:** Black Women; Curriculum; Epistemicide; Teacher Training

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CCN** - Cidadania e Consciência Negra

**CNE** - Conselho Nacional de Educação

**CP** - CONSELHO PLENO

**DEDC I** - Departamento de Educação Campus I

**DIEESE** - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

**EJA** - Educação de Jovens Adultos

**EJAI** - Educação de Jovens Adultos e  
idosos

**H2** - Hip Hop

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e  
Estatística

**IES** - Instituições de Educação Superior

**IPEA** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

**LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**LGBTQIA+** - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero

**MEC** - Ministério da Educação e Cultura

**MN** - Movimento Negro

**MNU** - Movimento Negro Unificado

**NDE** - Núcleo Docente Estruturante

**PNUD** - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

**PPP** - Projeto Político Pedagógico

**SECAD** - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e  
Diversidade

**UNEB** - Universidade do Estado da Bahia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>1- JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÕES À ESSA PESQUISA</b>	<b>20</b>
Gráfico 1: Dados Gênero Pedagogia UNEB 2017.2 - 2023.1	24
Gráfico 2: Cor/Raça 2014-2018	25
<b>2- PERCURSO METODOLÓGICO</b>	<b>27</b>
<b>3- GRÁFICOS, O QUE NOS APRESENTAM?</b>	<b>33</b>
3.1- Introdução à Análise dos Dados Gráficos Pesquisados	33
3.2- Detalhes Gráficos	34
3.3- Gráficos referenciais gerais dos PPPs	34
Gráfico 3: Referenciais geral do PPP 2007	35
Gráfico 4: Referenciais geral do PPP 2020	37
3.4- Gráficos das Ementas dos Componentes 2007	39
Gráfico 5: Ementas 1º semestre 2007	39
Gráfico 6: Ementas 2º semestre 2007	40
Gráfico 7: Ementas 3º semestre 2007	41
Gráfico 8: Ementas 4º semestre 2007	43
Gráfico 9: Ementas 5º semestre 2007	44
Gráfico 10: Ementas 6º semestre 2007	46
Gráfico 11: Ementas 7º semestre 2007	47
Gráfico 12: Ementas 8º semestre 2007	48
3.5- Gráficos das ementas dos componentes 2020	49
Gráfico 13: Ementas 1º semestre 2020	50
Gráfico 14: Ementas 2º semestre 2020	51
Gráfico 15: Ementas 3º semestre 2020	52
Gráfico 16: Ementas 4º semestre 2020	53
Gráfico 17: Ementas 5º semestre 2020	54
Gráfico 18: Ementas 6º semestre 2020	55
Gráfico 19: Ementas 7º semestre 2020	56
Gráfico 20: Ementas 8º semestre 2020	57
3.6- Sínteses gráficas dos referenciais dos ementários dos PPPs	59
Gráfico 21: Percentuais totais PPP 2007	59
Gráfico 22: Percentuais totais PPP 2020	60
Gráfico 23: Tabela das repetições	62

3.7- Reflexões Gráficas	63
Gráfico 24: Reflexões sobre os Totais dos Referencial Gerais (2007 + 2020)	64
Gráfico 25: Reflexões sobre os Totais das Bibliografias das Ementas (2007+2020)	65
<b>4- ESCURECENDO COM ALGUNS FUNDAMENTOS</b>	<b>69</b>
<b>5- INTELLECTUAIS MULHERES NEGRAS ATIVISTAS: AS KIPOVIS MAIS VELHAS E MAIS NOVAS EM RELAÇÕES UBUNTU</b>	<b>74</b>
5.1- Kipovis Mulheres Negras Mais Velhas	74
Lélia Gonzalez: a bússola pioneira	74
Carolina Maria de Jesus: intelectual orgânica	75
Tarry Cristina Santos Pereira: CCN-cidadania e consciência negra	76
Creuza Maria Oliveira: educadora não formal, creche.	78
Narcimária Correia do Patrocínio Luz: um novo currículo	80
Ana Célia da Silva: livro didático	81
Joana Maria Macedo Leôncio: sexualidades	83
Neusa Santos Souza: psicologias	84
Priscilla Leonnor Alencar Ferreira: cultura surda, acessibilidade	84
Renata Aparecida Felinto dos Santos: artes, ludicidade	85
5.2-Kipovis Mulheres Negras Mais Novas	86
Helem dos Santos Moreira: educação não formal	86
Thifany Lima da Silva (Thiffany Odara): socioeducação, perspectivas pedagógicas	87
Daiane Messias dos Santos: interseccionalidade	88
Tereza Cristina Santos Santana: pedagogima	89
Vanile Santos Cavalcante	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>97</b>

## INTRODUÇÃO

A Matriz Curricular é a base condutora de todo curso formativo, logo, entende-se que esse documento direciona todas as abordagens adotadas pelas profissionais formadoras<sup>1</sup>, por onde devem se orientar e mediar segundo o que aquela escrita traz. Historicamente, o currículo vem sendo utilizado como uma eficiente ferramenta no processo de sonogação das produções de mulheres negras intelectuais/pensadoras, no universo acadêmico.

Em decorrência do pensamento hegemônico ocidental branco, de superioridade, é possível notar que as falas, produções, pesquisas e escritas de mulheres negras, ainda são pouco valorizadas no ambiente educacional e, particularmente, no universitário, considerando, mais especificamente, o curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus I, ao qual direciono minha pesquisa, por ser a instituição de ensino e área do conhecimento em que me graduo, após iniciar os estudos no segundo semestre de 2017.

Durante minha trajetória na UNEB (graças aos diálogos estabelecidos com minhas colegas de curso, alguns componentes curriculares, mediações de algumas/alguns docentes e aos debates proporcionados pelo Grupo de Pesquisa Candaces) percebi que as produções acadêmicas, e não acadêmicas, das mulheres negras ativistas, pensadoras/intelectuais, se evidenciam como uma opção considerável de conhecimento.

Associado a esses contextos recém vividos, retomo de antes da inserção na universidade, do início escolar. Ao longo da minha trajetória estudantil tomei consciência das minhas limitações quanto ao processo de aprendizagem na área das exatas. Acreditei, por muito tempo, que tais dificuldades eram natas e se restringiam (surgiram) do campo matemático, certeza essa que desconstruí ao iniciar a vida acadêmica cursando licenciatura em pedagogia. O processo formativo na área educacional aos poucos foi me elucidando a fonte do mistério que circundou as dificuldades enquanto aprendiz, desde a educação infantil. Concebi a hipótese sobre que meus enfrentamentos perpassavam por aspectos muito mais amplos e profundos, os quais se relacionam com o currículo, como um todo, e não somente

---

<sup>1</sup> Decidi desenvolver minha escrita priorizando flexionar os termos, sempre que possível, no gênero feminino, por ser esse o perfil visivelmente predominante no ambiente educacional, tanto entre docentes quanto entre discentes, assim, também buscando assegurar coerência com as provocações que apresento nesta minha produção.

com as linguagens matemáticas. Então, decidi investigar e dissertar sobre a problemática que sempre me boicotou, inspirada/motivada pelas minhas vivências e enfrentamentos.

Pautada nessa trajetória estudantil, remota e recente, reivindico mediações educacionais mais humanizadas, que considere as subjetividades de cada discente, ou seja, outra receita, um formato mais humanizado, decolonizado e antirracista. Entendo que essa renovação é possível, bastando talvez redimensionar a matriz curricular que é responsável por preparar profissionais da educação. É necessário renovar temas, referenciais bibliográficos para que se assegure a mudança efetiva, equânime e reparadora, pois sabemos que o padrão normalizado, da educação no Brasil, é a do colonizador opressor, segregacionista, sexista e racista.

Alinhada a esse entendimento, apresento o pensar das Intelectuais Mulheres Negras, seus discursos e produções como uma alternativa possível, justa e viável ao currículo. No transcorrer dessa escrita destaco essas mulheres negras, dentro de duas categorias, por mim criada e denominadas, considerando suas respectivas trajetórias, vivências, experiências e histórico de atuação. Sendo assim, as acadêmicas reconhecidas, denomino de “Kipovis<sup>2</sup> Mais Velhas”, juntamente ao reconhecimento dos nomes e das produções de mulheres negras recém graduadas (minhas contemporâneas de formação), com menos tempo de atuação e notoriedade, mas não menos importantes, as quais me refiro como “Kipovis Mais Novas”. Firmo que não há, necessariamente, uma relação etária, mas sim quanto ao seu tempo de ativismo. Acredito que trazer as pensadoras negras, e seus feitos, caracteriza-se como uma prática antirracista, decolonizadora e renovadora.

A perspectiva Decolonial, se constitui como uma linha de pensamento que defende a libertação dos conhecimentos hegemônicos eurocêntricos, especialmente nos territórios colonizados pelo homem branco europeu. Sobre essa concepção, resalto o entendimento discutido pelas cientistas Mulheres Negras Luciana de Oliveira Dias e Ana Luísa Machado

---

<sup>2</sup> Com o propósito de relacionar essa produção com ideias, princípios, fontes e termos afros, adoto a nomenclatura Kipovi como título às intelectuais Mulheres Negras Mais Velhas e Mais Novas, as quais aqui referencio. Kipovi é um termo relacionado a quem detém conhecimentos e domínio sobre as palavras, em contexto afrodiáspórico brasileiro, e foi defendido na tese de doutorado da linguista e pesquisadora mulher negra Janice de Sena Nicolin (2016). Existem ainda os termos Griots (ou Griottes, no caso feminino) que constitui uma categoria específica de narradores orais, mas eles não são os únicos a se ocuparem da tarefa de difundir saberes por meio da oralidade (Luiza Mandela Silva Soares; Mestra em Relações Étnico-Raciais e Thatiana Barbosa da Silva; Pós-graduanda em Educação para as Relações Étnico-Raciais – PENESB/UFF, 2015). Há ainda o termo Akpalô, um vocábulo defendido pela Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup>, Mulher Negra Narcimária Luz (2013) para intitular contadoras de histórias afrobrasileiras. Saliento que opto pelo primeiro título, mas todas as formas de titulação possuem igual significado e importância, neste trabalho.

de Castro (2020) quando explicam que ter as mulheres negras centralizando as produções acadêmicas é contrariar as normatizações segregadoras e romper os limites impostos, também no cenário educacional, por um perfil de sujeito privilegiado, em que esse é, basicamente, beneficiado pelo entrelaçamento existente entre as suas características físico corporais, sociais e econômicas.

Considerando tais aspectos, precisamos atuar, estrategicamente, nas mais diversas áreas sociais para interromper o ciclo vicioso racista, que beneficia um perfil social humano específico, em detrimento das demais representações humanas existentes. Com isso, aqui direciono minha escrita para o ambiente educacional, com foco crítico reflexivo sobre os referenciais que compõem a Matriz Curricular da formação inicial das profissionais da educação graduadas pela UNEB, Campus I, pois entendo que a área educacional funciona como uma incubadora do racismo e muito dessa perpetuação se origina nas temáticas, conteúdos e nas/os idealizadoras/es que pensam, organizam e constroem esses conjuntos de abordagens normativas básicas, instaladas no documento, assim constituindo um efeito dominó cíclico, gerando, como consequência, uma influência naturalizada sobre essas formandas, que logo atinge o “chão da escola” e se reverbera nas interações sociais.

As produções de conhecimentos de mulheres negras se evidenciam como uma possibilidade a ser considerada em um processo de iniciação da decolonização da matriz curricular, do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia/UNEB Campus I, por meio das escritas decolonizadas das pensadoras negras graduadas pela instituição, quando essas acionam o pensamento de outras intelectuais negras, assim, reverberando o saber de outras mulheres negras e reconhecendo o valor dessas pensadoras de forma intercalada, escalonada e circular, quando se ativa a roda do saber, movimento espiral que condiz mais com nossos princípios femininos afrodiáspóricos.

Ao longo da minha trajetória formativa no curso de Licenciatura em Pedagogia, da UNEB em Salvador, percebi que os componentes curriculares são trabalhados baseando-se em teóricos que fundamentam suas pesquisas, ou defendem teses distanciadas da minha realidade e, conseqüentemente, das condições que, provavelmente, irei encontrar quando futura profissional da educação.

Essa percepção gerou um desconforto, uma inquietação, pois, apesar de me identificar com algumas das teses impostas, constatava que essa identificação era parcial, pois não contemplavam as subjetividades que possuo enquanto mulher negra, periférica, oriunda de

escola pública e de baixa renda, ou seja, as minhas experiências, a minha totalidade e humanidade. A Dr<sup>a</sup> Ângela Figueiredo (2020) destaca a importância das nossas experiências negras, pois esse conceito se define pela interação entre o pessoal, político, individual e coletivo.

De fato, é como ato político que apresento minhas inquietações, nascidas das escutas, observações, percepções, reflexões, preocupações, intenções, enfim, são aspectos resultantes das vivências acadêmicas e não acadêmicas cotidianas que me atravessam enquanto mulher negra, em meio a todas as personagens com as quais convivi, aprendi e troquei durante essa permanência no cenário universitário. Em virtude disso, parto do questionamento: como estão referenciadas as Intelectuais Mulheres Negras, na matriz curricular formativa do curso de pedagogia da UNEB, Campus I? E com base nessa interrogativa e percepções, no transcorrer da minha trajetória formativa no curso, analiso, escrevo e reivindico maior reconhecimento dos pensamentos, produções e corpos de mulheres negras intelectuais ao longo do processo formativo, inicial, em pedagogia na UNEB de Salvador, por perceber a potência característica dessas Intelectuais Kipovis Negras.

Possuo um perfil estético comum e predominante no curso (mulher negra, periférica, baixa renda) - afirmo isso (quanto ao gênero/sexo e a cor/raça) com base em dados obtidos em duas fontes, oriundas da própria instituição, as quais apresento, em detalhes, no desenvolvimento deste trabalho - e por isso entendo que se faz necessária a incorporação quanto ao elemento da identidade, da similaridade dos pensamentos defendidos por Mulheres Intelectuais Negras, com características fenotípicas corporais e motivações à pesquisa mais próximas a essas personagens, mesmo que parte delas não possuam letramento racial e social aprofundado.

Não pretendo reduzir a reflexão apenas ao quesito fenotípico, corpóreo (o qual anuncio já no título), mas esse deve ser considerado também, pois nossa aparência natural é negada em todos os lugares e situações, contudo, busco chamar atenção para além do corpo e da estética, para o vincular aos nossos pensamentos e, conseqüentemente, às nossas produções como um todo, acadêmicas e não acadêmicas.

Considero mulheres negras não acadêmicas (que não possuem vínculo institucionalizado com o universo acadêmico científico), também, pois estão fora do ambiente científico e, justamente, como uma estratégia de (re)existência decidem produzir, registrar e se fazer escutar e acontecer de alguma forma, uma vez que também são pensadoras (tanto quanto como as que possuem vínculo institucional) e saberes de pessoas negras e indígenas são

preteridos nas academias, e dessa forma, criamos outras maneiras de firmar nossos conhecimentos. Assim, vivenciando experiências de publicitar seus saberes por meio dos mais diversos veículos e formatos, reconhecendo a importância dos meios tecnológicos digitais informatizados, criando canais próprios e legitimados para divulgar suas ideias.

Nesse sentido, esse trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar como estão referenciadas, na Matriz Curricular do curso de pedagogia da UNEB, campus Salvador, as Mulheres Intelectuais Negras, tendo em vista que, sobretudo, na área de educação existe um número expressivo de intelectuais negras que há décadas, vêm refletindo sobre o tema da educação em nosso país. Mas a minha investigação não se resume apenas em analisar o fenótipo, os traços corporais, maneira de se apresentar das teóricas/os referendadas na matriz do curso de pedagogia, associando a isso, pretendo também verificar se a abordagem étnico-racial se evidencia nas suas pesquisas e produções, evidenciar e provocar reflexões sobre o resultado encontrado.

Todas essas percepções, cogitações e inquietações, somaram-se à necessidade de provocar reflexões quanto às produções acadêmicas científicas das graduandas egressas do curso de pedagogia. Meditar se suas escritas sofrem influências pelo quantitativo de autoras negras (pela presença ou ausência dessas) nos ementários dos componentes. Com esses objetivos, selecionei, além do ementário do curso, também as referências bibliográficas que permitiram elaborar os Projetos Políticos Pedagógicos-PPP's (tendo em vista que a matriz curricular foi alterada, a partir de uma nova versão aprovada pelo conselho universitário em 2020, substituindo o elaborado em 2007) e detectar como de fato as pensadoras negras estão no documento basilar do curso.

Com isso, também busquei valorizar e reconhecer as produções escritas antirracistas, decolonizadas, de pensadoras negras, incluindo aí, algumas graduadas egressas do curso de pedagogia, as Kipovis Mais Novas, formadas pela própria instituição e aqui referencio minha produção com algumas delas, ressaltando e sugerindo como suas escritas podem ser mediadas no processo formativo inicial das profissionais da educação, forjadas pela UNEB Salvador.

Introduzido tais aspectos, destaco a subdivisão desse TCC, o qual apresenta-se em cinco capítulos, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira parte, denominada "Justificativa e Motivações à essa Pesquisa", contextualizo detalhando o que provocou essa investigação. No segundo capítulo, intitulado "Percurso Metodológico", fundamento o perfil

da pesquisa e descrevo o trajeto realizado para viabilizar o seu desenvolvimento, apresento o trilhar, passo a passo. Já na terceira seção, nomeada “Gráficos, o que nos apresentam?” constam os dados da pesquisa, as informações com o detalhamento gráfico ilustrativo do quantitativo numérico e percentual das/os cientistas referendadas/os (com destaque para as menções negras), nas duas versões de PPP (2007 e 2020), seguida de análises síntese reflexiva, sobre os dados coletados. Ainda, na quarta parte, denominado “Escurecendo com alguns fundamentos”, referencio os conceitos relevantes à pesquisa somente com teóricas mulheres negras, como uma demonstração coerente da ideia que aqui reivindico e defendo. Na quinta parte, intitulei como “Intelectuais Mulheres Negras Ativistas: as kipovis mais velhas e mais novas em relações ubuntu”, é onde intercalo os dois perfis de pensadoras negras, destacando seus nomes, ideias, discursos, produções e possibilidades sugestivas de aproveitamento nas mediações, no referencial da matriz curricular formativa em pedagogia, apresentando-as como subtópicos. Por fim, nas considerações finais, destaco alguns aspectos e apresento as minhas conclusões sobre essa produção e seus resultados.

## 1- JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÕES À ESSA PESQUISA

No decorrer do curso de pedagogia na UNEB, percebi que ampla maioria docente referencia suas *práxis* em saberes masculinos, brancos e eurocentrados e poucos são aquelas e aqueles que se pautam nos pensamentos de mulheres intelectuais negras. Então notei que esse desequilíbrio também é reproduzido nas produções, de boa parte, das graduandas e graduandos, durante seu processo formativo inicial, por isso debruço sobre o assunto e busco pesquisar, neste trabalho, com o intuito de analisar e refletir tal situação.

Dessa forma, entendo que se faz necessário ofertar recorte racial, social, de gênero e de classe, ao pensar a formação inicial na graduação em licenciaturas, no nosso país, afinal, abordar esses temas em sala de aula é de fundamental importância, tendo em vista que todas as pessoas, independente do seu pertencimento racial, de gênero ou classe, devem ter a oportunidade de refletir sobre tais temáticas que afetam a humanidade, conforme afiança a Dr<sup>a</sup> em Educação, Linguista, Mulher Negra estudiosa das Relações Étnico-raciais, Prof.<sup>a</sup> Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, ao afirmar que

[...] é esperado que o jeito de ser, viver, pensar dos grupos humanos com suas raízes, mas genuínas seja respeitado e incluído em atividades sistemáticas, da educação infantil ao ensino superior. Isso não significa que se descuide ou fragilize a aprendizagem de conhecimentos específicos das ciências, objeto central em todos os níveis de ensino. Ao contrário, a meta é completar tais aprendizagens, promovendo juntamente com o estudo das contribuições europeias-americanas para a humanidade, também das africanas, indígenas, aborígenes, ciganas, entre outras que cada realidade nacional e regional aponte (SILVA. 2010. p. 40).

Portanto, como estabelece a cientista, inserir no âmbito da educação os diversos saberes dos diferentes povos e grupos se faz necessário, além de sistematizar e mediar esses conhecimentos em todos os níveis e modalidades educacionais, sempre respeitando os respectivos contextos socioculturais e locais. Ao conhecer as outras formas humanas de viver, elevam-se as chances de melhor compreender e de respeito ao que lhe soa com estranheza, então, podemos ter o cenário educacional e suas personagens como promotores oficiais desse movimento dialógico, complementar e apaziguador.

Com esse gesto de reconhecimento e inclusão, das demais personagens que compõem o cenário social brasileiro, possibilitaremos, numa perspectiva decolonial, a propagação da cultura antirracista dentro do ambiente educacional. O predomínio dos conhecimentos de base eurocêntrica no currículo e no ambiente científico foi imposto, convencionalizado e estabelecido, com naturalidade, ao longo da história da educação oficial no Brasil. Admitir

os saberes intelectuais das mulheres negras, no âmbito educativo, representa uma possibilidade efetiva de reparação histórica e descentralização da intelectualidade brasileira, há séculos sob domínio masculino branco, desse modo justifico a relevância dessa investigação.

Calcada nesses princípios da reparação, da oficialização de uma educação antirracista e do reconhecimento das diversas formas de saberes, em especial das Kipovis Mulheres Negras, é que desponta minha motivação para produzir essa monografia. Aqui, reivindico maior visibilidade aos feitos advindos das Pensadoras Negras, direcionando-os, especificamente, à formação inicial das pedagogas da UNEB Salvador e utilizo da minha própria pesquisa para demonstrar o quanto isso é possível, pois estabeleci como critério principal só fundamentar essa produção com esse perfil de pensadoras/intelectuais, cientistas, Mulheres Negras Afroativistas. Devo salientar que, nessa escrita, foco no valorizar das mulheres negras, mas sou solidária às demais representações humanas e intelectuais também invisibilizadas, a exemplo das parentas indígenas, então ao acessar o conteúdo desse trabalho, amplie a reivindicação ao grupo que te apetece.

Não tomo esse critério como uma receita essencialista, em reverso ao que se pratica com pesquisadores homens brancos, mas sim como um experimento, uma amostra intensificada que sim, é possível, também, pesquisar fundamentando conosco, Mulheres Negras. Reconheço que esse movimento exigiu um pouco mais de mim na pesquisa, porém nada impossível de ser executado. Contudo, ocorre algo que pode soar como contraditório, o fato de eleger como orientador o Historiador, Filósofo, Mestre em História e doutorando Prof. Antônio Cosme Lima da Silva, um homem negro e não uma orientadora mulher negra, como ele próprio me recomendou, porém eu persistir na ideia de prosseguir sob sua orientação em gratidão e respeito a seu profissionalismo, generosidade, sapiência e, sobretudo, paciência.

Para melhor contextualizar essa escolha, considero que o curso de pedagogia na UNEB possui um viés um pouco mais humanizado, em relação a outros cursos na mesma instituição. Essa perspectiva humanizada abre possibilidades de cursar sem a exigência do pré-requisito, algo que se torna polêmico no curso, pois há quem critique, questione pensando na “qualidade formativa”, mas isso oferta uma organização “autônoma” às pessoas que cursam. Tal liberdade permitiu que eu antecipasse componentes que mais me interessavam, já pensando no TCC, e foi assim que, no meu terceiro semestre (2018.2),

cursei o componente ED0587- Educação e Relações Étnico-Raciais, com o professor Antônio Cosme e o solicitei para ser meu orientador e então mantivemos os diálogos, produções e devolutivas de escritas e toda a dinâmica que “deságua” neste trabalho.

Antes de tudo, devemos considerar que oficialmente o curso possui oito semestres, que são prorrogáveis, mas com limitação. É importante salientar que com relação ao imprescindível componente Educação e Relações Étnico-Raciais, teoricamente, eu só o acessaria em um dos últimos semestres, ou seja, quase ao final da formação. Esse é um fato que também, provavelmente, dificulte o “despertar” para produzir dentro das abordagens propostas por essa disciplina, por termos acesso às suas provocações, explicações, desconstruções, entre outras coisas, já quase no término da formação ou após já termos nos aproximado, antes, de outras possibilidades que acabam por nos cooptar, sem que ainda tenhamos acessado os componentes com viés decolonizado e antirracista.

Ao estudar a disciplina e estabelecer interlocução com o professor foi que amadureci a ideia dessa pesquisa, associada às conversas de corredores com minhas/meus colegas, outras/os professoras/es, outros componentes curriculares extracurriculares com recorte de raça e gênero, com as mediações potentes do Grupo de Pesquisa Candaces (então liderado pelas Prof.<sup>as</sup> Dr.<sup>as</sup> Ana Cláudia Lemos Pacheco e Joana Maria Macedo Leôncio), entre outras contribuições, tudo somado as minhas inquietações, indignações e forte desejo de pesquisar sobre o assunto e o documento responsável por minha formação inicial.

Com isso, nada mais justo, legítimo e coerente manter o Mestre Kipovi Antônio Cosme Lima como mentor, pois foi em interlocução com ele que cheguei a ideia dessa escrita. Ademais, considerando que nós mulheres negras somos postas socialmente inferiorizadas na base da pirâmide, nada mais razoável que as oportunidades surjam por quem se encontra em melhor colocação social. Ser orientada por um homem negro do nível intelectual e humano do professor Antônio Cosme Lima não se configura reparação, mas sim uma honra por fazer jus ao movimento irmanado do nosso povo negro, que só avança junto, estendendo a mão para que alcancemos, ocupemos os mesmos espaços, ombro a ombro, pois quem chega primeiro retorna para buscar quem vem no caminho. Ao que entendo, assinar minha orientação condiz com o discurso e mediação do professor Antônio Cosme, se torna uma oportunidade prática da sua teoria.

Ainda existem outras duas motivações latentes que me impulsionam a esta escrita. Nos diálogos com as colegas sempre buscava me inteirar das suas pretensões de pesquisa para o

TCC, suas abordagens e me encantava com as revelações, uma mais potente e necessária que a outra. Sempre ficava reflexiva, pedia para ler, assistir as apresentações e assim atinei para as produções que já haviam sido produzidas por outras colegas, até então, e que já estavam arquivadas nos repositórios das instituições, não somente no da UNEB. Fiquei a me indagar “como são aproveitadas, alguém se interessa em ler, recomenda, indica, reconhece essas autoras e seus feitos ou tudo fica lá arquivado e esquecido, será que esses trabalhos não podem ser aproveitados nas mediações no transcorrer da nossa formação, em algum momento ou temática...?”, são muitos os questionamentos.

Esses Trabalhos de Conclusão de Curso se constituem como pesquisas atualizadas, sobre inúmeras temáticas, com o aval de docentes, Mestras/es e Doutoradas/es, e de uma Instituição Pública renomada, portanto, o nível de credibilidade está assegurado e isso precisa ser considerado. Sendo assim, aqui, também, destaco algumas dessas minhas colegas contemporâneas, as Kipovis Mais Novas, as quais produzem com recorte racial, dentro da perspectiva antirracista, decolonial, ainda traçando, a título de sugestão, um paralelo das suas ideias com o como elas podem vir a contribuir no processo formativo das graduandas de pedagogia, dinâmica sugestiva extensiva, também, as produções referenciadas das Kipovis Mais Velhas que cito.

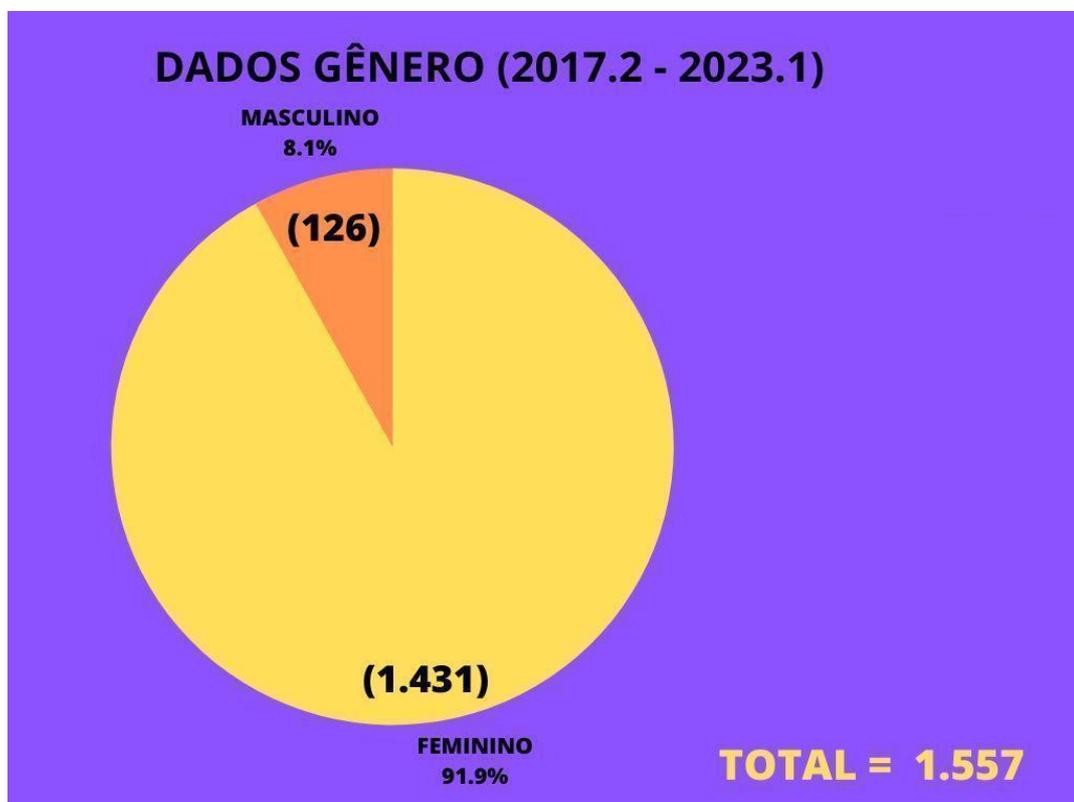
A outra razão está relacionada com o perfil das pessoas que cursam e atuam em pedagogia, considerando, especialmente, o estado da Bahia, a cidade de Salvador e a UNEB, onde o predomínio populacional é de pessoas negras. Com um foco maior no *locus* da pesquisa (curso de pedagogia da UNEB Campus I), é notória a predominância do público negro feminino, por isso torna-se ainda mais coerente formar essas profissionais com base em ideias desenvolvidas por quem mais se aproxima do seu perfil, em vários aspectos, não somente os corpóreos. Dessa forma, a escassez de intelectuais negras, como indicação nas mediações acadêmico formativas dos componentes, favorece a reprodução das formas de pensar, pesquisar, entender da branquitude, pois prevalece o eurocentrismo e o racismo sexista epistêmico.

Sem dúvidas, existe uma prevalência de cursistas mulheres e negras em pedagogia na instituição, para comprovar a percepção, que é evidente a “olhos nus”, trago dados registrados e fornecidos pela própria UNEB. Por meio de e-mail, buscamos, junto a Secretaria Acadêmica do DEDC I, parte das informações (específicas do curso quanto ao perfil de gênero/sexo), as quais foram fornecidas, também recorri ao site da Universidade,

onde acessei os Anuários e os dados quanto a cor/raça, sendo que os registros não estão detalhados por curso, mas, de maneira ampla, por Grande Área do Conhecimento CNPQ, assim certificando o que é notório, o curso é amplamente composto por discentes negras.

Para facilitar, ofertei recorte temporal iniciado em 2017.2 a 2023.1, período da minha estadia na instituição. Segundo as fontes mencionadas, o curso de pedagogia está amplamente representado por mulheres.

**Gráfico 1: Dados Gênero Pedagogia UNEB 2017.2 - 2023.1**

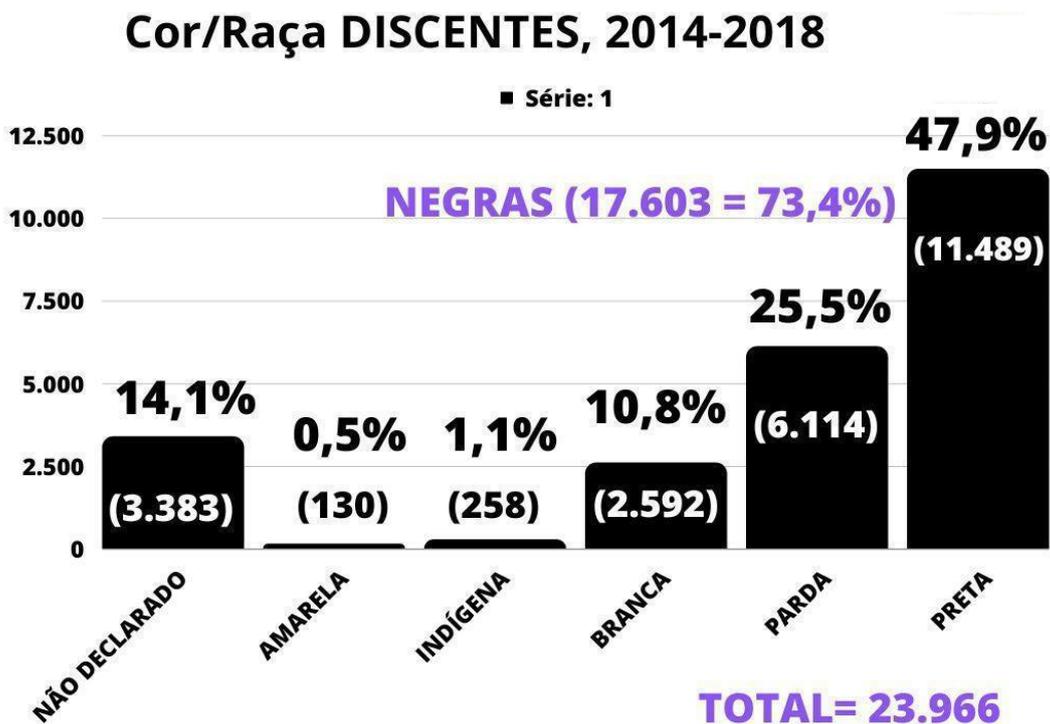


Os registros firmam, quanto ao gênero, considerando como 100% (cem por cento) 1.557 (mil quinhentos e cinquenta e sete) discentes; desse total 1.431(mil quatrocentos e trinta e uma) colegas são do gênero feminino, correspondentes a 91,9% (noventa e um vírgula nove por cento) e 126 (cento e vinte seis) do masculino, equivalente a 8,1% (oito vírgula um por cento), logo comprovamos a superioridade, em quantitativo, do gênero feminino no curso.

Já quanto ao quesito cor/raça a fonte não detalha por curso, mas sim por Grande Área do Conhecimento CNPQ. Sendo assim, os registros estão vinculados às Ciências Humanas, área do conhecimento a qual faz parte o Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Com base nas

somas dos Anuários 2017 e 2019 (pois não constam as versões mais recentes no site, até a data da consulta (24 jun. 2023, 20h39min), temos autodeclaradas pessoas da cor/raça, considerando que o Anuário 2019 base 2018, neste quesito, traz um apanhado desde 2014, portanto, o período inclui o meu semestre de ingresso no curso e nele encontramos os registros que seguem ilustrados graficamente e descritos.

**Gráfico 2: Cor/Raça 2014-2018**



Consideremos como 100% (cem por cento) o total de 23.966 (vinte e três mil novecentos e sessenta e seis) cursistas, 3.383 (três mil trezentos e oitenta e três) equivalente a 14,1% (quatorze vírgula um por cento) não declararam sua cor/raça, 130 (cento e trinta) da Amarela, correspondente a 0,5% (zero vírgula cinco por cento), 258 (duzentos e cinquenta e oito) Indígenas correspondendo a 1,1% (um vírgula um por cento), 2.592 (dois mil quinhentos e noventa e dois) da Branca equivalente a 10,8% (dez vírgula oito por cento), 6.114 (seis mil cento e quatorze) Pardas, correspondente a 25,5% (vinte e cinco vírgula cinco por cento) e 11.489 (onze mil quatrocentos e oitenta e nove) Pretas, equivalente a 47,9% (quarenta e sete vírgula nove por cento), ressaltando que os grupos de pessoas Pardas e Pretas compõem a classificação racial da população Negra, com isso a representação aumenta para 17.603 (dezessete mil seiscentos e três) correspondente a 73,4% (setenta e três vírgula quatro por

cento), ou seja, o perfil da ampla maioria discentes, na área das humanas, são de pessoas negras e o curso de pedagogia acompanha essa representação (UNEB, 2019. p.25).

Todas essas são as principais motivações que justificam essa pesquisa. Julgo necessárias as abordagens com recortes raciais, em todas as áreas sociais, principalmente na educacional. Não há mais como ignorar as problemáticas que se evidenciam na sociedade, então devemos buscar compreendê-las para contribuir na busca por soluções e assim favorecer o estado de bem estar para todas as pessoas e isso perpassa pelo âmbito educacional e pela mediação docente, em todos os níveis de ensino. Acredito que os saberes desenvolvidos por cientistas negras podem proporcionar, em alguma medida, uma melhor relação humana, aqui também reconhecendo os saberes indígenas tão potentes e necessários quanto qualquer outro existente.

## 2- PERCURSO METODOLÓGICO

Traço o percurso metodológico deste trabalho com base nos princípios da pesquisa qualitativa e nos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa bibliográfica, com foco na análise documental, sobre a qual as cientistas mulheres negras Glaucia Santana Silva Padilha e Raimunda Nonata da Silva Machado defendem que

Um levantamento bibliográfico oferece uma multiplicidade de dados a que podemos recorrer para darmos sustentação ao tema de estudo, uma vez que é imprescindível na formulação de novos pensamentos e na construção de um referencial teórico, que alargar nossas possibilidades de pensar sobre um tema ou problema de pesquisa (PADILHA; MACHADO, 2019. p. 193).

Com isso, coaduno com o aprimoramento das autoras, e por isso adotei tal método, por considerar o mais adequado a essa proposta. Tive na matriz curricular do curso de licenciatura em pedagogia, da UNEB Salvador, um foco específico nos seus referenciais, de onde se desdobram diversas informações as quais se prestam, com relevância, ao desenvolvimento da minha escrita, como bem colocam as pensadoras sobre a utilidade dessa linha em estudos.

Todo esse trabalho teve como ponto de partida as leituras das produções advindas das Pensadoras Mulheres Negras, além da etapa de examinação de parte da Matriz Curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEB, em que me debrucei sobre os Referenciais Gerais e as Bibliografias Básicas (obrigatórias) e Complementares (optativas) das Ementas dos Projetos Políticos Pedagógicos-PPP's da referida graduação. Centrei, especificamente, nas últimas versões, a de 2007, por ser a que norteou a minha formação - iniciei a graduação em pedagogia em 2017.2 e na recém implementada em 2020.

A partir do exposto, analisei a matriz curricular do curso de licenciatura em pedagogia, da UNEB, Salvador, com foco específico nas referências bibliográficas, parte de onde se desdobram diversas informações as quais se prestam, com relevância, ao desenvolvimento da minha escrita, como colocam as pensadoras Glaucia Santana e Raimunda Nonata da Silva sobre a utilidade dessa linha em estudos.

Como afiança a Intelectual Mulher Negra, Pedagoga, Pesquisadora, Escritora, Dr.<sup>a</sup> em Educação Priscila Cristina Freitas sobre o Projeto Político Pedagógico, em sua dissertação de mestrado, ao dizer

O PPP é entendido como uma organização institucional e inserido a organização do trabalho pedagógico [...]. A construção desse documento configura para as instituições suas identidades, necessidades e compromisso, enquanto estabelecimento educacional.

E ela segue afirmando

O projeto político pedagógico (PPP) está vinculado ao currículo, nele consta o planejamento das metas que a unidade de Educação Infantil deseja atingir e, pensando na melhoria educacional, ele deve ser construído de acordo com a realidade das crianças (FREITAS, 2016. p. 147).

E por condizer com essa afirmação, estabelecida pela Dr<sup>a</sup> Priscila Freitas, é que desenvolvo essa pesquisa. Reconhecer o quão importante é a elaboração do PPP, não só para a educação infantil, como aqui destaca a autora, mas para o cenário educacional como um todo é necessário. Devemos considerar a realidade de todas as personagens inseridas nesse contexto para construir o PPP, quer seja na educação infantil, nível médio ou ambiente acadêmico científico. A sua elaboração deve estar coerente com a identidade e realidade dessas personagens de maneira equânime e é com base nesse entendimento que desenvolvo esse trabalho.

A Matriz Curricular se estabelece como importante elemento formador, como afiança a pensadora negra, Dr.<sup>a</sup> em linguística Prof.<sup>a</sup> Maria Nazaré Mota de Lima ao dizer “[...] a educação e o currículo colaboram para a construção de hegemonias e subordinações.” (LIMA, 2015. p.21), pois contribui para formar concepções, ideologias, conceitos e profissionais nas mais diversas áreas do saber e sociais que favorecem pessoas brancas em detrimento das pertencentes às outras etnias. Sendo assim, compreender a composição básica deste importante documento pode vir a favorecer um processo de decolonização educacional e, em decorrência, uma relação de troca de aprendizagens antirracista, sem qualquer espécie de preconceito, em futuro próximo.

Busquei as referências desses documentos, pois, para desenvolver esse meu trabalho, precisava detectar, primeiramente, como as Intelectuais Negras estão referenciadas no currículo da formação inicial das pedagogas, quantitativamente. Ao longo da graduação percebi o quanto teóricas mulheres negras são pouco indicadas. Realmente, devo admitir que existe a questão da identificação, senti falta de estudar com base nas minhas. Então, com inspirações empíricas, quis compreender melhor esse fenômeno da escassez dessas cientistas, já que outros nomes eram acionados repetidamente e entendidos como indispensáveis à nossa formação, os cânones.

Ainda sobre o referido instrumento formativo, devemos considerar o contexto nacional que vivemos e sobre isso, em outra de suas produções, a autora pesquisadora Maria Nazaré Mota de Lima explica:

A forma de pensar o currículo no Brasil revela uma trajetória de legitimação de uma educação monocultura que, além de ignorar as matrizes culturais africanas e indígena, cumpre o papel de desvalorização e reprodução de representações negativas desses repertórios culturais (LIMA, 2006. p. 39).

Ou seja, é histórico e se tornou cultural a prática do epistemicídio negro e aqui também reconhecendo a recorrência da segregação com nossas parentas indígenas. Ao considerar tal entendimento, a verificação do PPP se apresenta como imprescindível à minha pesquisa e as reflexões e provocações que proponho, por isso o evidencio.

Antes da análise das referências bibliográficas dos PPP's, iniciei realizando leituras das autoras com carreiras acadêmicas consolidadas, algumas estão referenciadas no documento (as destaco na sessão referente aos gráficos). São essas mulheres que respeitosamente denomino como Kipovis Mais Velhas, tais como Lélia González, Maria Carolina de Jesus, Ana Célia da Silva, Neusa Santos Souza, Narcimária do Patrocínio Luz, Tarry Cristina Santos Pereira, Maria Nazaré Mota de Lima, Conceição Evaristo, Joana Leôncio, Priscilla Leonnor Alencar Ferreira, Renata Aparecida Felinto dos Santos, entre tantas outras existentes, mas que, infelizmente, não consegui inserir nesse trabalho, porém também se constituem como minhas bases inspiradoras.

Junto a essas, ainda busquei acessar as escritas das minhas colegas recém-graduadas, minhas contemporâneas de formação, as quais denomino de Kipovis Mais Novas, aqui representadas por apenas cinco delas: Helem dos Santos Moreira (*in memoriam*), Thiffany Lima da Silva (Thiffany Odara), Tereza Cristina Santos Santana, Daiane Messias dos Santos e Vanile Santos Cavalcante. Existem muitas outras que gostaria e poderia mencionar, contudo, lamentavelmente, não consegui acessar suas produções em tempo hábil. Dentre as Kipovis Mais Velhas, algumas poucas, foram indicadas no transcorrer do curso, porém me aproximei da maioria delas por interesse próprio e, principalmente, com o propósito de enriquecer essa minha produção escrita e meus saberes de maneira geral.

Na sequência do percurso, uma vez com os PPP's em mãos, comecei os trabalhos pela matriz mais antiga, de 2007 (tendo em vista que houve uma reformulação curricular em 2020) partindo dos dois pontos que servem a investigação: os referenciais geral, que direciona todo o documento e as bibliografias básicas e complementares, específicas, referentes ao ementário de cada componente, ministrados em cada semestre, e procedi com o mesmo método no documento atual, 2020.

De maneira criteriosa e minuciosa, analisei os nomes das autoras e autores referenciados nas duas partes dos PPP's, conferindo cada indicação junto a Plataforma Lattes, num primeiro momento, buscando identificar se essas autoras e autores produzem partindo do ponto de vista das relações étnico-racial. Em seguida, complementei com o auxílio dos mais diversos recursos relacionados às redes sociais (Facebook, Youtube, Instagram, Blogge, etc.), particulares ou institucionais, tentei confirmar as identificações, assim associando as respectivas atuações (produções enquanto cientista) a sua pessoa, com o intuito de obter comprovação do perfil acadêmico dessas figuras indicadas e ainda de suas feições corporais, por ser relevante a essa produção.

Após distinguir as referidas citações, certificar e comprovar quem era a referida autora, criei um banco de dados digital, para arquivar sua foto identificada com: nome, número e com palavras-chave (essas palavras-chave estão associadas ao título do texto, ou linha temática, que é daquela autoria indicada na ementa). O principal intuito do arquivamento - em subpastas separadas e intituladas de acordo com: o semestre e a dimensão pedagógica relacionada, dentro das pastas de cada PPP - foi para melhor agrupar, assegurar e tabular os registros.

Para complementar, busquei manter, simultaneamente, as identificações em manuscritos anotados em cadernos para garantir o registro associado aos recursos digitais, criando uma codificação que combinava: números, letras, cores e fontes variadas, com isso favorecendo uma identificação personalizada, rápida e mais precisa. Pode-se verificar como ficou tal estrutura no exemplo: **01ftp - Ana Célia da Silva - formação docente**; então, **(01)**: serve apenas para quantificar e ordenar; **(ftp)**: refere-se a uma abreviação da dimensão pedagógica de cada semestre, aqui no caso é a sigla para Fundamentação do Trabalho Pedagógico, do primeiro semestre (2007); **(Ana Célia da Silva)**: nome da autora; **(formação docente)**: palavras-chave.

A esses, também acrescentava a identificação categorizando quanto ao Gênero/Sexo e a Cor/Raça, pois esse se configura com maior relevância à essa investigação. Utilizei siglas, conforme as iniciais de cada palavra que identifica quanto aos respectivos perfis mencionados, exemplo: para Gênero/Sexo **(m)** mulher/feminino ou **(h)** homem/masculino e para Raça/Cor **(n)** negra/o ou **(b)** branca/o, sempre junto aos respectivos nomes anotados. Quando havia dúvida, quanto a qualquer aspecto, sinalizava com uma interrogação (?) e para esses agrupei em uma única categoria denominada Outras, pois houveram referências

que não consegui encontrar imagens das pessoas ou tive dificuldade em analisar quanto à cor/raça ou que ainda não consegui encontrar nenhuma informação sobre sua linha de atuação investigativa.

Desse modo, as cinco categorias de intelectuais que criei e aqui analisei, são de: Mulheres Negras, Homens Negros, Outras, Mulheres Brancas e Homens Brancos. Esses manuscritos se revelaram muito úteis, no momento de discorrer sobre o perfil dos dados (já que o intervalo entre as etapas de coleta dos dados, análises e desenvolvimento dessa escrita foi alongado em meses), serviram para recordar detalhes, confirmar e complementar as informações, as quais não estavam registradas no arquivamento digital.

As indicações referenciadas na bibliografia, que não conseguia obter comprovações fotográficas, mantive somente nos registros manuscritos, logo não criando arquivo digital imagético, com isso, essas indicações foram consideradas na contagem da subdivisão Outras, a qual engloba os não identificados com precisão (sem foto, sem precisar gênero/sexo ou cor/raça). É preciso salientar que esses aspectos estão dissociados, eles não dizem respeito a mesma pessoa, varia entre uma ou outra situação encontrada.

Ao me encontrar no início dessa etapa, fiz algumas anotações em anexo, de forma intuitiva, por considerar que tais anotações poderiam vir a servir à minha escrita, tais acréscimos referiam-se a: nacionalidade, características fenotípicas corporais, ano de nascimento, observações específicas que ocorriam, se tinha Currículo Lattes ou não, se possuía foto no Lattes ou não, etc. Dentre essas anotações uma se revelou de fundamental importância à minha investigação, a quanto a quantidade de vezes que aquela referência era mencionada e a isso acresci a precisa identificação em qual semestre/componente já havia sido indicada anteriormente, seguindo registrando da mesma forma no documento mais recente e, também, se essa já havia aparecido no PPP antigo.

Esse trabalho exigiu muito cuidado, tempo e atenção, pois precisava assegurar a credibilidade que uma produção acadêmica (nos padrões convencionados como crédulo) requer, por isso, reforço, atuei de maneira minuciosa e criteriosa. Ao término dessa etapa, partiu para a sistematização dos dados, recorrendo a todos os formatos de registro que criei. Contabilizei, converti em gráficos e prossegui com a escrita, agora, com base nas análises dessas evidências que obtive.

Antes de tudo, preciso salientar que tais registros fotográficos arquivados serviram e servirão, tão somente, para verificações e comprovações, dentro da primeira etapa de análise documental, na minha pesquisa. Não exibirei tais conteúdos em nenhuma apresentação que venha a realizar, decorrente dessa produção, por princípios éticos junto a direito de imagem, ficando restrito a mim, enquanto autora, o meu orientador Prof. Antônio Cosme Lima da Silva e as certificadoras que virão a compor a banca avaliadora ao término deste trabalho, caso solicitem comprovação dos dados, por serem as pessoas que validarão a minha pesquisa e formação em nome da instituição onde graduo.

### **3- GRÁFICOS, O QUE NOS APRESENTAM?**

#### **3.1- Introdução à Análise dos Dados Gráficos Pesquisados**

Após levantar os dados e convertê-los em gráficos, para começar, somei os quantitativos totais dos referidos documentos, PPP 2007 mais o 2020. Com isso, somados, os dois comportam 318 (trezentos e dezoito) cientistas em seus referenciais gerais.

Quanto às especificidades de cada um, contabilizei 55 (cinquenta e cinco) nomes, no referencial geral do primeiro, mais um total de 1.281 (mil duzentos e oitenta e uma) autoras/es indicadas/os e distribuídas nas respectivas ementas dos componentes da antiga matriz.

Já na versão atual do currículo, os referenciais geral contém 263 (duzentos e sessenta e três) pesquisadoras/es e mais 2.079 (dois mil e setenta e nove) disseminadas/os ao longo de cada ementa de cada componente em particular e foi a partir desses números que realizei as análises, converti em gráficos e firmo o desenvolvimento da minha escrita.

Ressalto, ao analisar as ementas dos componentes curriculares, que notei algumas repetições recorrentes. Para contabilizar, a minha análise considerou não somente as indicações inéditas, mas essas repetições também, assim contabilizando cada indicação pessoal redita como uma possibilidade de ali ser outra personalidade científica, outra indicação pessoal. Digo indicação pessoal, pois existem menções aos textos legais (Constituição do Brasil, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica e Plano Nacional de Educação, etc.) que servem de base e também são referenciados em ambos os documentos, mas as não pessoais não foram consideradas nesta investigação.

Ao comparar as duas matrizes curriculares percebi que há um significativo aumento numérico de indicações da matriz antiga em relação à nova. Tal aumento proporcionou uma expansão das menções a autoras e autores negros, contudo se faz necessário avaliar percentualmente o perfil dessa ampliação, para além das características do corpo. As ilustrações nos gráficos traduzem melhor e nos ajudam a perceber e compreender tais alterações.

### 3.2- Detalhes Gráficos

Início da Referência que embasa o Projeto Político Pedagógico, das duas versões (2007 e 2020), como um todo, para depois adentrar expondo as ilustrações gráficas das ementas dos respectivos componentes e derivações. Para cada representação associao textos explicativos, com associações dos dados em percentuais e quantitativos numéricos, para possibilitar melhor compreensão dos referidos informes pesquisados e apresentados.

As imagens traduzem com base nos critérios antes expostos e explicados, na metodologia, para os quais justifiquei as nomenclaturas, siglas e categorias adotadas. A série é ordinal, sempre gerada primeiramente no documento mais antigo (2007) seguida da interpretação do documento que o sucede (2020), exibindo seus referenciais gerais, que fundamentam todo documento, para, na continuidade, os específicos de cada ementa, dos respectivos componentes. Desse modo, identifico, ilustro e descrevo na continuidade a seguir.

### 3.3- Gráficos referenciais gerais dos PPP's

De início, se faz necessário apresentar dois quadros, como forma de introduzir as análises das Referências Bibliográficas Gerais e dos ementários, de cada semestre, das duas versões dos Projetos Políticos Pedagógicos-PPP (2007 e 2020), do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia-UNEB Campus I. Os diagramas referem-se aos quantitativos numéricos, e em percentual, dos perfis das pessoas cientistas, que são indicadas nos Referenciais Gerais do documento, ou seja, em quem, a equipe responsável por elaborar o currículo do curso (gestões, corpo docente, Núcleo Docente Estruturante - NDE e representação estudantil) se fundamentaram para produzi-lo e assim estruturar o curso.

As indicações que constam nos referenciais gerais, nem sempre ressurgem nos referenciais dos ementários dos componentes, é preciso ressaltar. Há diferenças interessantes, entre uma versão e a outra, provavelmente, em função do aspecto temporal, pois há uma distância de mais de uma década, entre a elaboração das duas matrizes curriculares, algo que influencia na elaboração, pois os contextos sociais, políticos, entre outros aspectos, são diferentes. Se fez necessário pensar no redimensionamento do curso, com isso surgiu a oportunidade de mudanças na formação inicial em pedagogia e aqui verifico e apresento parte dessas alterações, ao que tange às citações bibliográficas.

Como explicado antes, as análises seguem realizando as verificações dos fenótipos corpóreos das pessoas referenciadas e as organizando de acordo com as categorias em que se encaixam.

Reforço, criei cinco possibilidades de agrupamento/categorias (associadas à minha linha investigativa e escrita): Mulheres Negras, Homens Negros, Outras, Mulheres Brancas e Homens Brancos, assim distribui, contabilizei e converti em percentuais e graficamente.

**Gráfico 3: Referenciais geral do PPP 2007**



O esquema acima exhibe os dados quantitativos do referencial geral, do PPP 2007. Temos um total de 55 (cinquenta e cinco) pessoas nessas referências, o que equivale a 100% (cem por cento), dessa parte do documento. Desses, 0% (zero por cento), ou seja, não há representação considerável de autoras mulheres negras, que atendam aos critérios estabelecidos nessa pesquisa, 0% (zero por cento), ou seja, também não há representação de autores homens negros, 36,4% (trinta e seis vírgula quatro por cento), ou seja, 20 (vinte) correspondem a autores homens brancos, 32,7% (trinta e dois vírgula sete por cento) ou seja 18 (dezoito) correspondem a autoras mulheres brancas e 30,9% (trinta vírgula nove por cento), ou seja, 17 (dezessete) correspondem a categoria outras.

Percebe-se que aqui não há demarcação de autoras ou autores negras/negros, mas ainda podemos considerar que na categoria Outras pode haver intelectuais que se identifiquem como pessoa negra, contudo os critérios que saliento, e que são preteridos pela sociedade acadêmica racista, não são notados com nitidez, por isso a incerteza na identificação, apesar de uma ou outra pessoa possuir uma ou outra característica que deixa margens a dúvida. Mesmo assim, se considerarmos que a categoria outras é composta por cientistas negras/os o quantitativo seria inferior ao de cientistas brancas/os, nessa parte do documento.

Outra possibilidade importante, a ser considerada, é o momento, contexto em que se deu a elaboração desse currículo. Apesar de já estarmos (haviam quatro anos) sob as determinações da Lei 10.639/03<sup>3</sup>, ainda não foi possível perceber qualquer benefício quanto as suas deliberações, pois nenhum assunto, conteúdo, temática raciais foram incorporadas amplamente às bases que fundamentam o currículo, tampouco pesquisadoras e pesquisadores negras/os, com fenótipos corpóreos nítidos, foram adotadas/os, reconhecidas/os.

As temáticas, sugeridas, que mais podem vir a se aproximar das pautas, negras e afro, são as que abordam dentro da perspectiva inclusiva, social, cultural ou de, talvez, recursos humanos, porém são abordagens muito amplas, genéricas, sem o recorte racial necessário, sem a profundidade racializada devida, a qual proporciona letramento sobre o racismo e as discussões raciais. Com isso, fica evidente a escassez das intelectuais negras e, conseqüentemente, das suas ideias, nesse gráfico.

---

<sup>3</sup> Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

**Gráfico 4: Referenciais gerais do PPP 2020**

Quanto ao gráfico ilustrativo dos Referenciais gerais, do Projeto Político Pedagógico, do Curso de Pedagogia, elaborado em 2020, temos os seguintes dados: no total existem 263 (duzentos e sessenta e três) pessoas nessas referências, o que equivale aos 100% (cem por cento), dessa parte do documento. Desses, 20,2% (vinte vírgula dois por cento), ou seja, 52 (cinquenta e dois) correspondem a autores homens brancos, 32,3% (trinta e dois vírgula três por cento) ou seja 85 (oitenta e cinco) correspondem a autoras mulheres brancas, 13,3% (treze vírgula três por cento) ou seja 35 (trinta e cinco), correspondem a autoras mulheres negras, 6,8% (seis vírgula oito por cento), ou seja, 18 (dezoito) correspondem a autores homens negros e 27,4% (vinte sete vírgula quatro por cento), ou seja, 72 (setenta e dois) correspondem a categoria outras.

Percebe-se que, em relação a matriz, antiga ocorre uma mudança, um aumento, já que antes os registros eram menores, porém precisamos ler, analisar e refletir sobre essa alteração. Devemos considerar que se passaram um intervalo de treze anos entre a elaboração dos documentos, ou seja, tempo suficiente para aprofundar a compreensão quanto a importância das determinações das Leis 10.639/03 e 11.645/08<sup>4</sup>. Nessa versão atual surgem alguns nomes,

<sup>4</sup> Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

como o da Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Cláudia Pons Cardoso, mulher negra, nacionalmente reconhecida por seu ativismo em defesa das reivindicações sobre mulher, raça/etnia, feminismo e gênero, principalmente no ambiente acadêmico científico, porém a maior parte de suas/seus colegas que identifiquei como negra/o, segundo os critérios considerados neste trabalho, não pautam, não produzem cientificamente com recorte racial, como ela.

Devo ressaltar que para contabilizar essas/es companheiras/os negras/os nos referenciais, junto a Cláudia Pons, foram levadas em consideração, apenas, por possuírem características físicas corporais negras nítidas, inegáveis, pois tais citações não ofertam recorte racial em seus fazeres científicos, como ela realiza. Entretanto, não basta possuir os traços negros evidentes, é preciso uma consciência da sua negritude, a qual, no caso, deve ser revelada, demarcada nas suas produções intelectuais, nos seus discursos e fazeres acadêmicos como bem pratica Cláudia Pons. Reivindico uma representatividade curricular coerente, reparativa, e conseqüentemente formativa, para além do fenótipo corporal.

Ainda emerge outro aspecto relevante, um desdobramento quanto ao quantitativo, o qual não está demarcado no gráfico, mas que é perceptível e de fácil comprovação. Considerando a detecção sobre o ínfimo aumento de intelectuais negras, nos referenciais gerais 2020, podemos considerar que essa taxa, de mulheres negras, pode ser maior se na categoria outras houver, comprovadamente, intelectuais dentro dos critérios preestabelecidos nessa pesquisa ou, até mesmo, que todas as pessoas contidas na categoria outras sejam negras, mesmo assim ainda prevalece uma maioria branca.

Para confirmar tal percepção basta calcular, somando os registros correspondentes às pessoas brancas e extrair o total, quando obtemos 52,5% (cinquenta e dois vírgula cinco por cento), ou seja, 138 (cento e trinta e oito) correspondem às pessoas brancas cientistas. Ao proceder com igual método com as pessoas negras, adicionando os números correspondentes a categoria outras, obtemos 47,5% (quarenta e sete vírgula cinco por cento), ou seja, 125 (cento e vinte cinco) que poderiam corresponder às pessoas negras cientistas, mas que ainda assim não superaria o quantitativo de pessoas brancas. Portanto, mesmo que a diferença fosse reduzida, não seria equânime, considerando que estamos em um contexto institucional de maioria negra, prevaleceria a inferiorização.

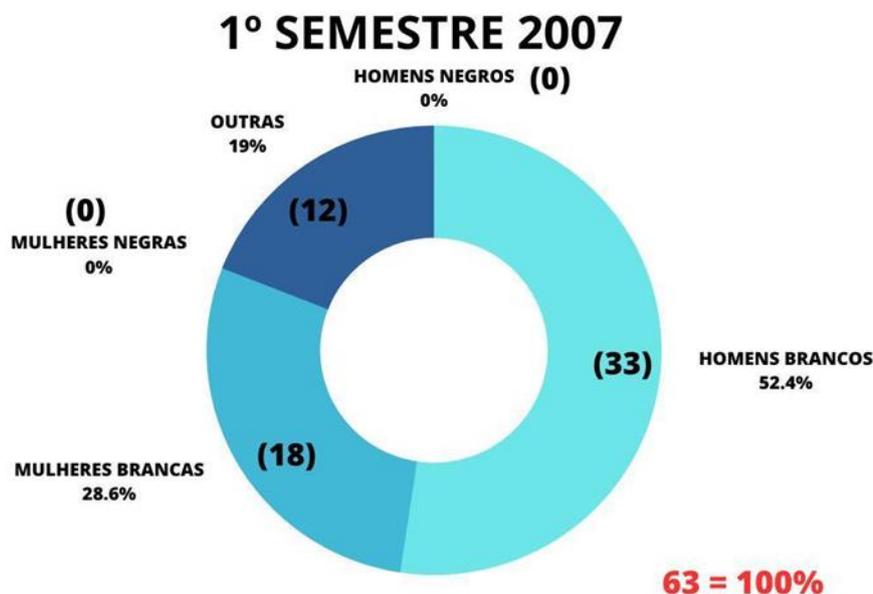
Assim, exponho as análises dos referenciais gerais, dos dois documentos. Na sequência, segue a apresentação quanto aos dados específicos dos referenciais do ementário de cada

componente, de cada semestre, de cada versão de PPP. Trago as explicações em textos, precedidos dos respectivos gráficos, como exposto até então, nessa etapa anterior.

### 3.4- Gráficos das Ementas dos Componentes 2007

O gráfico abaixo continua expondo, no seu primeiro semestre, uma amostra do que estava estabelecido nos referenciais gerais, da matriz curricular de 2007, a notória ausência de autoras e autores negras/os.

**Gráfico 5: Ementas 1º semestre 2007**

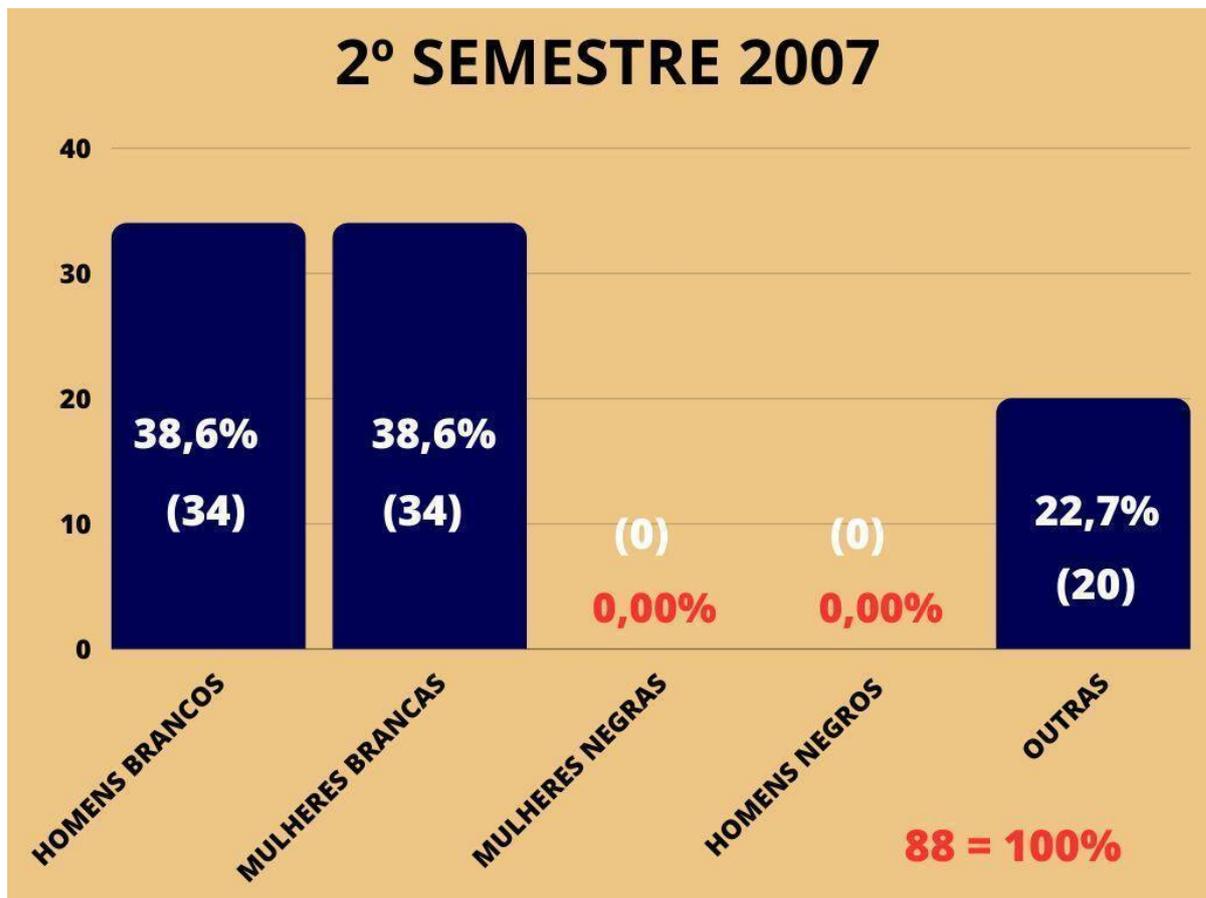


Tínhamos um quantitativo de 63 (sessenta e três) equivalentes aos 100% (cem por cento) das menções relacionadas, para esse período introdutório na formação inicial em pedagogia. Nesse conjunto, demarca com 0% (zero por cento) na categoria de mulheres negras intelectuais e o mesmo 0% (zero por cento) equivale para a representação de homens negros intelectuais, ou seja, não há representação evidente de pessoas e ideias afrodescendentes, nesse semestre; 52,4% (cinquenta e dois vírgula quatro) que corresponde ao quantitativo de 33 (trinta e três) homens brancos intelectuais, 28,6% (vinte oito vírgula seis) ou 18 (dezoito) mulheres brancas intelectuais e 19% (dezenove por cento) ou 12 (doze) equivalente a categoria outras.

Como já dito, neste agrupamento repete-se a invisibilização das pessoas negras intelectuais. Mesmo se considerarmos o total da categoria outras como cem por cento negras não equipara

ao de aparições brancas, pois somaríamos os zeros de cientistas afrodescendentes aos 19% (dezenove por cento) de outras e nada alteraria, já somando as categorias de pessoas brancas obteríamos 81% (oitenta e um por cento) ou o quantitativo de 51 (cinquenta e uma) cientistas brancas/os, a ampla maioria. O desfavorecimento é contundente, ao que dependesse das orientações dessa matriz curricular as calouras/os não acessariam os pensamentos, produções e as próprias intelectuais negras.

**Gráfico 6: Ementas 2º semestre 2007**



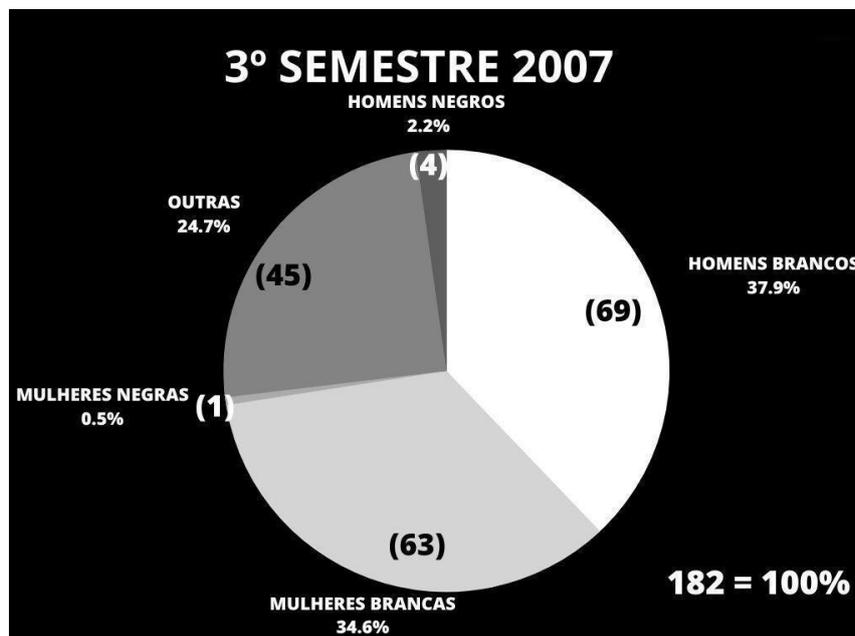
A representação gráfica acima traduz o conjunto das menções referenciadas nas ementas, dos componentes do segundo semestre 2007. Sobre o quantitativo, haviam 88 (oitenta e oito) citações respectivas a 100% (cem por cento) do quadro. Percebemos que persiste a escassez de pessoas negras, nessa etapa formativa, pois da exploração evidencia-se os mesmos marcos zeros ao buscar intelectuais afrodiáspóricas. Já ao que tange os perfis de intelectuais brancas/os emerge uma curiosidade, os quantitativos coincidem, dividem-se igualmente entre as pessoas brancas, onde obtemos os exatos 38,6% (trinta e oito vírgula seis por cento) ou 34

(trinta e quatro) para cada uma das categorias de pesquisadoras/es brancas e brancos e 22,7% (vinte e dois vírgula sete) ou 20 (vinte) correspondendo a categoria outras.

Entendo que esse fenômeno ocorreu como uma coincidência, porém ela simboliza uma realidade. Talvez, a distribuição tácita que ocorre entre a branquitude não seja tão precisa, como a sucedida aqui, mas sabemos que ela existe e se estabelece de diversas maneiras. Infelizmente, podemos considerar como emblemática, a ilustração, pois é esse o cenário social imposto pelo racismo, onde pessoas negras e indígenas são invisibilizadas, as brancas destacadas como maioria padrão e as outras são homogêneas, são todas aquelas que “não são ninguém” ou são reduzidas a “é tudo a mesma coisa”.

É importante evidenciar que nesse semestre havia o componente (ED0557) História e Cultura Indígena a ser mediado, porém não se percebe indicações de intelectuais parentes, ativistas dos povos originários, algo que considero uma deslegitimação, pois a estética, o fenótipo corporal indígena é muito potente e indicar cientistas que sustentam/ostentam sua aparência natural se torna uma forma de (re)existência didática, por nos ensinar a conviver com a outra forma de existência como ela é, sendo assim, infelizmente não percebi, com nitidez, em nenhuma das pessoas referenciadas essa estética autêntica das comunidades indígenas. Não são só as ideias, o fenótipo e corporeidade das intelectuais referenciadas, também, evidencia uma tendência antirracista e decolonizada da matriz curricular, como sinalizo desde o título dessa produção.

### Gráfico 7: Ementas 3º semestre 2007



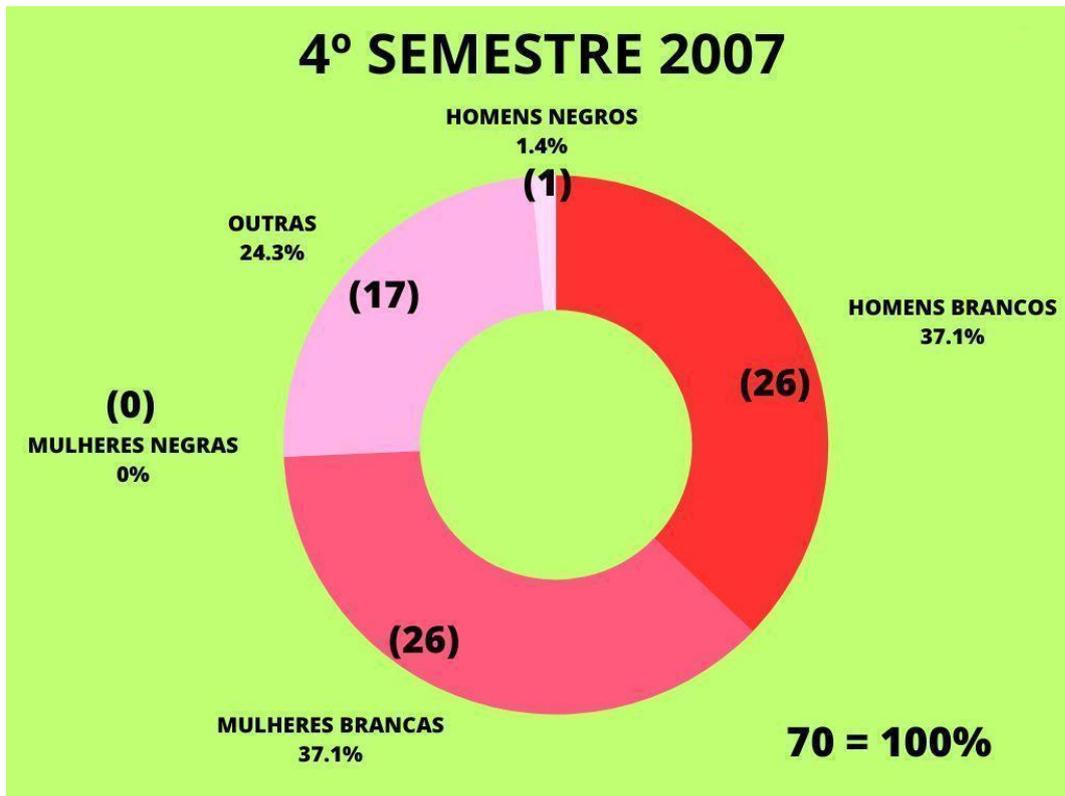
Nesse gráfico, há uma tímida aparição de intelectuais negras/os nos ementários dos componentes do terceiro semestre de 2007. Sobre o quantitativo, havia 182 (cento e oitenta e dois) menções, equivalendo aos 100% (cem por cento) do período. Aqui, 0,5% (zero vírgula cinco por cento) correspondente a apenas 1 (uma) indicação de mulher negra; 2,2% (dois vírgula dois por cento) ou 4 (quatro) de homens negros; 24,7% (vinte e quatro vírgula sete por cento) ou 45 (quarenta e cinco) respectivo a categoria outras; 34,6% (trinta e quatro vírgula seis) ou 63 (sessenta e três) relacionado a mulheres brancas e 37,9% (trinta e sete vírgula nove) ou 69 (sessenta e nove) indicações de homens brancos.

Esse período desponta com indicações negras limitadas, apesar de ser um semestre onde consta o componente obrigatório (ED0561) História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. As poucas referências negras afroativistas que surgem são justamente em função desse componente, nomes como o do Antropólogo brasileiro-congolês, Prof., Dr. Kabengele Munanga, do historiador carioca, Prof. Joel Rufino dos Santos (invisibilizado nos referenciais, pois é citado de forma abreviada: SANTOS, J.R, só o identifiquei depois de muito persistir na busca), do sociólogo britânico-jamaicano, escritor e teórico cultural Stuart Hall, do escritor, Prof., Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral (possui traços corpóreos negros evidentes, porém não consegui confirmar se atua com viés afroativista) e o da Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup>, pesquisadora das temáticas raciais Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, a única intelectual mulher negra aqui (mencionada de maneira indireta, apenas, na bibliografia complementar).

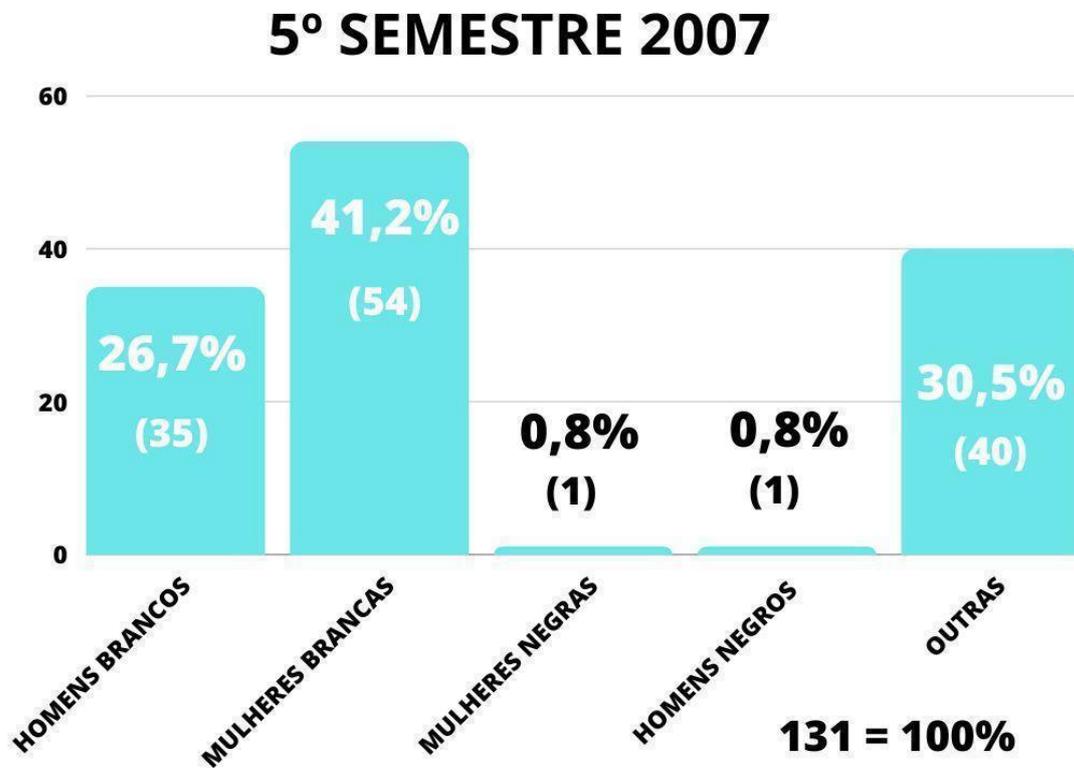
Petronilha Gonçalves foi a relatora responsável pelo Parecer do Conselho Nacional de Educação 2004, contudo na bibliografia a referência é ao documento e não a sua pessoa, o que não desmerece sua atuação, porém poderiam haver indicações das suas escritas individuais, já que possui vasta produção científica dentro da temática.

Percebe-se que nem um componente genuinamente de conhecimento dos povos negros nos é conferida, ao menos, maioria. É importante ressaltar que não defendo o princípio da estigmatização, quando se acredita que “isso é assunto de gente preta, só elas podem tratar”, como se entende, equivocadamente, no senso comum, pois nos interessamos, pesquisamos, produzimos e somos capazes de tratar de qualquer temática, porém o que percebemos nesta análise é que há um descrédito, e porque não considerar, uma apropriação dos nossos domínios legítimos. Sem dúvidas, as cinco referências indicadas nos representam, enquanto intelectuais negras e negros, contudo parece/em que só é/são citada/os para cumprir uma cota, pois a prevalência é de cientistas brancos.

**Gráfico 8: Ementas 4º semestre 2007**



Essa ilustração nos permite acessar os dados sobre as ementas do quarto semestre do PPP de 2007. Nele, temos o total de 70 (setenta) autoras/es, correspondente aos 100% (cem por cento) de indicações nas bibliografias das ementas dos componentes. Nesse período, persiste a ausência de Intelectuais Mulheres Negras, assim representado por 0% (zero por cento); apenas 1 (um) intelectual homem negro ou 1,4% (um virgula quatro por cento); 17 (dezesete) ou 24,3% (vinte quatro vírgula três por cento) agrupadas/os na categoria outras; 26 (vinte e seis) ou 37,1% de cientistas brancas/os, repetindo a incrível coincidência já ocorrida no segundo semestre. Nota-se que a discrepância persiste, ou seja, há uma maioria absoluta de pessoas brancas indicadas nas bibliografias.

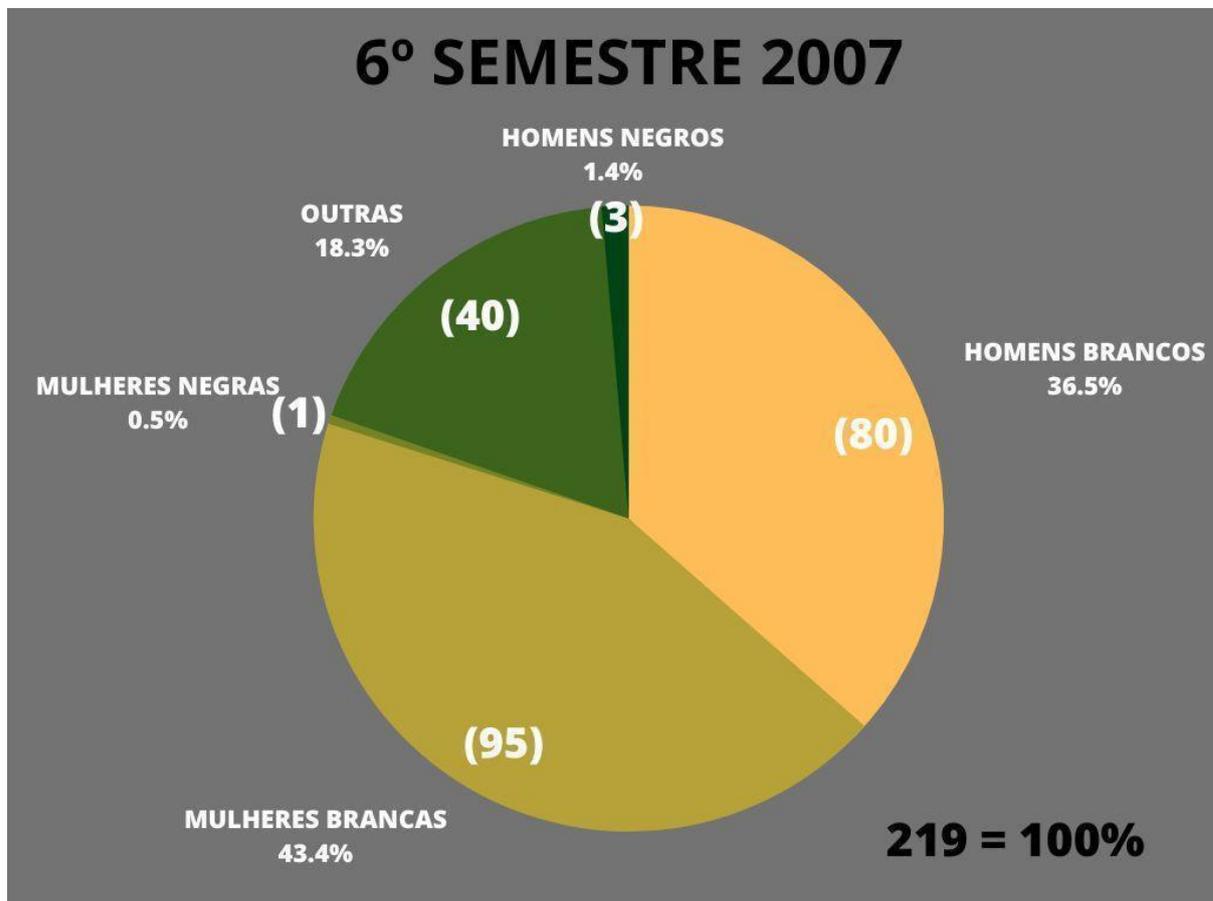
**Gráfico 9: Ementas 5º semestre 2007**

Sobre a ilustração gráfica acima, relacionada aos ementários do quinto semestre do PPP 2007, podemos constatar que não há alterações significativas. Registra-se 131 (cento e trinta e uma) indicações nas bibliografias, como 100% (cem por cento) na análise. Os mesmos números para cientistas negras e negros, sendo 1 (um) ou 0,8% (zero virgula oito por cento) para cada representatividade intelectual negra; 40 (quarenta) ou 30,5% (trinta virgula cinco por cento) no agrupamento outras; 54 (cinquenta e quatro) ou 41,2% (quarenta e uma virgula dois por cento) de mulheres brancas e 35 (trinta e cinco) ou 26,7% (vinte e seis virgula sete por cento) de homens brancos. Aqui temos duas situações que se invertem: pela primeira vez, a impressionante coincidência quantitativa de intelectuais negras e negros referenciadas/os, sendo que a simultaneidade, dessa vez, marca pela redução e não pela ampliação, como ocorrido com as indicações de pessoas brancas e a outra é a superação do quantitativo de autoras mulheres brancas, pois até aqui só marcaram em igualdade ou em menor número, logo abaixo dos autores homens brancos.

É necessário salientar que neste semestre estão concentrados os componentes que tratam da Dimensão Curricular: Ensino e Trabalho Docente no Ensino Fundamental, os chamados Referenciais Teórico-Metodológicos do Ensino (RTM's) das diversas matérias de ensino, onde trocamos experiências quanto às formas de mediar os conhecimentos. Ao considerar esse aspecto, retornemos aos dados referentes às duas indicações negras que surgem nesse período. Temos a intelectual afrodescendente, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Dinair Leal da Hora, aqui considerada por seus traços corporais negros evidentes, porém não oferta recorte racial nas suas atuações acadêmicas científicas. Como representante intelectual homem negro, temos o Advogado, Geógrafo, Prof., Dr. Milton Almeida dos Santos (Milton Santos), que apesar de ser grande referência nas discussões geográficas, só é indicado na bibliografia complementar.

Fico a questionar, o que justifica tamanha desconsideração se não o racismo?! Pois, uma vez indicado como optativo, suas ideias, produções podem ser ou não trabalhadas, por ficar a critério de quem media o componente curricular. Estudei essa matéria e, confesso, não me recordo de ter lido ou discutido nada associado ao professor Milton Santos.

Considero relevante, também, ressaltar outro aspecto, que se configura um agravante, pois não há indicações de intelectuais negras/os, pesquisadoras/es, referenciada para a RTM de História. Muitas são as pessoas negras afroativistas que possuem formação nessa área e que poderiam contribuir, efetivamente, para desenvolver e aperfeiçoar métodos, principalmente, pensando em contemplar as Leis 10.639/03 e 11.645/08 (que tratam das culturas afro-brasileiras e indígenas na educação), fato que, no mínimo, configura uma contradição. Há um desejo e uma necessidade real (entre boa parte das graduandas de pedagogia) em nos familiarizarmos com essas/es autoras/es e nesse componente a oportunidade se apresenta, contudo, não se efetiva com coerência, ao que dependia dessa matriz curricular, como se pode constatar.

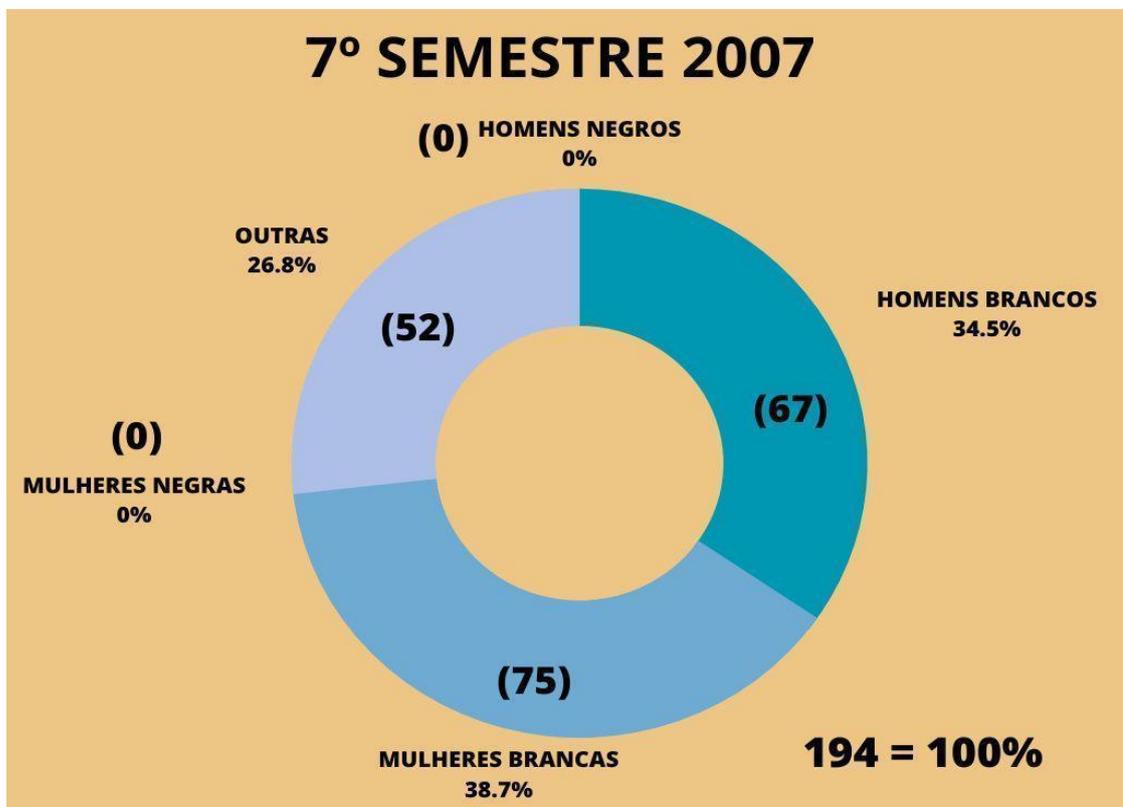
**Gráfico 10: Ementas 6º semestre 2007**

Nesse diagrama, referente às indicações bibliográficas dos componentes das ementas do sexto semestre 2007, seguimos sem expressivas modificações. As proporcionalidades se mantêm como ocorrido até aqui. Consideremos 219 (duzentos e dezenove) como 100% (cem por cento). Aqui, as mulheres negras continuam na casa do unitário, com apenas 1 (uma) ou 0,5% (zero vírgula cinco por cento) como representação quantitativa; 3 (três) ou 1,4% (um vírgula quatro por cento) de homens negros; 40 (quarenta) ou 18,3% (dezoito vírgula três por cento) no agrupamento outras; 95 (noventa e cinco) ou 43,4% (quarenta e três vírgula quatro por cento) de mulheres brancas e 80 (oitenta) ou 36,5% (trinta e seis vírgula cinco por cento) de homens brancos. Sem delongas, percebemos que a hegemonia branca é mantida, na medida em que avançamos nos semestres, mesmo com o aumento numérico de indicações o percentual de intelectuais negras permanece diminuto.

Nas quatro indicações negras referenciadas temos: o professor Milton Santos, que novamente é indicado na bibliografia complementar; o Dr., Prof. da UNEB Elizeu Clementino de Souza, aqui indicado duas vezes (nas bibliografias básica e complementar), considerando que em sua

atuação acadêmica não se destaca abordagens com recorte racial. E quanto a indicação que aponta a intelectual mulher negra, temos, na bibliografia básica, a Cientista Portuguesa, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Maria Isabel Lobo de Alarcão e Silva Tavares, que apesar de não pesquisar com recorte racial, nos representa por sua atuação enquanto descendente afrodiaspórica, que atua em ambiente acadêmico europeu e isso já se configura uma postura de genuína (re)existência, em virtude da sua estética negra incontestável.

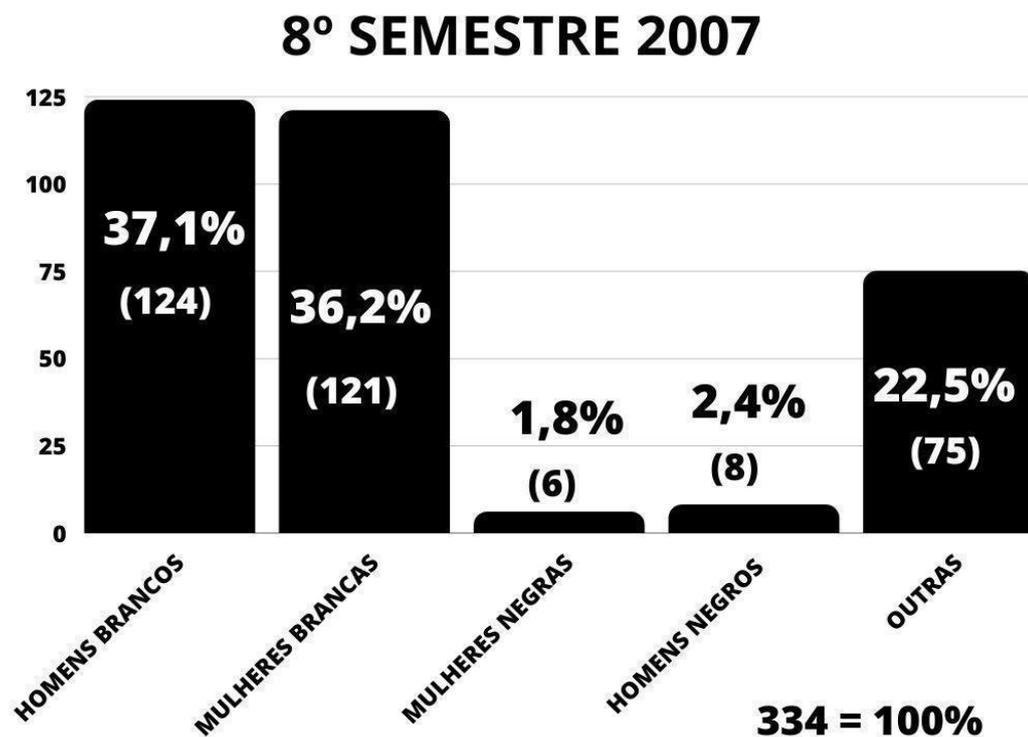
**Gráfico 11: Ementas 7º semestre 2007**



O esquema acima ilustra os dados relativos aos referenciais dos componentes dos ementários do PPP do sétimo semestre 2007. Obtivemos 194 (cento e noventa e quatro) como 100% (cem por cento). Seguimos sem novidades, as indicações intelectuais referentes as pesquisadoras/es negras e negros marcam em igualdade, sem nenhuma sugestão ou 0% (zero por cento); 52 (cinquenta e duas) ou 26,8% (vinte e seis vírgula oito por cento) na categoria outras; 75 (setenta e cinco) ou 38,7% (trinta e oito virgula sete por cento) de mulheres brancas e 67 (sessenta e sete) ou 34,5% (trinta e quatro virgula cinco por cento) de homens brancos.

Aqui, prossegue os trabalhos com os RTM's, considerando, em especial, o componente (ED0582) Referenciais Teórico- Metodológicos do Ensino das Ciências Sociais na Educação Infantil. Por se tratar dos entendimentos que emergem dos estudos sobre as interações sociais e os perfis culturais e humanos que compõem a sociedade, entre outras coisas, entendo que é imprescindível diversificar as fontes, por isso aqui também reitero, mais uma vez, a contradição se repete, pois não há indicações de cientistas negras e negros ou indígenas nos referenciais das ementas desse semestre. Esse é um componente que oportuniza acessar cosmovisões diferentes da eurocêntrica, imposta pelo homem branco, e tal oportunidade pode ser efetivada através de pesquisas realizadas por pessoas negras e indígenas, assim descolonizando a mediação curricular.

**Gráfico 12: Ementas 8º semestre 2007**



Essa ilustração demonstra a soma dos quantitativos que constam nas bibliografias dos componentes dos ementários do oitavo semestre do PPP 2007. Consideremos 334 (trezentos e trinta e quatro) como 100% (cem por cento) do período. Percebemos o ínfimo aumento nas indicações negras, pois eleva para 6 (seis) ou 1,8% (um vírgula oito) as aparições de mulheres

negras e para 8 (oito) ou 2,4% (dois vírgula quatro por cento) os homens negros; 75 (setenta e cinco) ou 22,5% (vinte e dois vírgula cinco) na categoria outras; 121 (cento e vinte e uma) ou 36,2% (trinta e seis vírgula dois por cento) de mulheres brancas e 124 (cento e vinte e quatro) ou 37,1% (trinta e sete vírgula um por cento) de homens brancos.

Ao comparar, com os números objetivos anteriores, temos a ilusão que houve um aumento nas indicações negras. Porém, levando em consideração que esse é o semestre que acumula o maior número de referências bibliográficas na matriz curricular do curso e ainda abriga as matérias (ED0557) História e Cultura Indígena e (ED0587) Educação e Relações Étnico-Raciais (disciplinas criadas com uma proposta e direcionamento específico para promover uma educação antirracista), então percebemos que o aumento é relativo. Consideremos ainda que algumas menções negras são reindicações, como é o caso da Professora Maria Isabel Lobo de Alarcão e Silva Tavares e do Professor Kabengele Munanga, aqui é referenciado quatro vezes. As outras indicações negras se configuram para além da corporeidade, como defendo, pois, boa parte investiga e produz com recorte racial.

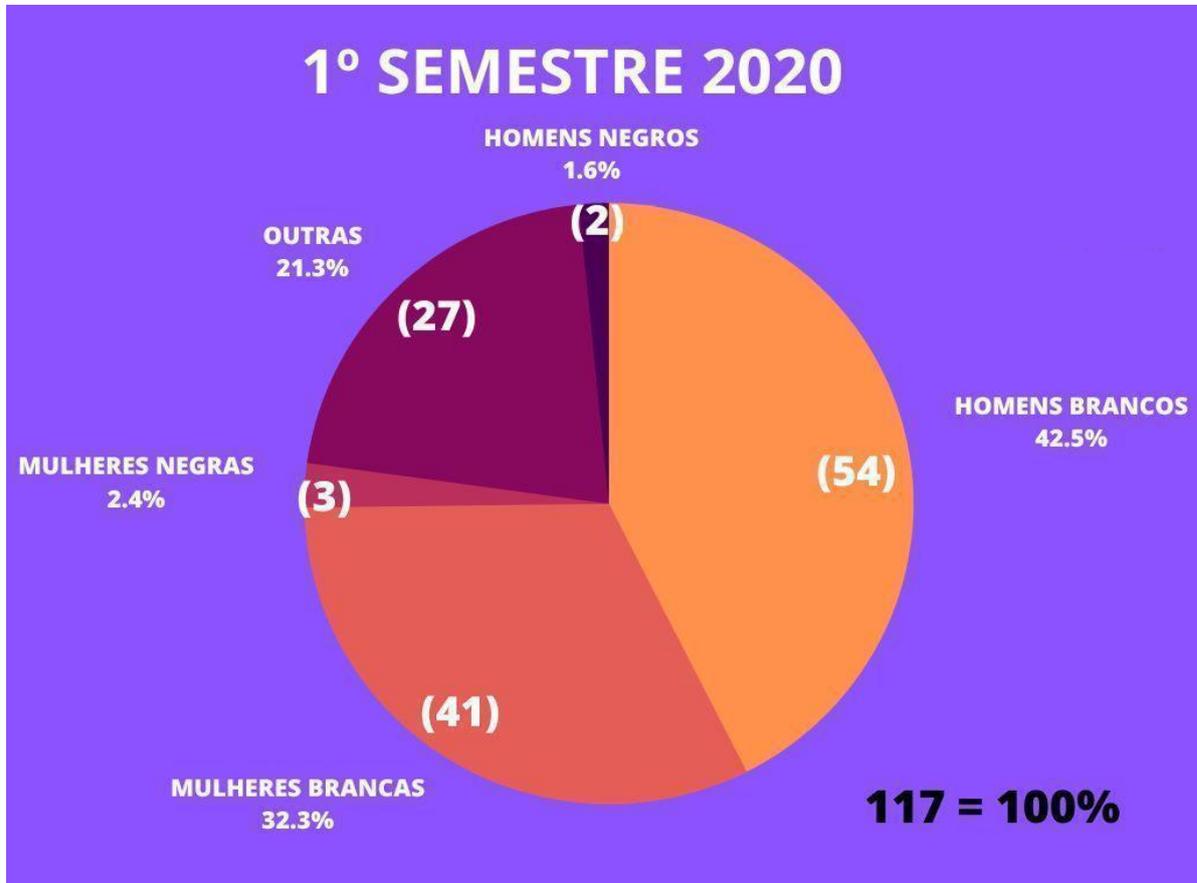
Seguindo destacando as demais indicações desse semestre, temos nomes como: os das cinco Intelectuais Mulheres Negras, a Psicóloga, Dr<sup>a</sup> Maria Aparecida Cida Silva Bento, a Escritora, Prof.<sup>a</sup>, Dr<sup>a</sup> Eliane dos Santos Cavalleiro, a Pedagoga, Dr<sup>a</sup> Maria José de Jesus Alves Cordeiro, a Pedagoga, Dr<sup>a</sup> Narcimária Correia do Patrocínio Luz e o da também Pedagoga, Dr<sup>a</sup> Nilma Lino Gomes; quanto aos intelectuais homens negros, foram destacados o escritor Alemão, Dr. Jacques Edgard D'Adesky, o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Prof., Dr. Joaquim Benedito Barbosa Gomes, o Cientista Social, Prof., Dr. Valter Roberto Silvério e o Historiador, Prof. da UNEB, Dr. Wilson Roberto de Mattos, enfatizando que todas essas, nove últimas referências, estão para além do corpo, pois pesquisam e produzem com recorte racial. Com essas indicações temos um considerável nível de assertividade, contudo ainda está longe do ideal de equidade, que precisamos e merecemos, pois as menções só se elevaram graças as concentrações dos dois componentes História e Cultura Indígena e Educação e Relações Étnico-Raciais, os quais tratam das discussões raciais, estando associadas a esses a maior parte desses nomes.

### 3.5- Gráficos das ementas dos componentes 2020

A partir desse momento, as análises que se seguirão tratarão das bibliografias, dos componentes das ementas, desse segundo documento analisado, a versão mais recente do

Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEB Salvador, reformulado e implementado em 2020.

**Gráfico 13: Ementas 1º semestre 2020**

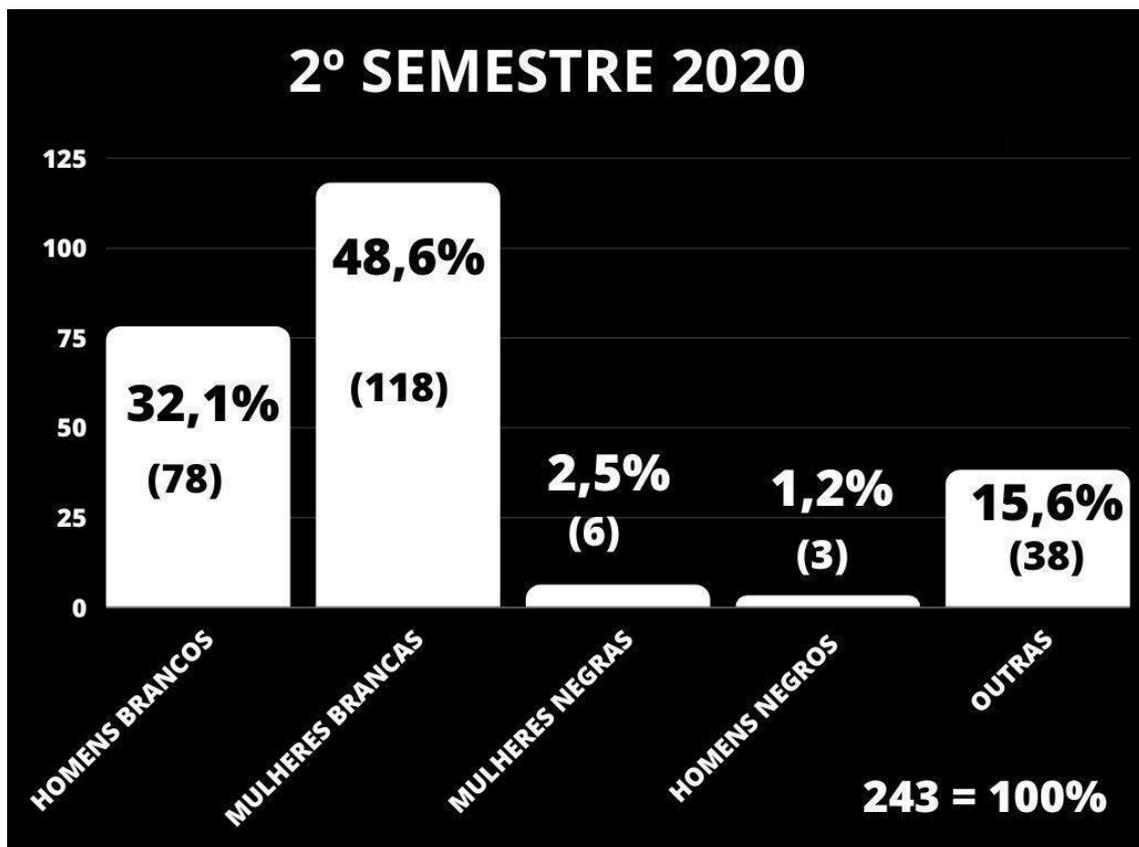


O gráfico acima representa dados do quantitativo das referências bibliográficas, dos ementários, do primeiro semestre do PPP 2020. Obtemos 117 (cento e dezessete) como 100% (cem por cento) do período em questão. Ainda seguindo o mesmo princípio da invisibilização das pessoas negras no currículo, que se evidenciou na análise da versão antiga, os números se mantêm baixo, pois marcam apenas 3 (três) ou 2,4% de mulheres negras; 2 (dois) ou 1,6% (um vírgula seis por cento) de homens negros; 27 (vinte e sete) ou 21,3% (vinte e um vírgula três) na categoria outras; 41 (quarenta e uma) ou 32,3% (trinta e dois vírgula três por cento) mulheres brancas e 54 (cinquenta e quatro) ou 42,5% (quarenta e dois vírgula cinco por cento) de homens brancos.

Uma vez que persiste essa desvantagem no currículo, voltadas às pessoas não brancas, ainda encontramos apenas cinco cientistas negras/os. Ao destacar tais aparições, encontramos uma

repetição com a indicação do professor Elizeu de Souza, o Historiador, Prof., Dr. Raphael Rodrigues Vieira Filho, e as cientistas mulheres negras: a Escritora, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Kalina Vanderlei Paiva da Silva, a Linguista, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Silva Souza e a também Linguista, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Marinalva Vieira Barbosa (não pesquisa com recorte racial). Importantes aparições, porém, aquém do ideal necessário.

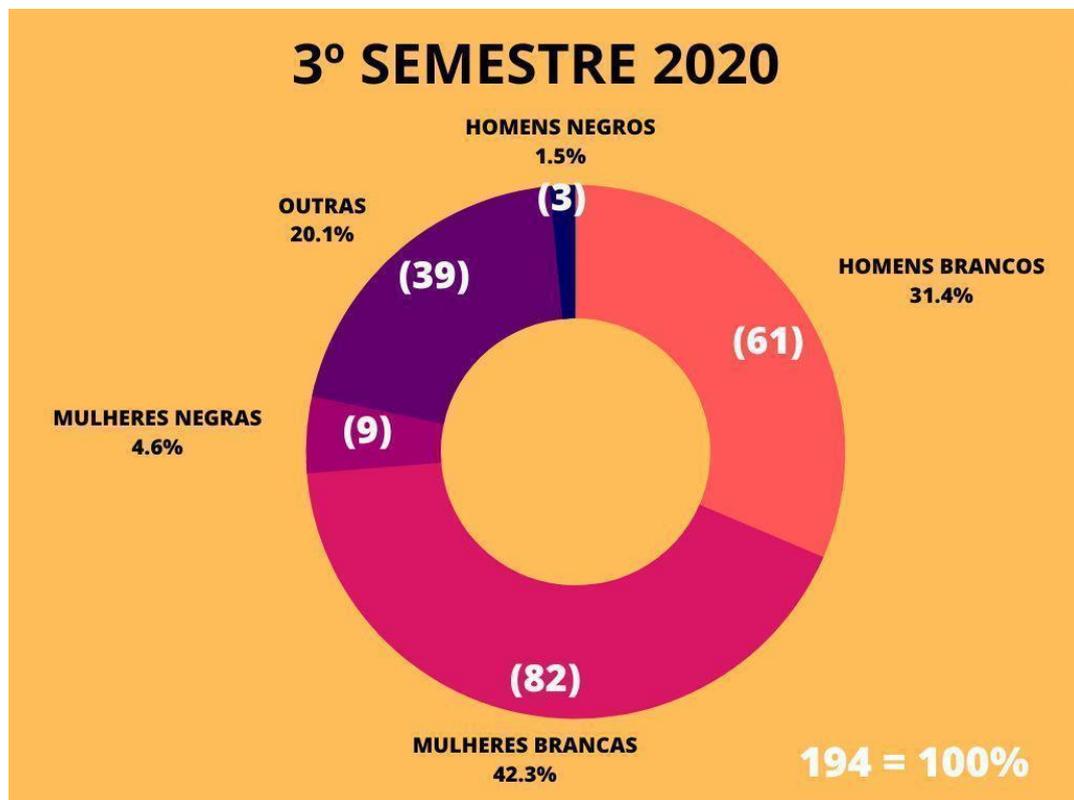
**Gráfico 14: Ementas 2º semestre 2020**



Neste diagrama, temos dados das categorias que representam o quantitativo de cientistas, nos referenciais das ementas, do segundo semestre do PPP recém formulado em 2020. Com a representação de 243 (duzentos e quarenta e três) como equivalente a 100% (cem por cento). Sigamos com as 6 (seis) ou os 2,5% (dois vírgula cinco por cento) de mulheres negras; 3 (três) ou 1,2% (um vírgula dois por cento) de homens negros; 38 (trinta e oito) ou 15,6% (quinze vírgula seis por cento) na categoria outras; 118 (cento e dezoito) ou 48,6% (quarenta e oito vírgula seis por cento) mulheres brancas e 78 (setenta e oito) ou 32,1% (trinta e dois vírgula um por cento) homens brancos.

Como é notório, permanece a escassez de referências negras na nova matriz curricular. Dentre as nove referências negras aqui evidenciadas, temos a reaparição da Antropóloga, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nilma Lino, a Pedagoga e Dr.<sup>a</sup> Tânia de Vasconcellos (sem abordagens racializadas), a Escritora, Filósofa Mestre Djamila Taís Ribeiro dos Santos, a Ativista estadunidense e Prof.<sup>a</sup> Kimberlé Williams Crenshaw, a Teórica estadunidense, Escritora e Artista bell hooks (escrita em minúsculo, como prefere a própria intelectual), a Advogada, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Ailana Freitas Rocha Doutora, o Sociólogo inglês Paul Gilroy, o Escritor Anglo-ganês e Filósofo Kwame Anthony Appiah e a reindicação do Professor Elizeu de Souza.

**Gráfico 15: Ementas 3º semestre 2020**

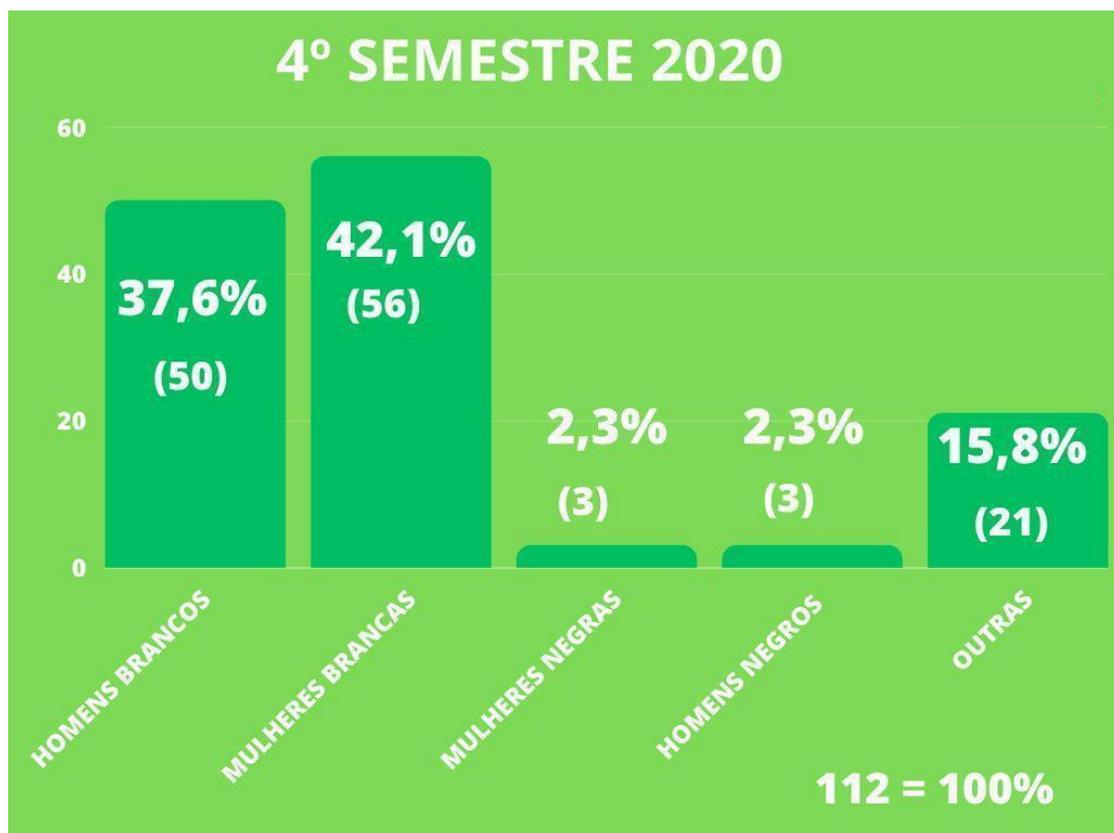


Com essa ilustração podemos conferir as informações concernentes às bibliografias, do ementário do terceiro semestre, do PPP 2020. Levemos em consideração que 194 (cento e noventa e quatro) correspondem aos 100% (cem por cento) desse período. Então, percebemos que permanece a baixa aparição de cientistas negras/os, quando 9 (nove) ou 4,6% (quatro vírgula seis por cento) representa o quantitativo de mulheres negras; 3 (três) ou 1,5% (um virgula cinco por cento) representa o quantitativo de homens negros; 39 (trinta e nove) ou 20,1% (vinte virgula um por

cento) de outras; 82 (oitenta e duas) ou 42,3% (quarenta e dois vírgula três por cento) de mulheres brancas e 61 (sessenta e um) ou 31,4% de homens brancos.

Nas doze indicações referenciais de cientistas negras/os, temos: como intelectuais mulheres negras a Psicóloga, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Albertina Mitjás Martínez, a Pedagoga, Historiadora e a Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Nivia Bomfim Queiroz Rodrigues, a Pedagoga e Dr.<sup>a</sup> Jocenildes Zacarias Santos e a Pedagoga e Dr.<sup>a</sup> Mary Valda Souza Sales (que aqui é reindicada mais cinco vezes) e como intelectuais homens negros o Geógrafo, Prof., Dr. Natanael Reis Bomfim e, mais uma vez, o professor Elizeu de Souza. Neste caso, é importante ressaltar que parte desses cientistas compõem a equipe docente da UNEB e todas essas indicações não mediam, investigam ou produzem com recorte racial.

**Gráfico 16: Ementas 4º semestre 2020**

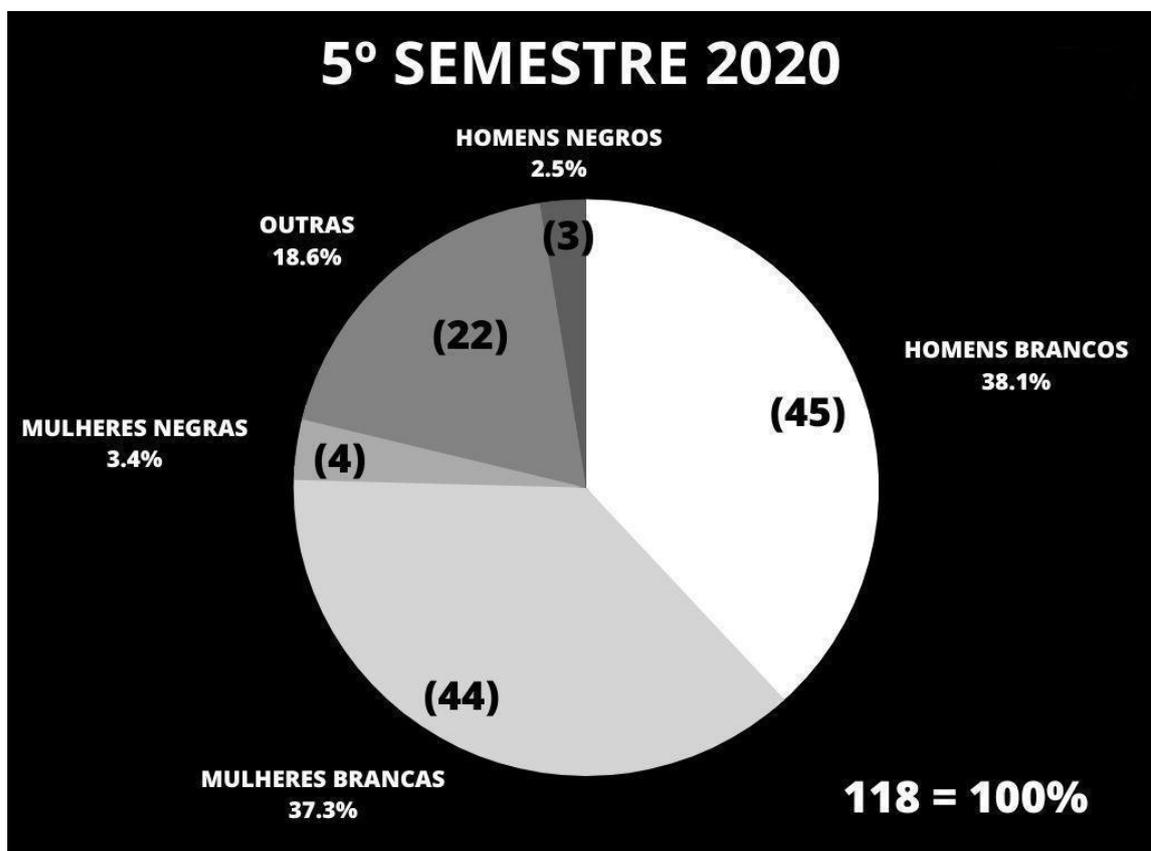


A imagem representa dados sobre as referências bibliográficas das ementas, do quarto semestre do PPP 2020. Considere 112 (cento e doze) como 100% (cem por cento) da etapa. Mais uma vez, ocorre a coincidência da simultaneidade diminuta das pessoas negras no documento, pois 3 (três) ou 2,3% (dois vírgula três por cento) igualmente representa as duas

categorias de mulheres e homens negras/os; 21 (vinte e uma) ou 15,8% (quinze vírgula oito por cento) marcam a categoria outras; 56 (cinquenta e seis) ou 42,1% (quarenta e dois vírgula um por cento) de mulheres brancas e 50 (cinquenta) ou 37,6% (trinta e sete vírgula seis por cento) homens brancos.

Sem diferenças, seguem-se as proporções em representatividades. Das seis personalidades científicas afrodescendentes mencionadas, nesse período, encontramos: como intelectuais negras a Linguista, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Ione da Silva Jovino, a Escritora, Linguista, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Florentina da Silva Souza, a Linguista, Escritora, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Maria Nazaré de Lima e como intelectuais negros o Pedagogo, Dr. Pablo Silva Machado Bispo dos Santos, o Escritor, Dr. em Arqueologia Renato Araújo da Silva e o professor Eliseu de Souza em mais uma repetição. Nessa versão, temos uma mescla entre pesquisadoras/es que seguem a linha antirracista e os que permanecem na receita do colonizador, indiferentes as reflexões e discussões raciais.

**Gráfico 17: Ementas 5º semestre 2020**

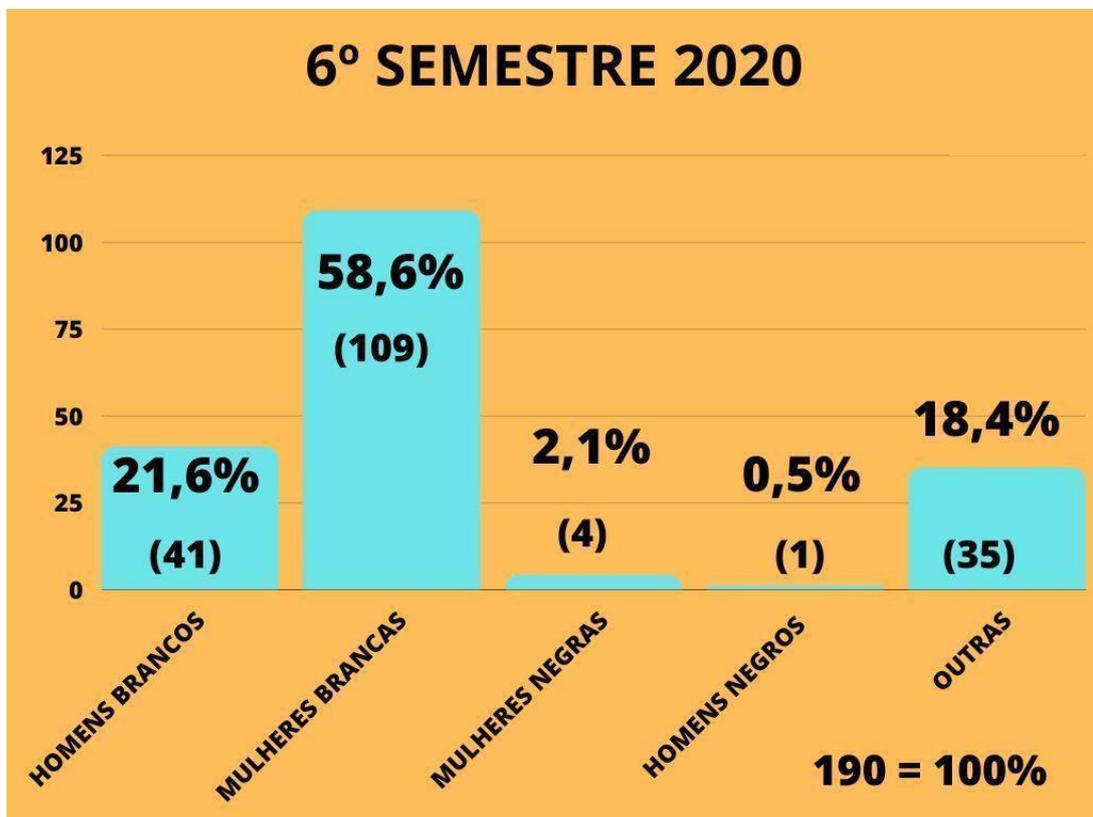


Nesse gráfico, temos dados das categorias que representam o quantitativo de cientistas, nos referenciais das ementas, do quinto semestre do PPP 2020. Com a representação de 118

(cento e dezoito) correspondente aos 100% (cem por cento) dessa etapa. O valor de 4 (quatro) ou 3,4% (três vírgula quatro por cento) refere-se às mulheres negras; 3 (três) ou 2,5% (dois vírgula cinco por cento) de homens negros; 22 (vinte e duas) ou 18,6% (dezoito vírgula seis por cento) na categoria outras; 44 (quarenta e quatro) ou 37,3% (trinta e sete vírgula três por cento) mulheres brancas e 45 (quarenta e cinco) ou 38,1% (trinta e oito vírgula um por cento) de homens brancos.

Aqui, temos, apenas, sete cientistas negras e negros referenciando o semestre. Inclusas no grupo estão as intelectuais negras: a Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Caroline Mendes dos Passos, a Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher, e como repetições as professoras Maria Aparecida Cida Silva Bento, Nilma Lino Gomes e o professor Kabengele Munanga, todas essas personagens atuam com recorte racial. Ressalto que nessa versão do PPP o componente (ED0587) Educação e Relações Étnico-Raciais está programado neste período, assim compreendemos a maior indicação desse perfil, genuíno, de cientistas antirracistas, apesar de longe do ideal almejado e legítimo.

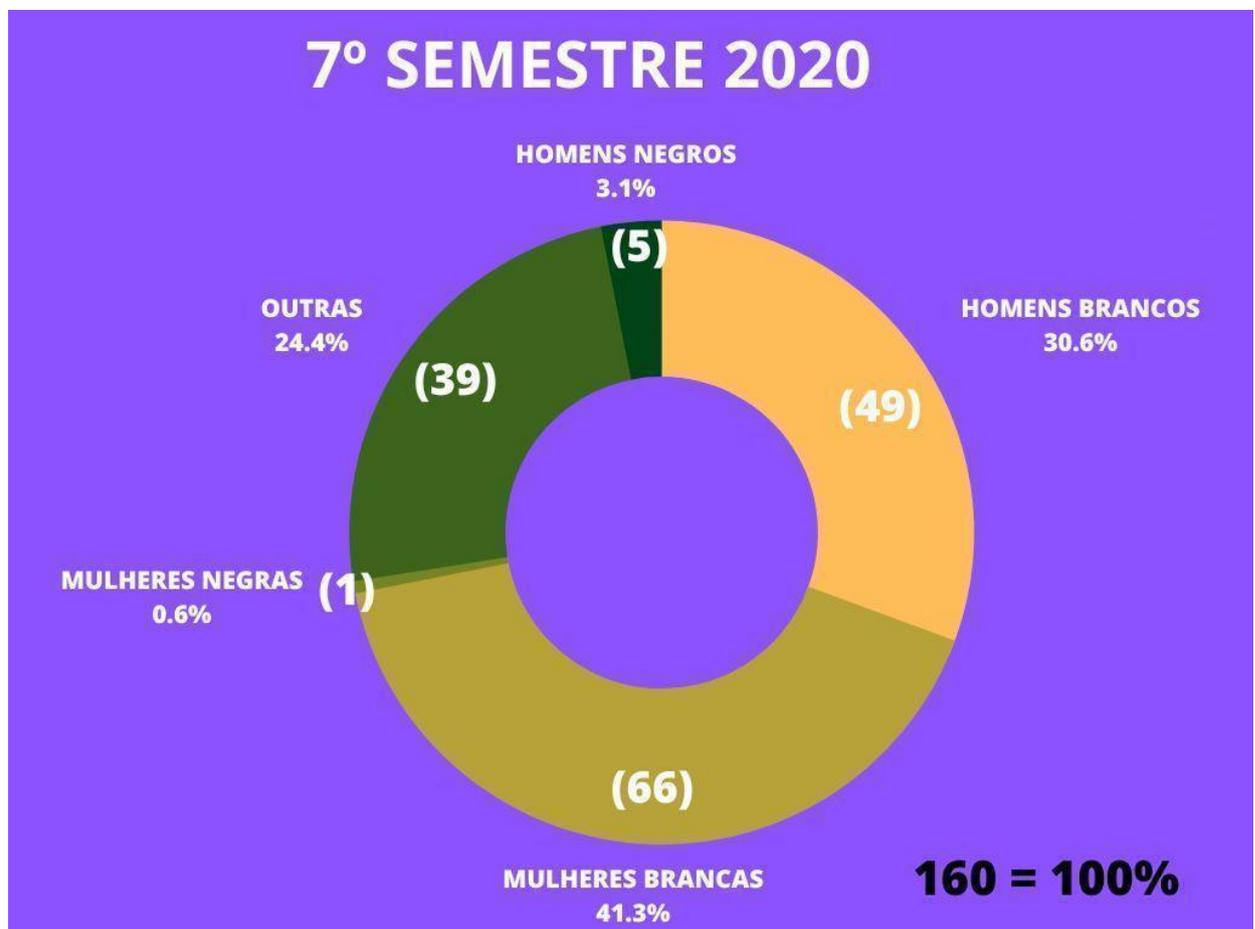
**Gráfico 18: Ementas 6º semestre 2020**



No esquema acima, acessamos os números sobre as bibliografias dos ementários do sexto semestre de 2020. Quanto ao quantitativo, evidenciam-se 190 (cento e noventa) menções, equivalente aos 100% (cem por cento) do período. Aqui, 4 (quatro) ou 2,1% (dois vírgula um por cento) correspondem as mulheres negras; 1 (um) ou 0,5% (zero vírgula cinco por cento) aos homens negros 35 (trinta e cinco) ou 18,4% (dezoito vírgula quatro por cento) na categoria outras; 109 (cento e nove) ou 58,6% (cinquenta e oito vírgula seis) de mulheres brancas e 41 (quarenta e um) ou 21,6% (vinte e um vírgula seis por cento) na categoria homens brancos.

Ao esmiuçar as indicações negras cientistas, nesse período, encontramos cinco intelectuais. Referente às mulheres negras destacam-se a Urbanista, Dr.<sup>a</sup> Renata Rendelucci Allucci, a Pedagoga, Maestrina, Musicista, Multinstrumentista, Dr.<sup>a</sup> Claudia Sisan Silva de Santana, a Historiadora, Artista, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Marilda de Santana Silva, a Linguista, Musicista, Dr.<sup>a</sup> Lucilene Ferreira da Silva e apenas um cientista homem negro, o professor Natanael Reis Bomfim, em mais uma aparição.

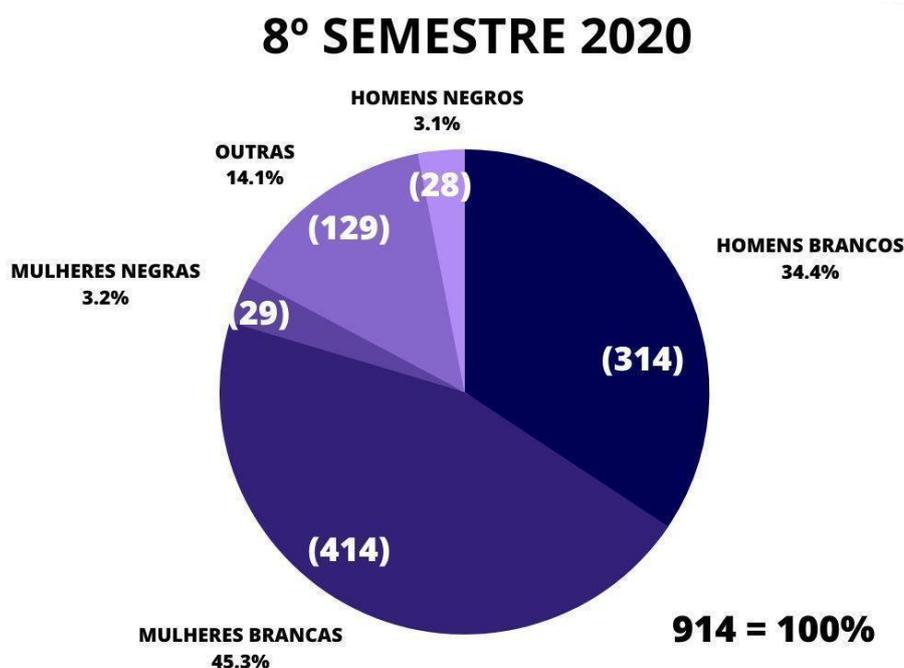
**Gráfico 19: Ementas 7º semestre 2020**



A ilustração gráfica, antes exposta, evidencia o quantitativo referente às bibliografias dos ementários do sétimo semestre, do PPP 2020. Para este, consideremos 160 (cento e sessenta) como 100% (cem por cento) do período em destaque. Pontuou-se somente 1 (uma) ou 0,6% (zero vírgula seis por cento) de mulheres negras; 5 (cinco) ou 3,1% (três vírgula um por cento) homens negros; 39 (trinta e nove) ou 24,4% (vinte e quatro vírgula quatro por cento) de outras; 66 (sessenta e seis) ou 41,3% (quarenta e um vírgula três por cento) mulheres brancas e 49 (quarenta e nove) ou 30,6% (trinta vírgula seis por cento) de homens brancos.

Quando detalhamos o perfil das/os seis cientistas negras/os, deste período, encontramos a intelectual, Historiadora, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Márcia de Almeida Gonçalves e como cientistas homens negros o Linguista, Prof., Dr. Robson Santos de Carvalho, o Linguista, Prof., Dr. Júlio Neves Pereira (sua indicação está vinculada a outra autora, mulher branca, pois assinam juntos, a produção referenciada na ementa), o Jornalista, Advogado, Escritor, Geógrafo e Prof., Dr. Milton Almeida dos Santos, aqui indicado duas vezes, na bibliografia básica, pela primeira vez, apesar de também ser referenciado no PPP antigo, e, por fim, o professor Raphael Rodrigues Vieira Filho, já indicado antes. Percebe-se que há cientistas que só se evidenciam por atuarem em parceria com colegas brancas/os e não tratam das pautas que levam a refletir sobre o racismo.

**Gráfico 20: Ementas 8º semestre 2020**



Com esse último gráfico do ementário do PPP 2020, lemos os dados das indicações bibliográficas dos componentes de dois ementários; o do oitavo semestre mais as ementas dos Tópicos Especiais em Educação na Contemporaneidade (pois entendo que o somatório dos dois grupos não altera na leitura/análise das informações). Nessa versão atual do documento, obtemos 914 (novecentos e quatorze) como 100% (cem por cento) do período. Em números, 29 (vinte e nove) ou 3,2% (três vírgula dois por cento) equivalem as mulheres negras; 28 (vinte e oito) ou 3,1% (três vírgula um por cento) de homens negros; 129 (cento e vinte nove) ou 14,1% (quatorze vírgula um por cento) correspondem a categoria outras; 414 (quatrocentos e quatorze) ou 45,3% (quarenta e cinco vírgula três por cento) a mulheres brancas e 314 (trezentos e quatorze) ou 34,4% (trinta e quatro vírgula quatro por cento) a homens brancos.

Nesse quadro, percebe-se que há um significativo aumento na indicação de pessoas negras nas bibliografias, quando comparamos com os gráficos dos períodos anteriores, mas é evidente que isso se deve a junção que optei por realizar (neste gráfico), há uma ampliação no volume total, logo considero que a expansão é ilusória. Porém, ainda assim, não desmereço as citações que se sucedem, pois são indicações significativas, ao que tange o que aqui tomo em defesa. São destacadas/os cientistas que não só possuem traços corpóreos afros (que não deixam margem a dúvidas que são pessoas negras) e que mantêm uma postura academicista afroativista, onde mediam, pesquisam e produzem com recorte racial.

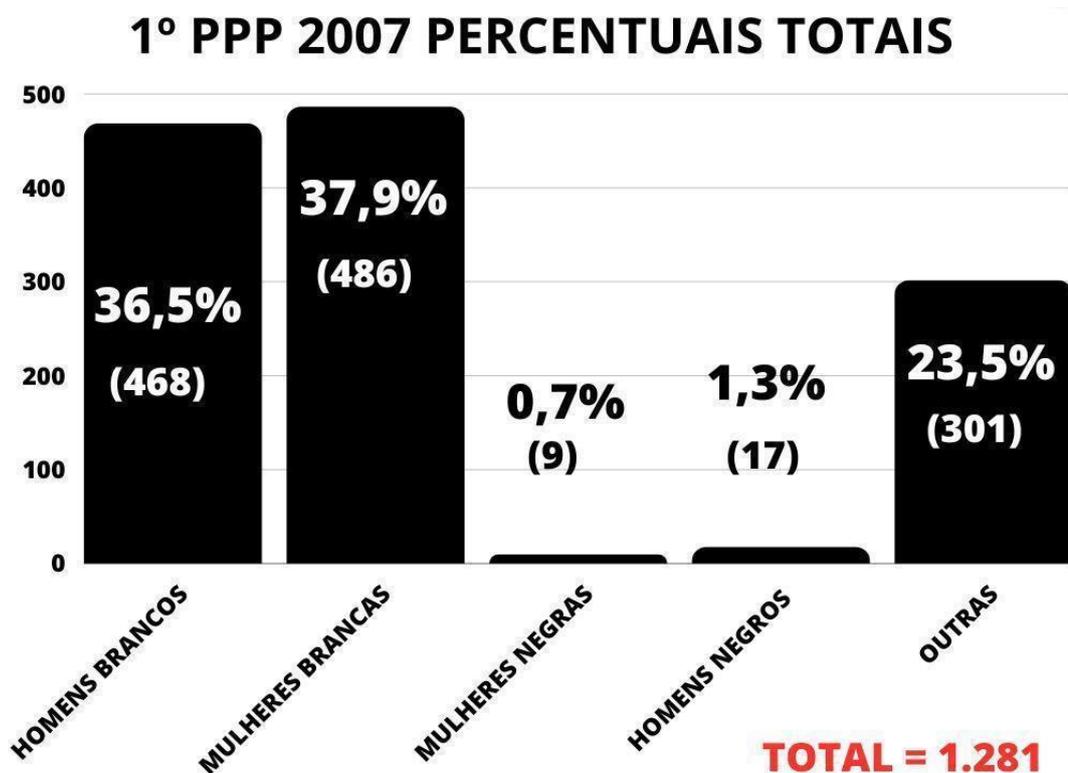
Se somarmos as duas categorias, de intelectuais mulheres e homens negros/os, teremos um total de 57 (cinquenta e sete) ou o equivalente a 6,2% (seis vírgula dois por cento), bem distanciado das outras categorias compostas por pessoas brancas. Ainda assim, é inegável que o montante foi elevado, por isso, na sequência, pontuarei apenas alguns nomes e aspectos que se evidenciam na análise. Ressalto que algumas dessas cinquenta e sete referências negras são repetições e que algumas só foram contabilizadas em função das suas feições étnico-racial acentuada (as quais são preteridas dentro do sistema racista), pois não discutem ou pesquisam sobre o racismo e, também, que aqui ainda reincidi a ideia de que, se é para possibilitar alguma oportunidade às pessoas negras que seja nos assuntos que elas “dominam”, pois certos temas são entendidos como “coisa de gente preta/negra”, não é de competência ou interesse da branquitude.

Das temáticas consideradas de domínio, “exclusivo”, das pessoas negras, que estão programadas nas ementas dos Tópicos Especiais em Educação na Contemporaneidade, encontramos os três componentes: Educação em Contextos de Restrição, Privação de

Liberdade e Medidas Socioeducativas; Gênero e Diversidade na Escola e Raça, Gêneros e Sexualidades na Formação Docente e são justamente nas ementas dessas matérias que há uma maior concentração de intelectuais negras/os, onde mais aparecem indicadas, nesta etapa. Surgiram, além das repetições, citações como das intelectuais negras: Escritora, Assistente Social, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Carla Akotirene, a Historiadora, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Cláudia Pons Cardoso (aqui indicada várias vezes), a Médica, Engenheira e Dr.<sup>a</sup> Jurema Pinto Werneck, a Escritora Estadunidense, Filósofa e Prof.<sup>a</sup> Angela Yvonne Davis, a Historiadora, Filósofa, Antropóloga e Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Lélia de Almeida Gonzalez, a Cantora, Bailarina, Dançarina, e Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Inaicyr Falcão dos Santos, a Bailarina, Antropóloga e Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Luciane Ramos-Silva, entre outras e como intelectual homem negro destaque o Pedagogo e Dr. Roberto da Silva, entre outros.

### 3.6- Sínteses gráficas dos referenciais dos ementários dos PPP's

**Gráfico 21: Percentuais totais PPP 2007**

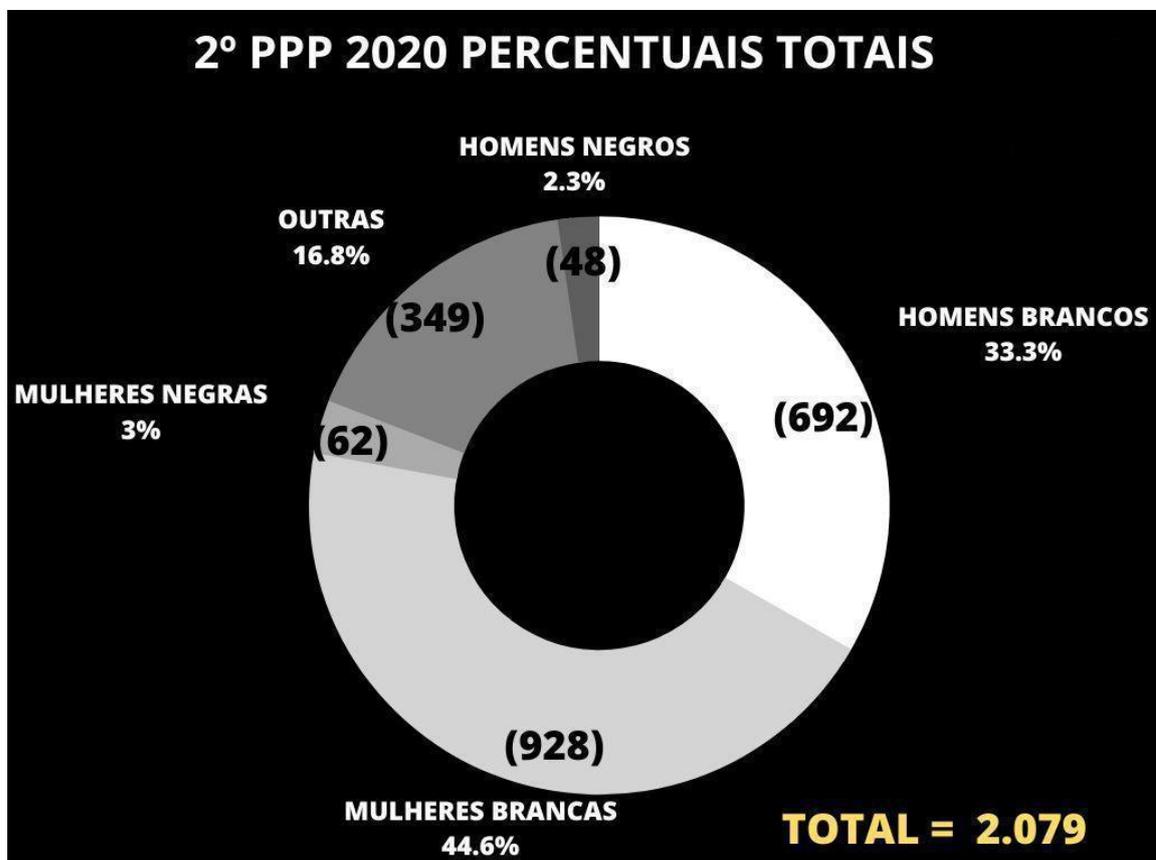


O esquema acima exhibe os dados quantitativos dos perfis das indicações dos referenciais de todas as ementas, do PPP 2007, somadas. Devemos considerar 1.281 (mil duzentos e oitenta e

um) como 100% (cem por cento). Assim, trago as 9 (nove) ou 0,7% (zero vírgula sete por cento) mulheres negras; em seguida os 17 (dezesete) ou 1,3% (um vírgula três por cento) correspondente aos homens negros; 301 (trezentos e um) ou 23,5% (vinte três vírgula cinco por cento) na categoria outras; 486 (quatrocentos e oitenta e seis) ou 37,9% (trinta e sete vírgula nove por cento) de mulheres brancas e 468 (quatrocentos e sessenta e oito) ou 36,5% (trinta e seis vírgula cinco por cento) de homens brancos.

Fica evidente a discrepância, o predomínio de cientistas brancas/os em relação as/os negras/os. De todas as categorias a de mulheres negras é a que menos pontua, sempre enfatizando que não reduz a representatividade, que aqui reivindico, aos aspectos dos traços físicos ou corporais, pois no campo acadêmico as ideias são mais importantes, contudo a invisibilidade das pessoas negras perpassa por esse aspecto, o da aparência, do corpo (cor da pele, vestes, cabelo), por isso o considero também como representativo nesse lugar, mesmo que a cientista não discuta, medie ou produza com recorte racial, sua (re)existência, sua estética negra nesse espaço já se configura e traduz como conquista e se torna louvável.

**Gráfico 22: Percentuais totais PPP 2020**



Nesse gráfico temos a representação em números dos perfis, das indicações, dos referenciais de todos os ementários, do PPP 2020, somados. Devemos considerar 2.079 (dois mil e setenta e nove) como 100% (cem por cento) da listagem. Então, apresento 62 (sessenta e dois) ou 3% (três por cento) referente às mulheres negras; 48 (quarenta e oito) ou 2,3% (dois vírgula três por cento) aos homens negros; 349 (trezentos e quarenta e nove) ou 16,8% (dezesesseis vírgula oito por cento) a outras; 928 (novecentos e vinte e oito) ou 44,6% (quarenta e quatro vírgula seis por cento) as mulheres brancas e 692 (seiscentos e noventa e dois) ou 33,3% (trinta e três vírgula três por cento) a homens brancos.

Podemos perceber que houve um significativo aumento no número de cientistas negras/os, nessa versão recente da matriz, em relação a anterior. Porém, ao levarmos em consideração que o documento atual possui quase o dobro de indicações do antigo, constatamos que essa elevação não é real. A vantagem da mulher negra só se evidencia sobre a categoria dos homens negros, o que não confere a equidade necessária, o desequilíbrio permanece. Com isso, nós continuamos mal representadas no curso, perdeu-se uma excelente oportunidade de reparar a invisibilidade imposta às intelectuais mulheres negras.

A reparação precisa ocorrer de maneira equânime, em quantidade e qualidade também, para além do aspecto corpóreo, não só para cumprir cotas ou alegar que existem representantes da nossa cor/raça, pois, infelizmente, como vimos, nem toda cientista de pele escura, cabelos crespos, entre outras incontestáveis características estéticas corporais, compreendem a importância em pautar, discutir, refletir e pesquisar o racismo. Não cabe mais, em pleno século XXI, silenciar as vozes ativistas, de qualquer pauta, pois a quem interessa não dialogar sobre o racismo e todas as demais formas de violências? Quem se beneficia e sempre se beneficiou com esse silêncio, mansidão? Precisamos aprofundar essas reflexões.

Sabemos que nós, pessoas negras, somos recorrentemente, historicamente vilipendiadas e isso ocorre em todos os setores e situações sociais. Com esses gráficos, podemos compreender que isso ocorre, também, na matriz curricular do curso de pedagogia da UNEB, Campus I e é dessa maneira que funciona a perpetuação do racismo institucional, educacional, que se propaga por corações e mentes em toda sociedade. É dessa base que germina a semente da ideia de assim como a mulher negra não produz conhecimento científico, não difunde o saber logo ela não tem preparo, não possui gabarito, não é digna de referenciar um documento de um curso, de liderar, de ser reitora de uma universidade pública como essa, de ser prefeita de uma cidade, governadora e muito menos presidenta de um país como o nosso.

Infelizmente, a população brasileira ainda não reconhece o valor da mulher negra, em sua dimensão maior, em sua totalidade e capacidades, apesar de também ser, majoritariamente, afrodescendente. Com essa produção busco, humildemente, provocar reflexões e demonstrar tanto a injustiça do currículo formativo, das profissionais da educação da UNEB, quanto as inúmeras possibilidades existentes de Pensadoras, Intelectuais Mulheres Negras, juntamente com as suas potentes e necessárias produções, além das possibilidades de mediações que podem ser realizadas recorrendo a elas e aos seus feitos, acadêmicos ou não acadêmicos.

### **Gráfico 23: Tabela das repetições**

TABELA DAS REPETIÇÕES PPP 2007	
DE 5 a 9 = 20	DE 10 a 20 = 1
MULHERES NEGRAS = 0	MULHERES NEGRAS = 0
HOMENS NEGROS = 0	HOMENS NEGROS = 1
OUTRAS = 0	OUTRAS = 0
MULHERES BRANCAS = 13	MULHERES BRANCAS = 0
HOMENS BRANCOS = 7	HOMENS BRANCOS = 0

TABELA DAS REPETIÇÕES PPP 2020		
DE 5 a 9 = 51	DE 10 a 20 = 7	+ DE 21 = 1
MULHERES NEGRAS = 0	MULHERES NEGRAS = 0	MULHERES NEGRAS = 0
HOMENS NEGROS = 1	HOMENS NEGROS = 1	HOMENS NEGROS = 0
OUTRAS = 4	OUTRAS = 1	OUTRAS = 0
MULHERES BRANCAS = 31	MULHERES BRANCAS = 3	MULHERES BRANCAS = 0
HOMENS BRANCOS = 16	HOMENS BRANCOS = 2	HOMENS BRANCOS = 1

A tabela acima expõe dados referentes às repetições. Para essa, considerei cientistas que aparecem cinco vezes acima, sendo que o máximo repetido foi de vinte e seis vezes. Torna-se interessante refletir sobre essas recorrências. Imagino que a elaboração, sistematização de um documento como este não seja fácil! Certamente, surgem muitas questões, impedimentos, imprevistos, demanda disponibilidade de tempo em comum, para realizar as reuniões e compartilhar ideias, sugestões e ler e se apropriar dos conteúdos dos textos que servirão de fundamentação teórica, redigir o texto que vai compor o documento e com todo esse volume de atribuições, associadas a uma responsabilidade de tamanha magnitude, além das obrigações outras, junto ao cumprimento de prazos para finalização, tudo isso, torna-se um desafio. Cogito a possibilidade de haver algumas justificativas para se mencionar algumas

cientistas, por mais vezes e, talvez, nessa relação haja algum aspecto que se relacione com o fenômeno da recorrência.

As razões antes listadas pode ser uma dessas explicações, que levam a uma conveniência, a um comodismo, então utiliza-se a mesma obra e autoria várias vezes. Com isso, a intencionalidade pode variar, de acordo com a indicação. É de conhecimento que, ao que tange o racismo, em tudo e para tudo há duas versões, uma para quem é branco e outra para quem não é. Se a pessoa for branca a reindicação sucessiva pode se dar porque quer valorizar aquela figura e conseqüentemente as suas ideias, a sua obra, pois a considera importante, insubstituível, uma referência na temática, um cânone.

Já para as pessoas negras, diante da escassez de menções que comprovamos graficamente, cogito a hipótese de não familiaridade com a diversidade de pensamentos e produções de pessoas negras. Diante disso, familiariza-se de algumas e essa deve servir para o máximo de situações possíveis. Pois, sabemos o que vai ao imaginário da branquitude, por ouvirmos, nos confrontarmos, rotineiramente, com seus equívocos racistas, tais como: “se mencionar uma ou duas pessoas pretas já contempla a todas as outras da mesma cor/raça”, pois “não há diversidade entre pretos, como há entre as pessoas brancas, eles são todos iguais!”, “vamos colocar alguns, cumprir as cotas, senão eles gritam!”, “vejamos quem eles acham importante..., mas vamos colocar quem não só fica discutindo sobre racismo, vendo problema em tudo”. Não firmo essas pontuações como verdades absolutas, são somente cogitações pertinentes.

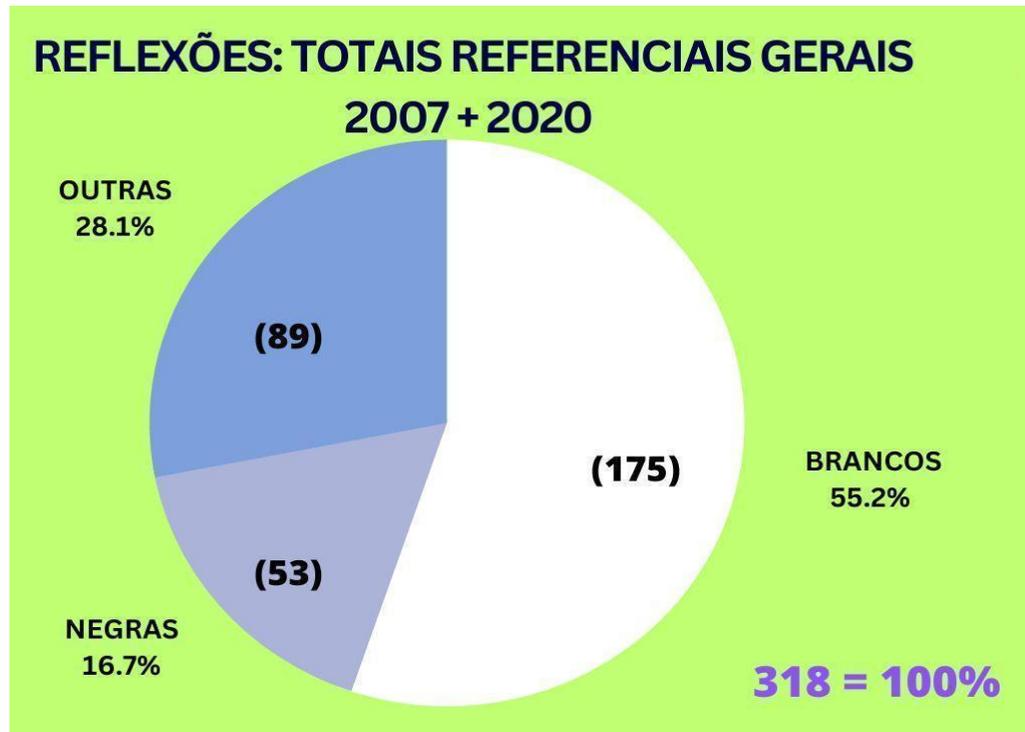
### 3.7- Reflexões Gráficas

Ao pesquisar as referências gerais e bibliografias dos ementários dos componentes, das duas últimas versões do Projeto Político Pedagógico, do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, estabeleceu-se algumas percepções, constatações e confirmações.

De início, é evidente o predomínio de cientistas brancas/os, pois de um total de 318 (trezentos e dezoito) correspondente a 100% (cem por cento), desses, ínfimos 53 (cinquenta e três) ou 16,7% (dezesseis vírgula sete por cento) são de cientistas negras/os; 89 (oitenta e nove) ou 28,1% (vinte e oito vírgula um por cento) de outras e mais da metade, com 175 (cento e setenta e cinco) ou 55,2% (cinquenta e cinco vírgula dois por

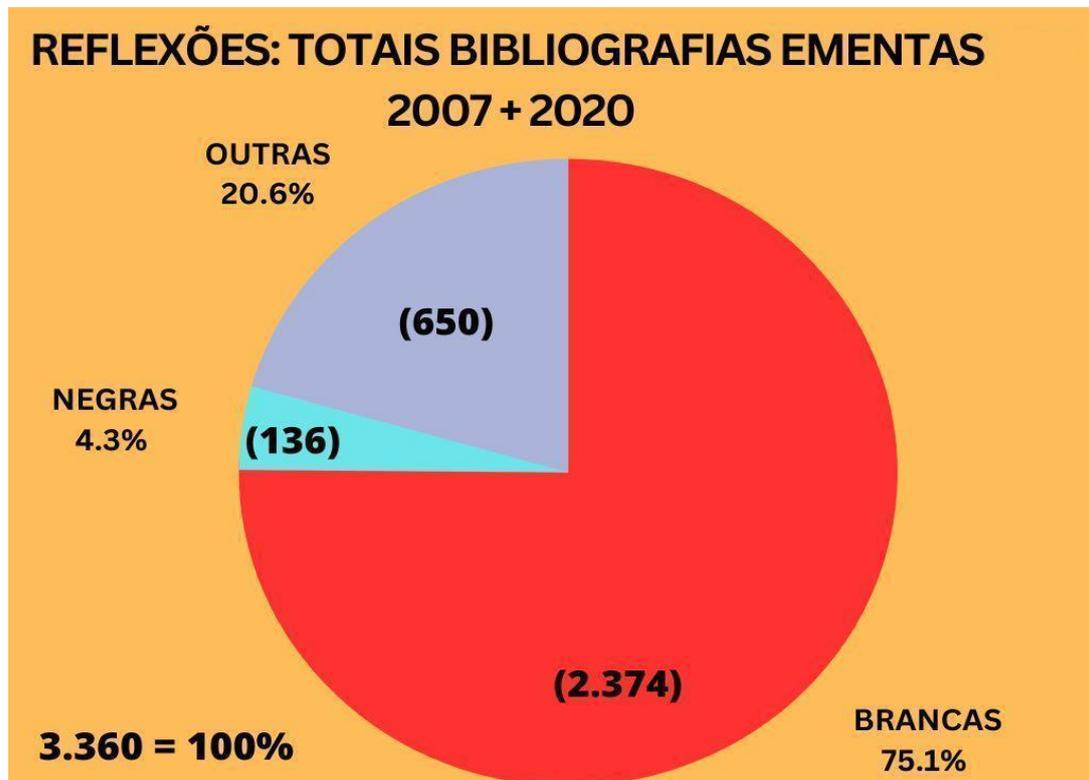
cento) de pessoas brancas, em seus referenciais gerais, somados os dois PPP's, como comprova ilustração a seguir:

**Gráfico 24: Reflexões sobre os Totais dos Referencial Gerais (2007 + 2020)**



Quanto aos ementários, das duas versões somadas, temos um total de 3.360 (três mil trezentos e sessenta) que equivale a 100% (cem por cento), 136 (cento e trinta e seis) ou 4,3% (quatro vírgula três por cento) de intelectuais negras/os; 650 (seiscentos e cinquenta) ou 20,6% (vinte vírgula seis por cento) de outras categorias e 2.374 (duas mil trezentos e setenta e quatro) ou 75,1% (setenta e cinco vírgula um por cento) de teóricas/os brancas/os, o gráfico abaixo demonstra os dados.

**Gráfico 25: Reflexões sobre os Totais das Bibliografias das Ementas (2007+2020)**



Sendo assim, comprovamos, objetivamente, o que vimos disseminado em detalhes ao longo do desenvolvimento dessa escrita, sim, a maioria das pessoas referenciadas, seja no geral dos PPP's ou nos seus respectivos ementários, são de teóricas e teóricos brancas/os. Outra percepção é que ocorre uma recorrente repetição desses nomes, os quais são indicados na bibliografia básica (obrigatória) e também na complementar (sugestão/optativa).

Conforme já detectamos com as informações expostas até aqui, apesar da ausência, há intelectuais negras na matriz curricular do curso de pedagogia. Contudo, um considerável percentual delas não estuda, produzem ou mediam com recorte racial. Essa ausência do debate envolvendo temas relativos às relações raciais, nas produções das poucas autoras e autores negros na matriz curricular do curso de pedagogia, só confirma a percepção que me inquietou durante meu processo formativo no curso, o qual me impulsionou a produzir essa pesquisa e escrita.

De fato, ocorre a ausência das produções das pensadoras intelectuais mulheres negras ativistas, na matriz curricular do curso de pedagogia da UNEB. Muitas destas surgem como uma possibilidade, na brecha que a bibliografia complementar propicia, ou seja, foi na

iniciativa individual da/o docente ao mediar o saber em aula, aqui afirmando com base nas minhas recordações e experiências pessoais enquanto estudante, que acessei e conheci algumas dessas pensadoras, durante minha trajetória formativa, infelizmente, não é algo que todas as colegas, todas as turmas contataram ou contatarão.

Há também, uma justa menção a algumas personalidades do cenário educacional, pois essas realizaram grandes feitos em prol da educação e reconhecer suas obras é fundamental. Porém, essas são pessoas brancas, mas aqui destacarei o mais mencionado, o qual vem a ser um homem branco, citado mais de vinte vezes, somadas as aparições nos dois documentos, sim ele mesmo o Patrono da Educação do Brasil Paulo Reglus Neves Freire (Paulo Freire). Certamente a recorrência desse nome ao longo das referências se deve ao legado de Freire, as suas produções e por sua fama internacional como defensor de uma educação de qualidade, respeitosa, crítica, politizada e digna para todas as pessoas, sem distinções.

Contudo, devo ressaltar que apesar do caráter humanista na perspectiva e abordagens desenvolvidas por Paulo Freire, faz-se necessário a especificação do recorte racial, o qual ele, infelizmente, pouco confere, nas obras indicadas nos PPP's. Fato em certa medida compreensível, tendo em vista que ele é um homem branco, logo, não possui a vivência, não sentiu na pele o racismo. Essa falta de reconhecimento, quanto às desigualdades raciais, ao racismo, uniformizando os padecimentos, englobando os oprimidos como um perfil único, como se todas as pessoas ali envolvidas padecessem em iguais condições, não nos contempla.

Essa é uma abordagem que favorece quem defende o discurso da meritocracia, por exemplo. Acredito que não seria essa a intenção do patrono, mas há quem, estrategicamente, se aproveite dessa linha não racializada, para anular nossas reivindicações quanto às violências racistas e ainda o utilizar para reforçar seu discurso conveniente, justamente porque ele colocava todas as pessoas sofredoras e segregadas no mesmo “pacote”, situação que, infelizmente, já presenciei.

Talvez quando Paulo Freire utilizou em suas obras termos como “esfarrapados do mundo, condenados da terra, oprimido” (1968) estivesse pensando, também, nas pessoas negras. Afinal, foi a esses tipos de representações que a população negra foi condicionada ao ser abandonada à própria sorte, após mais de trezentos anos de escravidão, cujas consequências se estendem ao longo da história brasileira, num processo de abolição inconclusa, nas lutas por reparações.

Quando leio esses termos, logo reflito sobre quem são esses esfarrapados e oprimidos, qual a cor da pele e o fenótipo estético corporal predominante dessas pessoas que ele assim denomina? Precisamos refletir sobre isso. A intenção não é depreciar, desvalorizar a produção intelectual ou a pessoa de Freire. Mas, devemos reconhecer essa lacuna, que se evidencia na abordagem do autor quando suas obras são referendadas no currículo do curso de pedagogia da UNEB, Campus I, e que pode ser suprida com as produções das mulheres negras intelectuais, as quais possuem um maior conhecimento de causa, lugar de fala autêntico e que melhor conseguem contemplar nossas subjetividades.

Entendo que o educador vinha num crescente, buscando, cada vez mais, compreender e abordar sobre as consequências das violências do racismo, pois existem registros e produções de Paulo Freire que evidenciam isso, a exemplo das obras *Ensinando a Gente* (2003) e *Cartas à Guiné-Bissau* (1980). Tais produções comprovam que o teórico interagiu, se aproximou de pessoas africanas, de vários países, inclusive ativistas negros, a ponto de se inspirar em suas ideias, posturas revolucionárias e desejar escrever a bibliografia de um deles, no caso a do guineense, Engenheiro, Pedagogo da Revolução, Poeta Amílcar Lopes Cabral, brutalmente assassinado, em janeiro de 1973, é o exemplo disso. Registros desse fato constam no livro traduzido e republicado pela Cortez Editora, em 2016: *Conscientização / Paulo Freire*). Também há registros sobre esse vínculo, e inspiração, do Patrono com intelectuais africanos na Revista *Jacobin*<sup>5</sup> (2021), onde encontra-se detalhes sobre a influência de Amílcar Cabral no atuar de Freire.

Lamentavelmente, não se destaca essa aproximação do patrono com o universo africano, inclusive no nosso currículo, apesar de citado mais de vinte vezes. As produções referenciadas nos PPP's não induzem a refletir sobre as discussões raciais, como essas poderiam promover. Acredito que se tivesse vivido mais, teríamos mais produções do autor voltadas para as nossas pautas, pois avançamos muito e o educador se mantinha aberto às interações com quem era posta à margem da sociedade, afinal, foi, e ainda é por isso, que o perseguiram e perseguem, mesmo postumamente. Considerando nosso contexto atual e o que se é sabido, se vivo fosse, Paulo Freire provavelmente estaria disposto a promover e aprofundar diálogos, não somente com as intelectuais negras, mas também com as

---

<sup>5</sup> Revista semestral, de esquerda, com representação mundial, inclusive em português. No Brasil, busca contribuir numa perspectiva socialista na política, economia e cultura. Ainda possui uma plataforma digital.

indígenas, pessoas com deficiência, LGBTQIAPN+ e com quem mais é segregada, com toda a gente.

Se torna uma contradição por parte de educadoras/es que se dizem freirianas/os e antirracista, mas defendem a ideia de que as reflexões com recorte raciais são dispensáveis, que somos todas/os humanas/os, iguais e que é desnecessário discutir esses assuntos, pois isso só divide as pessoas, etc. Trazer as pensadoras negras para a formação docente condiz com os princípios freirianos, se configura como a prática pedagógica que o teórico vinha construindo.

#### 4- ESCURECENDO COM ALGUNS FUNDAMENTOS

A pesquisa, aqui proposta, é fundamentada no pensamento de mulheres negras e tem como ponto de partida as minhas observações, percepções, inquietações, reflexões e experiências ao longo da minha graduação em pedagogia, na UNEB Salvador. A escolha pela valorização das experiências é consciente, planejada e intencional, pois condiz com o entendimento que possuo sobre educação e sociedade decolonial antirracista e, conseqüentemente, com a concepção desse trabalho. Por isso, mais uma vez aciono a Dr.<sup>a</sup> Angela Figueiredo “[...] a experiência pessoal, a experiência vivida e compartilhada é para nós, pesquisadores e pesquisadoras negras, uma evidência muito importante, já que é a base de nossa reflexão e teorização” (FIGUEIREDO, 2020, p. 9) e é nesse princípio, no qual me apoio para expandir minha produção, enquanto mulher negra pesquisadora em formação.

Com o intuito de ser o mais coerente possível quanto as reflexões e provocações que proponho nesse trabalho, sobre uma educação antirracista decolonizada, desenvolvo uma linha de pesquisa partindo das minhas escrevivências, princípio fomentador do pensamento, produções e ações negras femininas. Sobre esse relevante conceito a Pensadora, Mulher Negra, Poetisa, Escritora, Linguista, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Maria da Conceição Evaristo de Brito, em entrevista, em formato Podcast, contextualiza

[...] Se eu for pensar bem a genealogia do termo, vou para 1994, quando estava ainda fazendo a minha pesquisa de mestrado na PUC. Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. [...] Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, [...] (EVARISTO, 2020).

Em suma, o termo conceituado pela escritora é algo próprio das mulheres negras e ela, muito felizmente, sistematizou e nomeou com perfeição, o exercício que nos é orgânico. Naturalmente praticamos a escrevivência, é uterino, nos ajuda a estabelecer relações, pois buscamos nos aproximar e até, empaticamente, por vezes, nos colocamos no lugar com o intuito de melhor compreender, cooperar, entre outros objetivos. E é partindo desse entendimento, de que nossas ideias não são imparciais, distanciadas de nós (como impõe o

homem branco, no ambiente acadêmico científico), que essa é a nossa receita, é nosso modo operacional natural que, sem constrangimentos, fundamento-me para produzir essa escrita e reivindico maior valorização dos pensamentos das Kipovis Mulheres Negras intelectuais.

As nossas escrevivências se tornam um contraponto à ideologia individualista que favorece a branquitude. Antes de prosseguir, se faz necessário buscar compreender melhor esse termo, branquitude, por isso aciono a psicóloga, estudiosas das pautas humanas com recorte racial, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Silva Bento (2002), pois em uma de suas produções, intitulada Branqueamento e Branquitude no Brasil, nos situa que tal conceito está associado a uma percepção, lugar de privilégios das pessoas que se entendem como branca e que o simples fato de se encontrarem nessa posição já assegura, a essas pessoas, usufruir de benesses, sejam elas subjetivas, simbólicas ou materiais, sempre em detrimento das pessoas que pertencem a outros grupos, de não brancos.

Então, relacionar nossas escrevivências aos fazeres diversos, principalmente os científicos, favorece compreensões dessa relação tácita de poder da branquitude. Uma vez entendido o que está estabelecido, podemos buscar combater tal ocorrência e a matriz curricular, o cenário educacional e suas personagens, podem contribuir nesse processo de decolonização social, reconhecendo a episteme negra, por exemplo.

Apesar da maioria dos autores e autoras referendados, na matriz curricular do curso de pedagogia, ser constituída de pessoas brancas e que, da mesma forma, seus escritos partem de uma episteme euro-americanizada, a ideia não é substituir essas visões de mundo, pois, se assim fizermos, estaremos reproduzindo a receita do homem branco, a qual condeno. Reivindico equilibrar, ao reconhecer as demais epistemes existentes de maneira equânime. Faz-se necessário incluir e contemplar a diversidade que constitui a sociedade desse território, dentro do universo acadêmico da UNEB e principalmente na formação inicial em pedagogia.

No que diz respeito aos currículos e a formação de professora nos cursos de pedagogia da UNEB, por exemplo, a Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Narcimária do Patrocínio Luz trata, exatamente, da matriz curricular no cenário universitário, especificamente na formação docente brasileira. A pensadora ainda enfatiza a necessidade de renovação do documento curricular, em decorrência dos duradouros efeitos que favorecem a cultura do colonizador racista, sugere a autora

O nosso objetivo é estabelecer algumas reflexões que procuram (re)examinar a estrutura, a forma e o conteúdo dos currículos que se propõe a formar educadores no Brasil. Temos constatado infelizmente nas Universidades de modo especial, iniciativas perversas de perpetuação das relações coloniais e imperialistas de mundo (LUZ, 2001. p. 23).

Tal postura crítica e reflexiva só pode partir de alguém como uma mulher negra, que estar na situação de desfavorecimento social e é ativista antirracista, como a professora Narcimária do Patrocínio, pois para quem estar no lugar oposto, é herdeira/o da casa grande, ou comunga com as benesses da branquitude mesmo sem se beneficiar delas, não detecta qualquer problema nesse ciclo vicioso curricular.

Reconhecer o legado civilizatório das populações afro-brasileiras e indígenas, especialmente no Brasil, converte-se em uma atitude de reparação histórica. Foi a fim de atender essa reivindicação histórica do Movimento Negro - MN, que ocorreu a alteração da Lei de Diretrizes e Bases - LDB, através da Lei 10.639/03, com a inclusão do artigo 26A, o qual determina que “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2003) em decorrência dessa compreensão, diretrizes foram criadas, a exemplo da Resolução CNE/CP 1/2004<sup>6</sup>.

Essa deliberação se constitui muito relevante à minha linha de pensamento e pesquisa, por isso, destaco alguns trechos específicos, que se relacionam diretamente com essa produção. De início, evidencio um trecho que trata de aspectos gerais, no transcorrer da formação docente, ao determinar:

Os sistemas de ensino tomarão providências no sentido de garantir o direito de alunos afrodescendentes de frequentarem estabelecimentos de ensino de qualidade, que contenham instalações e equipamentos sólidos e atualizados, em cursos ministrados por professores competentes no domínio de conteúdos de ensino e comprometidos com a educação de negros e não negros, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes, palavras que impliquem desrespeito e discriminação (BRASIL, 2004. p.11).

Desse modo, temos assegurado direitos de forma ampla, que visa garantir qualidade desde os espaços, equipamentos e recursos físicos, até a instrução das/os docentes que estão

---

<sup>6</sup> Art. 1º A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores. (Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11).

dispostas no cenário educacional, em prol de reparar as consequências do racismo direcionado às pessoas afro-brasileiras. Notamos que é uma prática recomendada em uma Diretriz Curricular Nacional, ou seja, há um reconhecimento institucionalizado que abre precedente para a importância de reconhecer e incorporar a intelectualidade das mulheres negras na formação inicial em pedagogia.

Essa se evidencia como uma das possibilidades de mediação eficiente que condiz com o que propõe o texto, pois não há como tratar da educação das pessoas negras sem recorrer às próprias, isso é coerente e legítimo, do contrário continuaremos colonizadas/os. A fim de implementar com eficiência as diretrizes o Ministério da Educação - MEC, que através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD publicou as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, objetivando contribuir para a efetivação da Lei 10.639/03, como afiança em sua apresentação, ao dizer:

Todo o material aqui apresentado busca cumprir o detalhamento de uma política educacional que reconhece a diversidade étnico-racial, em correlação com faixa etária e com situações específicas de cada nível de ensino. Esperamos que a publicação seja recebida pelas escolas, por gestores/as e educadores/as, como um importante subsídio para o tratamento da diversidade na educação (BRASIL, 2006. p. 09).

O trecho é uma síntese das intenções de uma produção coletiva. Foram criados grupos de trabalhos, em quatro cidades brasileiras, entre elas Salvador, no período de seis meses. Essas estudiosas e estudiosos buscaram produzir um rico material, o qual viesse dialogar com o princípio da decolonização da educação. Articulada com a proposta desse material e, ainda mais com a Lei 10.639/03, destaco trechos dessa produção que fundamentam a importância do reconhecimento da produção intelectual e científica de mulheres negras cientistas, tendo em vista que

É preciso, portanto, evidenciar que todos os educadores têm a tarefa, juntos e apoiados pelos gestores – da escola e do sistema – de implementar a Resolução CNE/CP 1/2004 em seus espaços de atuação; e, se isto depende de obterem formação para tanto, este texto procura contribuir com esta tarefa formativa (BRASIL, 2006. p. 122).

Entende-se a relevância da coletividade, quando se considera não somente docentes, mas também gestores, espaços formativos e instituições educativas e o sistema como um todo para cumprir a Lei e a Resolução. Sabemos que é por meio de um processo ordenado que as melhorias podem vir a se instaurar definitivamente e o próprio material se presta a esse propósito subsidiador formativo, como constatamos no trecho ante exposto.

Nessa linha, de compreender a importância da Resolução e como esse material pode contribuir para tal efetivação, foquemos nas formações para profissionais da educação, pois

A Resolução CNE/CP 1/2004 deve ser referendada nos cursos de formação dos profissionais da educação (Pedagogia, Licenciaturas em História, Geografia, Filosofia, Letras, Química, Física, Matemática, Biologia, Psicologia, Sociologia/Ciências Sociais, Artes e as correlacionadas, assim como Curso normal superior), tanto nas atividades acadêmicas (disciplinas, módulos, seminários, estágios) comuns a todos eles, quanto nas específicas, possibilitando aprofundamentos e o tratamento de temáticas voltadas a especificidade de cada área de conhecimento (BRASIL, 2006. p. 122).

Ou seja, se faz necessário atuar na formação inicial de todos os perfis de profissionais da educação. Dessa maneira, repensar as matrizes curriculares, que regem esses cursos formativos, como defendo nesse trabalho, é imprescindível. Incorporar as intelectuais mulheres negras, suas produções acadêmicas científicas e pensamentos é uma forma de assegurar o cumprimento legal, em consonância. Assim, educadoras e educadores, das mais diversas áreas do conhecimento, se relacionam com os pensamentos de pessoas negras desde o nascedouro da sua formação, o que favorece a quebra de preconceitos racistas e a familiarização com a cosmovisão produtiva intelectual das pensadoras negras.

## **5- INTELLECTUAIS MULHERES NEGRAS ATIVISTAS: AS KIPOVIS MAIS VELHAS E MAIS NOVAS EM RELAÇÕES UBUNTU**

Na sequência, continuo a citar mais Kipovis Intelectuais Mulheres Negras, porém utilizo o espaço para mencionar não só as Kipovis Mais Velhas, mas também as Kipovis Mais Novas, as quais consegui acessar algumas das suas produções escritas ou não escritas. O intuito é pautar as suas respectivas abordagens, nas mais diversas áreas do conhecimento, quando tratam com empatia sobre questões e temáticas que nos são caras.

Nesta seção busco relacionar o desenvolvimento da escrita com o princípio filosófico africano Ubuntu.<sup>7</sup> Pois, a ética ubuntu nos conecta de maneira natural, nos mantém unidas, fortes, atuantes, em movimento, em interlocução, numa relação de trocas, nos fortalece, nos revigora, e essas são bases necessárias para (re)existirmos nos espaços acadêmicos e de poder. Em alusão a essa filosofia, por nós praticada organicamente, intercalo os nomes das intelectuais negras. Na verdade, a ideia é destacá-las como se estivéssemos em uma roda de conversa, metodologia que adotamos, quando organizamos eventos ou encontros, onde todas se posicionam no mesmo patamar e se pronunciam com uma escuta atenta, sensível e até crítica, se necessária, onde acolhemos e somos afetuosamente acolhidas.

### 5.1- Kipovis Mulheres Negras Mais Velhas

#### **Lélia Gonzalez: a bússola pioneira**

Convido uma de nossas maiores bússolas, a Mulher Negra, Pensadora, Intelectual, Ativista, Filósofa, Antropóloga, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lélia Gonzalez que apresenta o contexto amplo do Movimento Negro Unificado (MNU) e ainda evidencia a importante atuação das mulheres negras dentro do coletivo, quando recorda

O movimento negro desempenhou um papel de extrema relevância na luta antirracista em nosso país, sensibilizando inclusive os setores não negros e buscando mobilizar as diferentes áreas da comunidade afro-brasileira para a discussão do racismo e suas práticas. [...] vale ressaltar o Movimento Negro Unificado, que em seus primeiros dois anos de existência (1978-80) não só se estendeu a outros estados do Sudeste, do Nordeste e do Sul como

---

<sup>7</sup> “A ética ubuntu, um alicerce de intersubjetivação da filosofia africana bantu, refere-se às relações entre as pessoas, [...]. Em processos formativos, intelectuais negras brasileiras, por vezes, têm se apoderado de epistemologias, tal como a ética ubuntu, para se inserir e, talvez, sobreviver, em instituições de nível superior e em seus complexos jogos discursivos, culturais e de relações. Assim, elas também forjam possibilidades de resistências e insurgências, além de vivenciarem e, a um só tempo, promoverem mobilizações culturais e interculturais” como, em uma de suas produções, nos afirma a Linguista, Escritora, Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Ana Rita Santiago (2020).

desenvolveu uma série de atividades que muito contribuíram para o avanço da consciência democrática, antirracista e anticolonialista em nosso país. E a presença de mulheres negras, não apenas na sua criação como na sua direção, não pode ser esquecida (GONZALEZ, 2020. p.90).

Lélia destaca e localiza a atuação da mulher negra, historicamente, não só em meio às parceiras/os de lutas, mas como quem inicia, pensa as organizações coletivas de resistência, quem dirige, se põe à frente. A intelectual foi uma dessas mulheres estratégicas, que além de pensar, organizar, gerir, se manteve no fronte, característica que as mulheres negras combativas precisam acionar e desenvolver para se impor na busca pelos ideais antirracistas e de equidade de gênero.

Lélia Gonzalez é uma das nossas principais referências intelectuais brasileiras, principalmente dentro das temáticas dos contextos feministas e de combate ao racismo, reconhecida internacionalmente e felizmente consta nos referenciais da matriz curricular formativa de pedagogia da UNEB Salvador. Sendo assim, ela será a única exceção neste capítulo, pois as demais que ressaltos são sugestões de inserção no documento, junto a nossa Bússola *Mor*.

Recordar Lélia Gonzalez é necessário para fundamentar esse texto, mas também uma forma de reconhecer a sua importância, sua luta, mantê-la viva, dialogar com ela, agradecer e pedir a sua bênção, como minha mais velha e ancestral que agora és, ao habitar o Orun. Motivada por esses princípios trago todas essas negras intelectuais, mencionadas ao longo da composição deste trabalho. As menciono por serem úteis à minha produção, mas devemos pensá-las como importantes referências dentro dos currículos dos cursos formativos, também. Suas ideias, produções, atuações servem como base para muitas reflexões nas mediações e trocas de aprendizagens, em qualquer área do conhecimento e nível educacional e Lélia Gonzalez é uma das que inaugura essa ideia, aqui no contexto brasileiro.

### **Carolina Maria de Jesus: intelectual orgânica**

A Escritora, Compositora, Poetisa, Mulher Negra Carolina Maria de Jesus se configura uma intelectual orgânica. Suas escrituras e saberes podem nos proporcionar diversas abordagens, estudos, discussões e reflexões. Tomemos o trecho inicial do seu *Best-seller* Quarto de Despejo: diário de uma favelada, quando ela relata mais um dia de sua rotina, nos idos de 1950, no bairro periférico do Canindé, zona norte de São Paulo, a fim de contextualizar sua realidade.

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida.

Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doía-me. Comecei tossir. Resolvi não sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. O ônibus atirou um garoto na calçada e a turba afluíu-se. Ele estava no núcleo. Dei-lhe uns tapas e em cinco minutos ele chegou em casa. Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aceitei-me. Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoraí e deitei-me novamente. Quando despertei o astro rei deslisava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: — Vai buscar água mamãe! (JESUS, 2014. p.10).

Esse é apenas um trecho introdutório da sua produção, mas é possível perceber, o caráter multidisciplinar da obra, desde o início. É perceptível a diversidade de abordagem que se pode desenvolver ao acessar tal escrita. Para a formação em pedagogia refletir as dificuldades sociais, considerar a cor/raça, faixa etária, EJA, condições de moradia, de alimentação das personagens, leitura e produção textual, são algumas das possibilidades de contribuições a serem aproveitadas com a produção da pensadora Maria Carolina.

As profissionais da educação têm, com essa autora, a oportunidade de conhecê-la, pensar o contexto histórico em que ela viveu, quanto tempo há que se passaram essas histórias, se as circunstâncias mudaram de lá para cá (se melhorou, piorou, está igual, por quê?), as suas próprias condições de vida, de suas/seus familiares e as de suas futuras estudantes e assim decolonizar o pensamento e não reproduzir o racismo e outras formas de preconceitos. Há uma infinidade de possibilidades desconstrutoras nas abordagens.

### **Tarry Cristina Santos Pereira: CCN-cidadania e consciência negra**

Na linha do seguir produzindo, sem registro escrito, aciono a ativista, mulher negra, pensadora intelectual, Pedagoga com especialização em Psicopedagogia Clínica Institucional, Gestora Educacional na rede municipal de Salvador e Diretora Pedagógica do Instituto Steve Biko Tarry Cristina Santos Pereira, que em entrevista<sup>8</sup>, concedida ao Instituto Steve Biko, trata da Cidadania e Consciência Negra (CCN), disciplina que compõem transversalmente a matriz curricular das mediações nos projetos pedagógicos e que se constitui como alicerce da Steve Biko

A Biko é a CCN, sem ela não existimos. [...] Ela promove o resgate da estima e da identidade destes jovens que, por ora, foram tiradas pelo processo da

<sup>8</sup> Site Instituto Cultural Beneficente Steve Biko:

<http://www.stevebiko.org.br/single-post/2017/06/13/ccn-tarry-cristina-diretora-pedag%C3%B3gica-fala-sobre-cidadania-e-consci%C3%A2ncia-negra-na-biko> . Acesso em: 01 abr. 2023.

escravidão e pelo processo sócio, histórico e cultural, contado a partir da visão do dominador. Nesta aula, discutem-se várias temáticas, que os ensinam a se perceberem enquanto sujeitos protagonistas de uma história negada pelos livros didáticos, em especial. Os jovens se percebem enquanto sujeitos em movimento. [...] Ao longo dos 25 anos da Biko, sobretudo do Pré-Vestibular, nosso diferencial sempre foi a disciplina Cidadania e Consciência Negra. A CCN é uma filosofia de vida – como os próprios alunos dizem. É um repensar histórico de um outro lugar, uma devolutiva da humanidade destes jovens. Esta disciplina é o eixo, perpassa por todos nossos projetos, é com ela que reconstruímos nossa história, a partir de colaboradores das mais diversas temáticas. Primeiro, o jovem se conhece, entende como se dá o processo do racismo neste país. Quando isso acontece, ele vê que é a vítima deste sistema racista e, a partir daí, adentramos em outros temas. São debates sobre a masculinidade e o feminismo negro, como o racismo opera na mente humana e como, em Salvador, ele se manifesta através do mercado de trabalho (PEREIRA, s/d. p. 56).

A resposta da educadora Tarry Pereira sintetiza o resultado de uma atuação metodológica eficaz, a qual ela esteve à frente durante muitos anos. Em conjunto com outras mentes negras, a pensadora é uma das responsáveis por intervir no *modus operandi* do racismo, especificamente em território soteropolitano. Sua pedagogia interseccional e antirracista, junto ao Instituto Steve Biko, contribue para que pessoas negras empobrecidas, oriundas de escolas públicas acessem a educação universitária pública. Essas pessoas enegrecem suas mentes, percepções, sua estética, seu ser, se despem de preconceitos diversos e tomam consciência das receitas segregadoras do colonizador opressor racista.

Uma vez de posse de toda essa formação e iniciado o processo de desconstrução individual, em cada cursista da Biko, essa pessoa se torna uma caloura, um calouro mais fortalecida/o, ciente dos direitos e das oportunidades que podem buscar, na sua trajetória acadêmica e assim reivindicar as reparações que as leis lhe asseguram, dentro do espaço acadêmico. Trago isso como um relato pessoal também, pois sou uma Bikuda (maneira afetuosa de nos apresentarmos/identificarmos, convencionada entre nós, após passagem/atuação junto ao quilombo educacional Steve Biko), mais uma beneficiada pela inquebrantável junção de pessoas negras que dedicaram e sacrificaram grande parte de suas vidas, juntamente a de suas famílias e familiares também, para impulsionar outras dezenas de pessoas negras e ainda seguem a fazer.

A atuação de Tarry Pereira indico como representação da Biko, pois muitas outras mulheres e homens fazem parte desse movimento de “ubuntulizar”<sup>9</sup>. Ela, e todas aquelas pessoas, serve/em como mais um exitoso caso prático, que pode ser mencionado nas reflexões

---

<sup>9</sup> O termo não existe, oficialmente. É apenas uma forma própria como eu me refiro à prática da filosofia africana Ubuntu, como um verbo no infinitivo que pode ser conjugado, flexionado, praticado, em prol de um bem coletivo.

formativas iniciais em pedagogia e que pode até inspirar pedagogicamente nos componentes em estágios curriculares, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), Gestão Educacional, além da própria disciplina CCN como inspiradora para efetivar intervenções sobre a Lei 10.639/03, umas das maiores dificuldades das graduandas, justamente pela escassez no currículo. Essas são demonstrações de como aproveitar as produções advindas dessa intelectual negra. Basta acessar uma fala sua, qualquer um dos seus discursos potentes, registrado nas redes sociais e ferramentas digitais (como aqui fiz), para se deparar com uma aula antirracista, decolonial, pois sua oratória se constitui como uma histórica escrita, um registro com sua marcante assinatura de tinta forte.

A atuação em rede é uma estratégia natural das pessoas afrodescendentes e as mulheres negras não fogem a esse princípio. Temos diversos exemplos, nas mais variadas situações e setores sociais, na educação não é diferente, antes citei a ativista Tarry Cristina Santos, que há décadas atua para inserir as pessoas negras na universidade. Prossigo agora com mais uma preta potente, que faz acontecer em meio a uma categoria social composta majoritariamente por pessoas pretas.

### **Creuza Maria Oliveira: educadora não formal, creche.**

Ainda alinhada com a ideia de acessar os pensamentos das intelectuais mulheres negras, não só do ambiente acadêmico científico, aciono a premiada presidenta de honra da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad) e secretária de Formação Sindical e de Estudos do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos da Bahia (Sindoméstico-BA), Pensadora Mulher Negra, Creuza Maria Oliveira. Com uma trajetória de vida atravessada por reverberações do racismo a sindicalista se profissionalizou e buscou atuar em prol de uma categoria que mais se mantém “alusiva” ao trabalho escravo, o das trabalhadoras domésticas.

Por tornar-se profissional no trabalho doméstico, desde seus 10 anos de vida, Creuza Oliveira conseguiu elaborar projetos em benefício dessa categoria. Além de organizar o sindicato, a ativista contribuiu para a implantação de diversas ações e políticas públicas em favor das trabalhadoras, a exemplo da Lei Complementar nº 150<sup>10</sup> de 01 de junho de 2015.

---

<sup>10</sup> “Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico; altera as Leis nº 8.212, de 24 de julho de 1991, nº 8.213, de 24 de julho de 1991, e nº 11.196, de 21 de novembro de 2005; revoga o inciso I do art. 3º da Lei nº 8.009, de 29 de março de 1990, o art. 36 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, a Lei nº 5.859, de 11 de dezembro de 1972, e o inciso VII do art. 12 da Lei nº 9.250, de 26 de dezembro 1995; e dá outras providências. Art. 1º Ao empregado doméstico, assim considerado aquele que presta serviços de forma contínua, subordinada, onerosa e

Ainda há a grande conquista coletiva que beneficiou algumas dessas mulheres e suas famílias, como recorda a matéria veiculada no site oficial do Governo do Estado

Em Salvador, uma das maiores conquistas do Sindoméstico-BA foi a construção do Conjunto Habitacional 27 de abril, no bairro do Doron, inaugurado em 2012, cujo nome é referência ao dia nacional da categoria. Exclusivo para domésticas, composto por quatro prédios e uma creche, representou o sonho da casa própria para 80 trabalhadoras, tendo ainda garantida a educação no próprio condomínio, permitindo tranquilidade e segurança para que possam trabalhar sabendo que seus filhos estão sendo cuidados, enquanto elas cuidam de outras famílias. “Não foi fácil chegar até onde a gente chegou. Mas, conseguimos e hoje a gente tem uma sede própria do sindicato também”, lembrou Creuza (BAHIA, 2023).

Essa é uma demonstração da potência do pensamento de uma mulher negra. Creusa sem nenhum cargo público (apesar de candidata algumas vezes, mas sem êxito) consegue detectar as necessidades, idealizar, articular, organizar e executar soluções efetivas que beneficiam nossa gente. Percebemos que ela extrapola os limites do âmbito teórico de trabalho, intervindo positivamente na dimensão pessoal dessas operárias. Sua mediação conseguiu mobilizar e fazer acontecer de forma a promover moradia, segurança, conforto, estabilidade, dignidade e educação, entre tantas outras coisas subjetivas. Uma atuação dessa magnitude nos serve de referência positiva, em inúmeras interlocuções educacionais.

Acessar as ideias, discurso e produções da intelectual Creuza Maria Oliveira constitui uma aula. Seus feitos não estão vinculados e arquivados no ambiente acadêmico, contudo podemos encontrar registros dos feitos da líder sindical, vastamente, nas redes sociais, como nessa matéria antes mencionada, ou até assisti-la e escutar sua fala diretamente nos diversos vídeos dispostos nas redes sociais, como no canal Blogueiras Negras (2013), onde em entrevista ela discorre sobre suas trajetórias e recorda

Eu fazia o trabalho doméstico numa boa, não tinha nenhum preconceito [...]. A única coisa que me incomodava era o tratamento, eram as condições do trabalho, os maus tratos, o assédio, era isso que me machucava, o racismo dentro do local de trabalho. [...] Dentro da casa que eu trabalhava ouvia muita coisa, das próprias pessoas da casa, especialmente da minha patroa que quando ela dizia para os filhos dela (eu com 10 anos, o filho dela também com 10 anos) e ela chegava (ela não permitia que eu estudasse) e ela chegava para o filho dela e dizia, para a filha, “se você não estudar você vai ser graxeira” e eu estava ali ouvindo aquilo. Então tudo isso foi um processo que foi acumulando, acumulando e que me levou para a luta (OLIVEIRA, 2013).

---

pessoal e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas, por mais de 2 (dois) dias por semana, aplica-se o disposto nesta Lei” (BRASIL, 2015).

É com base nas suas escrevivências, atravessada por embates, humilhações e sofrimentos decorrentes do racismo que Creuza Oliveira ressignificou as indignações e segue a elaborar saídas humanizadas, não só para si, mas também para as suas. Como conteúdo didático, vislumbro trocas de aprendizagens nos componentes de Estágios Supervisionados, EJA, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Gestão, História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Educação e Relações Étnico-Raciais e ainda os seminários temáticos e componentes voltados para educação infantil, creche e educação não formal. Não só escutá-la e assisti-la, mas também ter a creche do Condomínio 27 de Abril como uma parceira, para os mais diversos estágios, viabilizando o tripé ensino, pesquisa e extensão da UNEB, possibilitando uma relação de trocas entre a instituição comunitária e a universidade, onde todas as personagens envolvidas podem se beneficiar.

Agora trago aquelas que atuam dentro dos limites universitários. Destacar aquelas que pautam nossas temáticas, questões e nos acolhem ao adentrarmos esse ambiente regido, predominantemente, por uma perspectiva que não nos favorece, a do racismo e do sexíssimo, é prosseguir tecendo e fortalecendo a trama dessa rede para que ela continue resistindo e reparando as mazelas segregacionistas e excludentes.

### **Narcimária Correia do Patrocínio Luz: um novo currículo**

A pedagoga, Dr.<sup>a</sup> em educação, pesquisadora de temas com recorte afro, Narcimária Correia do Patrocínio Luz, em uma de suas produções escritas, levanta provocações acerca da matriz curricular. Mais uma vez, a menciono em virtude da paridade das nossas ideias, quanto ao documento balizador da educação e formação profissional em educação. Na obra (LUZ, 2001) utiliza-se do entendimento sobre Casa Grande, Senzala e Quilombo como uma metáfora para propor reflexões, questionamentos, análises e alternativas para o currículo voltado à formação de professoras na Bahia/Brasil.

Ela entende que o currículo não dialoga com as subjetividades das populações afrobaiana, havendo um predomínio de uma única forma de educar, oriunda da epistemologia euroamericana. Então, a autora utiliza a linguagem figurada para apresentar a lógica da desvalorização do conhecimento africano em detrimento do euroamericano, a qual tem origem nos princípios ideológicos escravocratas. O quilombo seria nossa forma de educar e ela parte das estratégias de luta/resistência da Rainha Nzinga<sup>11</sup>, que com seu legado inspira e

---

<sup>11</sup> Consultar: Sementes: caderno de pesquisa/Universidade do Estado da Bahia. v.2. Salvador, 2001.

mantém a estratégia de resistência/sobrevivência, que contraria e imprime em paralelo a sua matriz curricular, valendo-se de mecanismos sutis, os quais ela sugere que sejam reconhecidos e oficializados, para promover a ruptura com a casa grande (LUZ, 2001).

Com esse entendimento, a professora Narcimária Correia atuou como docente na formação de educadoras na UNEB. Provavelmente, nas suas mediações, ela buscou provocar quanto a essa influência racista curricular, quando na graduação e na pós-graduação, pois atuou em ambos cenários e isso já configura uma intervenção decolonial. Devo salientar que a Dr.<sup>a</sup> Narcimária Luz compôs o referencial antigo de 2007, sob o qual fui formada, contudo ela não foi mantida na nova versão, recém formulada em 2020.

Por vezes, gestos que podem ser lidos como tímidos, ou pequenos, se despontam como divisores de águas, por suscitar inquietações internas silenciosas. O segredo está na recorrência e na diversidade de ocasiões. É preciso mencionar as autoras preteridas e suas pautas indesejadas, pela branquitude racista e sexista, em todas as mediações possíveis, em todas as áreas do conhecimento, pois não existe nenhum saber que as mulheres negras não pesquisem e busquem compreender e se relacionar.

A subtração da professora Narcimária do Patrocínio, do PPP de pedagogia, configura um empobrecimento nas possibilidades de mediação na formação inicial das educadoras unebianas. Na minha pesquisa percebi que muitos nomes são repetidos amplamente, porém isso não ocorreu com a intelectual Narcimária Correia. Sabemos que é através da repetição que o homem branco se impõe e incorporamos suas receitas, por tanto que ela se faz presente em nossas rotinas, então, podemos adotar essa ideia e utilizá-la também, à nossa maneira, a nosso favor. Penso que a proposta de Narcimária Luz pode ser mediada como uma metodologia transversal, de forma ampla, em todos os componentes da matriz curricular, assim, teremos uma efetiva intervenção aquilombada e decolonizada, liberta da Casa Grande, como propõe a autora.

### **Ana Célia da Silva: livro didático**

O aspecto da recorrência é utilizado tanto para exaltar a raça branca como para depreciar os povos negros, indígenas e todas as demais representações humanas não brancas, concomitantemente. É o que nos prova a pensadora, Pedagoga, Mulher Negra, Pesquisadora, Diretora fundadora do Ilê Aiyê, Escritora, Poetisa e premiada Dr.<sup>a</sup> em Educação Ana Célia da Silva, ao investigar sobre A Representação do Negro no Livro Didático, quando a cientista

sistematiza e firma o entendimento de que o livro se presta como uma ferramenta fixadora da imagem de pessoas negras estereotipadas. Que ocorre transformações dessa figura, ao longo do tempo, contudo há um senso comum que opera e faz prevalecer percepções negativas, as quais são incutidas no imaginário de toda sociedade (SILVA,2011).

Somente uma pensadora negra possui genuíno interesse, e legitimidade, ao pesquisar e refletir sobre a representação negra em um instrumento, aparentemente, tão inofensivo. É uma percepção e inquietação que se manifesta em quem se incomoda, está desconfortável com aquela abordagem violenta, sutil e naturalizada como uma condição daquela representação desumanizada, em muitos casos. Parte de quem deseja modificar tal circunstância histórica, não quer se apropriar, tratar de maneira distanciada, como objeto de pesquisa, como determina a forma de pesquisar do colonizador, “não se envolver”.

Ana Célia produziu e nos disponibiliza um legado muito poderoso. Sem dúvidas, esse estudo direcionado ao livro didático, com recorte racial, se estabelece como uma potente possibilidade de desconstrução do racismo, desde a formação inicial docente, não só na UNEB. Provocar tal percepção, treinar o olhar, desenvolver o senso crítico reflexivo, são possibilidades que podem ser praticadas, ao adotar essa autora e sua produção no currículo da formação em pedagogia, direcionado a perspectiva decolonial, também de maneira transversal, pois podemos pensar a representação das pessoas negras de forma ampla, no livro didático de todas as disciplinas e em qualquer material didático, analógico ou digital, físico ou virtual.

Infelizmente, o racismo se moderniza, acompanha as mudanças, se atualiza, se reformula. A cientista Ana Célia investigou sobre a aparição e representação no livro didático, porém, atualmente, o ambiente educacional utiliza inúmeras outras ferramentas, com isso a produção da Doutora Ana Célia serve para abordamos essa análise reflexiva a partir do impresso didático e então inserir as outras ferramentas e instrumentos educativos nas reflexões, adaptando o diálogo, guardada as devidas proporções de origens, formatos, apresentações e linguagens.

Ressalto algo que compreendo como uma contradição, o epistemicídio nítido. Apesar de ter atuado como Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tanto na graduação como no Programa de Pós-Graduação, a teórica Ana Célia da Silva não é referenciada na matriz curricular do curso de licenciatura da UNEB, em nenhuma das duas versões analisadas (2007 e 2020). Confesso que fiquei impactada ao constatar essa ausência.

Fico a refletir o que justifica tal invisibilização, de uma personalidade que tanto contribuiu e contribui não só para a UNEB, mas para a educação como um todo, se não o racismo.

### **Joana Maria Macedo Leôncio: sexualidades**

Ubuntunizando, agora dialogamos com a Psicóloga, Terapeuta, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joana Maria Macedo Leôncio, para nos ajudar com as questões do campo subjetivo, que afetam nosso orí, as abordagens da dimensão psicológica. O racismo nos atinge de inúmeras formas e as profissionais da educação precisam estar preparadas para lidar com as problemáticas que emergem no ambiente de ensino, inclusive as suas próprias.

A nossa mente é muito frágil, precisamos aprender a administrar os enfrentamentos, que surgem simultaneamente. “No chão da escola” é muito comum enfrentar, além de situações de racismo, ocorrências de LGBTfobia, que vem de toda parte e despenca sobre a professora, sem pedir licença, então devemos obter abordagens na formação inicial em pedagogia, que corrobore para desconstruir preconceitos e se fortalecer no preparo, para mediar os conflitos, dúvidas, etc.

Em uma de suas produções, intitulada A Educação/Orientação Sexual na Escola: ideias, concepções e inovações/manutenção de valores nas práticas docentes, a psicóloga trata de uma temática que se constitui um tabu, em especial por ser na escola, então em poucas palavras ela imprime, que “As transformações psicosexuais são vividas e sentidas por meninos e meninas de forma diferenciada, consolidando o sentimento de masculinidade ou feminilidade como resultado da formação da identidade sexual.” (LEÔNCIO, s/d, p. 08), perceba que só nesse trecho, despontam várias possibilidades de mediação.

Com um texto como esse, podem-se abordar questões não só sobre orientação sexual, como já anuncia no título, mas desconstruções de atribuições de gênero/sexo, violências sexuais, machismo, feminicídio, tudo partido do saber de uma mulher com identidade negra, com consciência e formação racial. Apesar de não ofertar recorte racial, nesse texto, a professora possui formação na área e atua ativamente no fronte, diariamente. Essa produção se constitui como imprescindível, no currículo formativo em pedagogia, pois estamos vivenciando um contexto muito adverso, apesar de perceber as desconstruções e conquistas que as novas gerações estão a usufruir, porém ainda estamos distantes do ideal, então, busquemos nos formar, para decolonizar não só o ambiente acadêmico e educacional, mas toda sociedade e sistema.

### **Neusa Santos Souza: psicologias**

Sigamos, em movimento circular, recordemos a potência do pensamento da Intelectual, Mulher Negra, Psiquiatra, Psicanalista e Escritora Neusa Santos Souza. A pesquisadora atuou em um campo muito afetado em nós, o da mente/psicológico. Em sua obra, Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social (SANTOS, 1983), ela desenvolve e imprime o entendimento que as pessoas não nascem se entendendo como negra, mas que podem assim se tornar mediante as relações, convívios e conflitos sociais, mesmo que essa possua características físicas próprias da raça, elas podem não se reconhecer como tal, pois, no Brasil, o processo de embranquecimento e alienação é contundente e leva as pessoas a esse fenômeno da negação.

Além disso, ela insere um tópico, intitulado “Não falar no assunto” (SANTOS, 1983. p.66), com transcrições dos depoimentos, contribuições e relatos reais das pessoas entrevistadas na pesquisa, com o qual entendemos que o racismo nos induz a vivenciar violências múltiplas, inclusive a do silenciamento, pois não é permitido conversar sobre, dialogar, discutir o assunto. Isso só favorece a branquitude e a quem apoia suas atuações racistas, ainda que esteja como vítima na situação. Um material como esse, em diálogo com as reflexões do livro didático de Ana Célia da Silva favorece a quebra desse emudecimento, encaminha a pautar o assunto que o currículo colonizado tanto quer calar. Ademais, pode contribuir nas interlocuções formativas dos componentes relacionados às psicologias, Educação e Relações Étnico-Raciais, infância, EJA, enfim, são inúmeras as oportunidades de trocas.

### **Priscilla Leonnor Alencar Ferreira: cultura surda, acessibilidade**

Em interlocução, convido, com a perspectiva das discussões inclusivas e da acessibilidade, a Pedagoga, Líder do Movimento Negro Surdo, Poetisa, Ma. em ensino, doutoranda em Estudos Étnicos-Raciais, Mulher Negra, Surda, Priscilla Leonnor Alencar Ferreira, para melhor compreendermos a cultura surda

Considerar a questão cultural da comunidade surda e entender o jeito de ser surdo é entender o mundo e de modificá-lo a fim de torna-lo acessível e habitável. Sujeitos surdos não se diferenciam de acordo o grau de surdez ou simplesmente pela cor da pele; o importante para eles é o pertencimento a um grupo usando a língua de sinais e isso auxilia na definição de suas identidades surdas.

Há um duplo preconceito vivido pelos surdos ao se reconhecerem identitariamente como negro e surdo (FERREIRA, 2018. p. 36).

A produção da pensadora Priscilla Leonnor elucida a dúvida sobre as pessoas surdas, nos fazendo compreender que surdez não pode ser considerada deficiência, mas sim como cultura,

por ter a língua de sinais como seu idioma próprio, entre outras características que constituem esse grupo de pessoas como uma comunidade que reivindica apenas o reconhecimento da sua forma de se comunicar em libras para interagir com autonomia, em meio social. A inclusão para as pessoas surdas se dá por meio da acessibilidade na comunicação, no campo tradução visual, para surdos videntes, e da libras tátil, para pessoas surdas cegas.

Seu ativismo, enquanto mulher negra se soma a sua identidade como “membra” pertencente a essa comunidade surda, a qual fala outro idioma, a língua de sinais. A escrita da Prof.<sup>a</sup> Priscilla Alencar é rica em possibilidades junto à matriz curricular. Pode-se pautar conteúdos nas áreas das discussões étnico-raciais (duplo estigma por ser pessoa surda e negra), interseccionais, linguísticas, educação básica, sociais, da acessibilidade, servindo para desmistificar o equívoco quanto a inserir pessoas surdas nas discussões do campo da deficiência (Educação Especial e Inclusiva), entre tantas outras abordagens. Suas reflexões e afirmações são importantes na formação das suas colegas pedagogas e podem complementar, enriquecer os referenciais do currículo em pedagogia da UNEB e promover a melhor compreensão quanto a Cultura Surda, para que não sigam acreditando que as pessoas surdas estão dentro do perfil das Pessoas com Deficiência. Refletir com base nas escritas da professora Priscilla nos ajuda a pautar e entender que existem diversas formas de ser e existir no mundo, na sociedade, e que ser surda e negra é apenas mais uma delas.

### **Renata Aparecida Felinto dos Santos: artes, ludicidade**

Convido agora a mulher negra, Doutora, Pensadora Intelectual Multifacetada nos campos das artes, Prof.<sup>a</sup> Renata Aparecida Felinto dos Santos, tomemos seu pensamento, na busca por enfatizar a necessária decolonização curricular.

Estando nós inseridas e inseridos numa sociedade plurirracial é urgente que, de fato, os conteúdos que compõem os currículos escolares da Educação Infantil à Superior contemplem as participações e contribuições de todos os povos que historicamente constituem o povo brasileiro, [...] (SANTOS, 2019. p. 2).

Mais à frente, ela segue sustentando

Para nossa sociedade é algo relativamente recente, novo, compreender as ausências de determinados grupos étnico-raciais ou sociais como violência, porém cada vez mais, intelectuais negras, especialmente as que se alinham ao feminismo interseccional ou interseccional, tem denunciado que a omissão, o apagamento, a invisibilidade, a sub-representação são facetas da mesma violência que fere e elimina fisicamente indivíduos que compõem esses segmentos (SANTOS, 2019. p. 7).

Nesta obra, a autora oferta provocações, todas associadas ao racismo, mas aqui destaco essa sua ênfase quanto a ausência das produções de pessoas negras nos conteúdos dos currículos dos diferentes níveis educacionais. Há uma naturalização, a sociedade brasileira acostumou-se com a ausência das pessoas não brancas nos espaços, não estranham a falta dos demais representantes humanos brasileiros e assim seguem contribuindo com a invisibilização, pois leem isso como positivo, natural e normal. Apesar disso, é nas pensadoras mulheres negras que se encontra a postura que inicia a reversão dessa situação. Somos nós quem detectamos, questionamos, e atuamos no combate às tiranias do opressor.

São várias as problemáticas que podem ser aproveitadas nas interlocuções em sala de aula e que a autora salienta, em poucas páginas. Aproveitar seu pensamento nos componentes artísticos, para pautar a lei 10.639/03, além de aprofundar as análises, críticas e denúncias que ela propõe e da prática decolonial do currículo, na perspectiva antirracista, ao inserir seu texto numa abordagem como um “guarda-chuva”, para sob ele relacionar tantos outros temas e conteúdos, extraídos do próprio texto.

## 5.2-Kipovis Mulheres Negras Mais Novas

### **Helem dos Santos Moreira: educação não formal**

Para nos ajudar a pautar sobre a educação planejada para pessoas em espaços não convencionais, aciono a Ativista, Pedagoga, Mulher Negra, Coordenadora do Projeto Pré-vestibular Quilombo Ilha, a minha irmã Bikuda Helem dos Santos Moreira. Seu TCC (2016), intitulado “Educação e Relações Raciais: as expectativas e possibilidades do acesso ao ensino superior das pessoas negras privadas de liberdade” se constitui em um rico material didático. A educadora nos faz refletir sobre a temática, pois parte do seu interesse, das suas vivências, enquanto educadora de mulheres em situação de cárcere, em regime fechado, e conclui:

A maior consequência desse problema com a alfabetização é a evasão das instituições que possuem a função de educar. Essas crianças e jovens quando não possuem sucesso na alfabetização, são taxados de incapazes, e obrigadas a assumir a responsabilidade pelo próprio fracasso. Esses são, na sua maioria, do sexo masculino e terminam por não encontrar sentido em frequentar um espaço que não lhes é favorável, priorizando a relação com as ruas, que se mostram mais prazerosas e úteis para o desenvolvimento de habilidades importantes para convivência nas suas regiões de origem (MOREIRA, 2016. p.13).

A pensadora apresenta sua inquietação quanto ao que levam, especificamente, pessoas negras a essa situação da evasão escolar. Ela também reflete sobre a realidade de estudantes em situação de privação de liberdade e uma vez lá estando, qual o real contexto que se deparam,

caso decidam por prosseguir estudando e se inserir no ambiente acadêmico. Sua escrita pode se desdobrar em várias reflexões, em vários conteúdos formativos, se pode pensar com recorte racial, de gênero, contexto socioeconômico, impactos no campo psicológico, dificuldade de aprendizado, alfabetização, EJA, evasão escolar, além se encaixar com, legitimidade técnica, no componente: Educação em Contextos de Restrição, Privação de Liberdade e Medidas Socioeducativas. São tantas as possibilidades, basta considerar a oportunidade com o devido respeito que a autora e sua pesquisa merecem.

Mesmo tendo sua vida brutalmente ceifada, vítima do feminicídio praticado por seu então ex-companheiro, e não estar mais em matéria entre nós, nada impede que as ideias e feitos da Pedagoga Helem dos Santos sejam reconhecidas e propagadas, pois Helem dos Santos Moreira e sua essência (re)existem e vivem em nós. Seu legado é potente e imortal. HELEM, PRESENTE!!!

Existe um evidente aspecto, o qual caracteriza e diferencia o pensamento das mulheres negras, que as pensadoras com ideias decoloniais não tem nas pessoas, protagonistas nas suas investigações, meros objetos. Ainda há uma postura empática, respeitosa e humanista, que não se deixa dominar por preconceitos e nem tampouco atua como assistencialismo ou romantismos, sua intervenção é com o firme propósito de reverter aquele quadro de opressão e desfavorecimento social, como buscou operar Helem Moreira, antes mesmo de concluir sua formação, pois a sede de fazer acontecer da pensadora mulher negra é sempre urgente, não se pode esperar por um título para fazer acontecer.

### **Thiffany Lima da Silva (Thiffany Odara): socioeducação, perspectivas pedagógicas**

Trago mais uma intelectual de igual postura insurgente, a Yalorixá, Mãe de Tauã, Pedagoga, Escritora, Mestra em Educação e Mulher Negra Trans, Thiffany Lima da Silva ou Thiffany Odara. Com o trabalho “As Linguagens de Ensino Sócio Educativas do Terreiro São Jorge da Gomeia” (2016), a educadora transversaliza várias reflexões, com base nas suas experiências de vida, quando imprime

Entendendo que toda negação ao público transexual se dá pela falta de um currículo educacional que possa dialogar com as diferenças, é necessário que o currículo possa dar visibilidade as diversidades e ao público LGBT - com grande ênfase no T das travestis e dos transexuais (SILVA, 2016. p. 24).

Sem rodeios, a intelectual defende que as práticas preconceituosas, que assolam a sociedade, são fomentadas pela matriz curricular e que o documento precisa ser revisto, a fim de possibilitar uma educação decolonizada. Ela aqui centra em defesa da questão de gênero,

pautando especificamente, pessoas travestis e transexuais, porém podemos ampliar seu encaminhamento de maneira a contemplar todas as pessoas segregadas, pois uma vez implementado uma receita decolonizante, todas as existências humanas tendem a ser contempladas e respeitadas.

Além do seu TCC, ainda temos a possibilidade de acessar a obra literária “Pedagogia da Desobediência: travestilizando a educação” (2020), de autoria de Thiffany Odara. São muitas as opções para acessar as produções da educadora, pois ela também ocupa as redes sociais e nada impede de, mesmo em formação acadêmico científica, aumentar seus conhecimentos nas ferramentas, plataformas, meios digitais, como a própria Thiffany Lima pratica.

E sendo assim, devemos considerar as diversas possibilidades de atuação da profissional da educação, sejam ao que tange os diferentes formatos, como nos demonstra a intelectual Thiffany Lima da Silva ou quanto às diversificadas abordagens temáticas locais de atuação ou perfis de público.

### **Daiane Messias dos Santos: interseccionalidade**

Existem chances reais de mediações de processos de ensino-aprendizagem em espaços educacionais inusitados e com públicos específicos. Ponderando essa possibilidade, recorro ao pensamento da Intelectual, Mulher Negra, Pedagoga, Mestre em Educação, Atriz, Poetisa, neta de Hermínia e Rosa, prima de Tailana e filha de Maria, Daiane Messias dos Santos, por meio do seu TCC, intitulado “Articulando Gênero, Raça e Educação no Emprego Doméstico: trajetórias escolares de mulheres negras empregadas domésticas” (2020), por sistematizar o pensamento quanto aos impactos educacionais concernentes a uma categoria, específica, de trabalhadoras.

A educadora Daiane Messias demonstra uma preocupação, um genuíno interesse, que também parte das suas experiências, escrevivências para pensar a educação em uma perspectiva interseccional, e assim enfatiza ao dizer

[...] compreendo o quão necessário é entender a interseccionalidade de raça e gênero, bem como isso se relaciona com a educação, pois ao entender estes marcadores e como agem criando vulnerabilidades, compreendemos as desigualdades produzidas por eles. E como impedem/dificultam o acesso à educação e o deslocamento social, econômico de pessoas interseccionadas por diferentes marcadores, como são as mulheres negras (SANTOS, 2020. p.33).

Sua afirmativa serve para refletirmos quanto a importância de compreendermos a interrelação que se estabelece, socialmente, entre raça, gênero, educação e as vulnerabilidades que surgem dessas combinações. Quem media a aprendizagem junto a personagens que acumula esses marcadores impostos, precisa desconstruir preconceitos estereotipados e estigmatizantes, para não incorrer no erro da violência discriminatória. Com essa produção, pode-se pautar sobre as várias representações sociais, EJA, distorção idade série, temáticas no campo psicológico, estudantes trabalhadoras, evasão escolar, entre outras abordagens e interseccionalizar a mediação, fundamentada nas ideias e produção da Pedagoga Daiane Messias dos Santos.

A interseccionalidade é algo que vivenciamos tacitamente em nosso cotidiano, em todas as situações sociais, contudo não se amplia as discussões sobre os impactos e efeitos que incidem em nossas vidas. Pautar os atravessamentos interseccionais, com base nas provocações e percepções de uma educadora e pesquisadora negra, é uma estratégia que possibilita a melhor compreensão e uma abordagem mais assertiva quanto às reparações que devem ser promovidas e praticadas através da área educacional, pois essa produz com base no vivenciar, desconforto e desejo de extinguir a prevalência das desigualdades interrelacionada a sua condição existencial humana. Depreender sobre a interrelação que atingem as pessoas negras é algo imprescindível na constituição das profissionais da educação, desde a sua formação inicial.

Essa produção em diálogo com a escrita sobre o livro didático, de Ana Célia da Silva, somado ao discurso da líder sindical Creuza Maria Oliveira pode potencializar e promover inúmeras análises, discussões, reflexões, desconstruções, trocas, experiências e aprendizagens pedagógicas formativas, bastas oficializá-las no PPP do curso.

### **Tereza Cristina Santos Santana: pedagogorima**

Envolvida nessa percepção, avanço e convocou outra potente Mulher Negra, Pedagoga, Educadora Social, Tereza Cristina Santos Santana. Sustentada por suas experiências de vida, observando, desde a infância, a atuação da sua mãe, Dona Maria Nazaré dos Santos, Tereza Santos nos apresenta a PedagoRima

Pedagorima é uma ação pedagógica, coletiva que direciona o aprendizado significativo, que respeita o letramento dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizado. Evidenciando os valores étnico cultural, pois valoriza as características afro-brasileira, desenvolvendo no sujeito o senso crítico mediante práticas educacionais libertárias, reflexivas, humanizadas e humanizadoras (SANTANA, 2020. p. 18).

A metodologia de ensino decolonial é defendida com base nas suas mediações pedagógicas, sobre a qual a educadora segue conceituando, “[...] a Pedagogia método educacional da coletividade decolonial, é uma a Pedagogia que reúne os elementos do movimento Hip Hop, em prol do ensino significativo como alternativa de superação dos desafios enfrentados no cotidiano.” (SANTANA, 2020. p. 18). Tereza Cristina recorre às múltiplas linguagens características do Movimento Hip Hop-H2 para propor uma relação de troca de aprendizagens decolonizada e significativa.

Em seu TCC, intitulado “Aproximando a Cultura Hip Hop da Educação Básica Mediante a Pedago(Rima): narrativas (auto)biográfica das experiências de estágios extracurricular” (2020), consiste o relato, em detalhes, da sua *práxis*, e ainda nos explica sobre a Cultura H2, possibilidades de recursos didáticos, célebres referências e os efetivos resultados das oficinas que promoveu enquanto mediando saberes em um Projeto Social que atende o público Educação de Jovens Adultos e Idosos - EJAI, o qual considerou aspectos raciais, sociais econômicos, etário e de gênero para promover a troca de conhecimentos com pessoas em situação de extrema vulnerabilidade social.

A escrita da educadora Tereza Santana evidencia uma inegável possibilidade educacional decolonizadora. Com ela, podemos pautar e refletir inúmeros conteúdos formativos em pedagogia, a exemplo da modalidade EJA/EJAI, contextos sociais e raciais, interseccionalidade, cultura, artes, linguagens intertextuais, música, situações socioeconômicas, entre tantas outras possibilidades.

A riqueza dessa escrita nos proporciona subverter promovendo personagens que o colonizador branco negou e segue negando, ao longo da constituição histórica brasileira. Há ainda, a chance de reconhecer ou situar-se das reais contribuições políticas e sociais provocadas pelo Movimento H2, quando atuou em paralelo, suprindo as lacunas do currículo embranquecido que não nos contempla, que nos nega, então, nada mais justo que o mesmo seja reconhecidamente oficializado e incluso como possibilidade metodológica antirracista, no âmbito educacional, em todos os níveis e modalidades, sem restrições.

### **Vanile Santos Cavalcante**

E com satisfação, adiciono a roda mais uma poderosa pensadora e suas ideias, a Mulher Negra, neta de Dona Maria Alice (in memoriam), filha de Teresa Cristina, irmã de Viviane Cavalcante e Pedagoga Vanile Santos Cavalcante. Em seu Trabalho de Conclusão de Curso,

intitulado “Enegrecendo a Aprendizagem: as músicas do grupo afro Olodum como instrumento pedagógico para o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira” (2020), a educadora apresenta uma análise propositiva e reflexiva, associando possibilidades de mediações educacionais para implementações efetivas das Leis 10.639/03 e 11.645/08, inspirando-se e utilizando o Grupo Afro Olodum e suas canções, como ferramenta didática antirracista, em sala de aula, para o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira.

A produção é introduzida reconhecendo, antes de tudo, a importância do currículo, junto a outros instrumentos, para que ocorram reparações e se promovam as mudanças necessárias para beneficiar a as populações negra e indígena, ao assegurar:

Precisamos de um trabalho, em conjunto, entre Lei, Currículo e Prática Docente para o ensino das relações Étnico-Raciais em sala de aula, pois a partir dessa conscientização, conseguiremos reparar e valorizar a essas culturas negadas, para que gerações futuras se fortaleçam em suas raízes, e consigam modificar o cenário das desigualdades sociais presentes na atualidade (CAVALCANTE, 2020. p. 13).

A autora, assim como eu, percebe a influência da Matriz Curricular ao que tange o racismo em meio educacional e social. Ao partir dessa percepção, em articulação com o que determinam as leis juntamente a *práxis* das educadoras, no “chão da escola”, Vanile Santos aponta as composições da Banda de Samba-Reggae Olodum como um favorável utensílio educacional, por se evidenciar como um material de linguagem acessível, resultado de todo um trabalho de pesquisa, realizado através de seu projeto “Em 2011, retornam ao seu objetivo inicial do ensino não formal, e incorporando a denominação de Projeto Escola Olodum. Conscientes das suas potencialidades, o Bloco Olodum iniciou um processo de transformação, educação e conscientização naquele espaço.” (CAVALCANTE, 2020. p. 31), onde as/os educadores do Olodum produzem ações e materiais que promovem resgate e valorização da própria história e, conseqüentemente, enaltecimento da autoestima, além da tomada de consciência e entendimento dos processos racistas e seus impactos nocivos, direcionados à nossa gente.

Quanto ao aspecto do entendimento, a intelectual afirma que “Pensando nesta perspectiva de podermos entender a história através de seus próprios protagonistas, que iremos compreender como a música do Bloco Afro Olodum poderá ser utilizada como aporte teórico ou prático, para dar subsídios a Lei 11.645/08” (CAVALCANTE, 2020. p. 42) e, mais adiante, ainda complementa

O Bloco Afro Olodum atua como construtor de identidades. Através da análise de suas canções, pudemos desmistificar alguns resquícios cruéis sobre o período escravocrata que foi introduzido no imaginário de toda uma sociedade. Neste sentido, houve-se uma construção em nosso imaginário social, tendo em vista sempre a população negra e indígena como seres inferiores, sem detenção de poder intelectual, de feitos, lutas e vitórias. Onde mulheres e homens e seus descendentes, são subalternizados até os dias atuais devido às marcas deixadas por este período.

A partir das composições que o Bloco Olodum retrata temos a possibilidade através da sua utilização em sala de aula como aporte teórico, reverter o apagamento da Cultura Africana e Afro-brasileira, permitindo dessa forma aos educandos novas condições simbólicas, para que se sintam representados através dessas canções (CAVALCANTE, 2020. p. 57).

Com essa certeza, a pedagoga nos apresenta em sua escrita, além das suas escrevivências, do contexto histórico do carnaval e do surgimento do Grupo Olodum, uma listagem com algumas canções da Banda, intercaladas com explicações e sugestões de abordagens, temáticas e conteúdos à serem aproveitadas nas interlocuções educacionais, de História e Cultura Afro e Indígena. É um material que se presta, com tranquilidade, à formação docente, em qualquer tempo, não somente na etapa inicial das/os profissionais da educação, por ser um trabalho de pesquisa embasado em cientistas com muita experiência e qualificação, por ser contemporâneo e, principalmente, por ser produzido por uma Intelectual Mulher Negra, Profissional da Educação que possui vivências junto ao Grupo, como ela própria destaca no transcorrer do trabalho.

Seria enriquecedor acessar a produção da colega Pesquisadora Vanile Santos Cavalcante, pois ela nos faz perceber uma possibilidade muito próxima a nós. É um recurso em que ainda pode ser transversalizado com os componentes de linguagens, artes, ludicidade, psicologia, RTM's, além dos já sugeridos pela autora. As possibilidades são inúmeras, basta entrar em contato com o texto que as inspirações surgem, instintiva e naturalmente.

Ao destacar essas produções, busco demonstrar, de maneira objetiva e prática, como o pensamento e os feitos das intelectuais negras podem contribuir, efetivamente, no processo formativo das pedagogas da UNEB. Essas são as que consegui acessar, a tempo de citá-las nesse trabalho, mas ainda existem muitas outras pretas insurgentes, Mais Velhas e Mais Novas, as quais, infelizmente, não tive “fôlego” para me apropriar das suas produções e aqui mencioná-las, apesar de ter ciência das suas ideias e capacidades.

A título de reconhecimento ainda índico: a Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Bárbara Carine Soares Pinheiro, Eliane Costa Santos, Aline Gabriela Braga, Ruby Ferreira, Dai Costa, Kézia de Alcântara, Sued Hosaná, Mirella Novaes e Maria Alice Freitas Souza Câmara, por compreender que suas

concepções me contemplam, representam e como manifestação do meu apreço por suas ideias e postura de (re)existência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, já se admite e reconhece, sobretudo através das pesquisas publicadas por órgão oficiais (IPEA, O DIEESE, IBGE E PNUDD), que o racismo existe e é originado, num primeiro momento, pela ação colonizadora do homem branco europeu, através de um processo secular de colonização. E num segundo momento, em virtude de um processo de abolição que preteriu a população negra de acesso a sociedade de classes e através de uma pseudodemocracia racial, retirou a cidadania da população negra valendo-se de teorias raciais que permanecem no imaginário da população brasileira, até os nossos dias.

Tudo isso, para se beneficiar, sobressair nas mais variadas formas de relações sociais e que é praticado há séculos. Sendo assim, admitir que o racismo privilegia os brancos, em detrimento das pessoas negras e indígenas, se faz necessário e urgente, pois muitas são as representações humanas que são desprezadas no convívio social e muitas também são as formas que favorecem essa perversa interação segregacionista e que a mulher negra é colocada na base dessa estrutura racista e quando ocorre alguma movimentação é, tão somente, para posicioná-la à margem, fora do meio social humanizado. Combater o racismo e sexíssimo se configura como ação legítima e urgente.

O *modus operandi* da branquitude estabeleceu formas de manutenção eficiente do racismo no Brasil, das mais diversas conformações, de maneira sutil, velada, silenciosa, mas eficiente e contundente, por favorecer a naturalização do racismo, mesmo quando se está no lugar de quem o sofre. Porém, há também as formas escancaradas, declaradas de violentar racialmente, tudo é válido e utilizado, na prática do racismo, são infinitas as estratégias racistas e sexistas.

Boa parte dessa naturalização é mantida através da educação oficial institucionalizada. A Matriz Curricular se configura como uma eficiente ferramenta que garante que a sociedade continue reproduzindo os valores eurocêntricos centrados na branquitude. Nessa perspectiva, apenas o homem branco e a mulher branca são um modelo a seguir, mesmo que a sua cultura seja de violência e massacre histórico contra as populações negras e indígenas no Brasil. Foi com base nessa percepção que senti a necessidade de analisar os referenciais gerais e as bibliografias, básica e complementar, das ementas dos componentes curriculares do curso de pedagogia da UNEB/Campus I.

Ao me debruçar e esmiuçar os referenciais dos dois últimos PPP's (2007 e 2020) percebi que, ainda não atingimos o ideal reconhecimento dos saberes das pessoas negras e

considerando, especialmente, a formação inicial em pedagogia em Salvador, um ambiente onde predomina um perfil de mulheres e negras, entendo que esse apagamento se torna ainda mais preocupante, pois se não somos mencionadas nos referenciais, conseqüentemente, não seremos lembradas e nem citadas pelas/os graduandas/os e assim, se estabelece o gerenciamento dessa receita racista, no campo educacional.

Por esses motivos, reivindico o reconhecimento dos pensamentos e produções advindas das intelectuais mulheres negras na formação inicial em pedagogia, no campus I, da UNEB, por se constituir para além de uma reparação histórica, mas, também, uma forma de decolonizar o currículo e, por conseguinte, a *práxis* das profissionais em formação, suas produções acadêmicas obrigatórias, suas futuras mediações na troca de aprendizagens, etc.

O predomínio dos pensamentos e o fenótipo corporal de pessoas brancas ainda persistem na Matriz Curricular/Projeto Político Pedagógico de pedagogia da UNEB, Campus I; houve um ínfimo aumento de pessoas negras referenciadas (quando comparamos os dados das duas versões de PPP's, 2007 e 2020), porém ainda não podemos dizer que é uma representação equânime, justa; das pessoas cientistas negras citadas nos referenciais um significativo percentual reproduz o saber branco, não estuda ou media com recorte racial e poucas delas possuem fenótipo negro acentuado, assim favorecendo dúvida quanta a sua cor/raça.

Com tudo isso, firmo a conclusão, sim, infelizmente, ocorre, o epistemicídio da intelectualidade negra na matriz curricular, do curso de pedagogia da UNEB, campus I, especialmente as de mulheres negras. Há um predomínio de cientistas e saberes brancos no currículo e toda essa articulação racista e sexista favorece que sempre as mesmas pessoas sejam referenciadas, citadas, eleitas nos variados postos e cargos e situações de decisão e poder.

Essa é a base fundante que imprime, retroalimenta e difunde socialmente a ideia que mulheres negras não possuem competência para gerir uma empresa, instituição universitária, município, estado ou país, por exemplo. Atuemos para provocar, não só reflexões, mas, a efetiva mudança reparativa com o rompimento deste ciclo vicioso, racista e sexista, de modo a nos favorecer de fato. Por fim, ressalto que a reflexão é o maior objetivo desta pesquisa, pois acredito que ao parar para refletir temos uma oportunidade de raciocinar, rever situações, posturas, conceitos e preconceitos, com isso temos a chance de

recomeçar, reformular, refazer e assim podemos mudar e proporcionar condições justas e equânimes para todas as pessoas, sem restrições.

## REFERÊNCIAS

- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ. Vozes. 2002. p. 25-58. Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf> . Acesso em: 29 nov. 2021.
- BRASIL, Jacobin. **Como Amílcar Cabral inspirou a Pedagogia de Paulo Freire**. 2021. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2021/09/como-amilcar-cabral-inspirou-a-pedagogia-de-paulo-freire/> . Acesso em: 04 de ago. de 2023.
- BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm) Acesso em: 01 abr. 2023.
- BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm) Acesso em: 05 mai. 2023.
- BRASIL, Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.
- BRASIL, Lei Complementar nº 150 de 01 de Junho de 2015. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lcp/lcp150.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp150.htm) . Acesso em: 05 de ago. 2023.
- BRASIL, Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.
- BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. A Escrivência Serve Também para as Pessoas pensarem. **Agência de Notícias. Dez perguntas para.** 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> . Acesso em: 30 jun. 2023,18: 37 min.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. São Paulo (SP) v.17 n. 49. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>>. Acesso em: 29 nov. 2021.
- CAVALCANTE, Vanile Santos. **Enegrecendo a Aprendizagem: as músicas do grupo afro Olodum como instrumento pedagógico para o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira**. Universidade do Estado da Bahia. Salvador- Bahia. 2020.
- COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS. **Significado de Racismo**. [s.l.]. [2010?]. Disponível em: <http://conaq.org.br/noticias/significado-de-racismo/>>. Acesso em 23 de out. 2021

COSTA, Juliana dos Santos. **Da menina negra à mulher preta: educação e identidade.** Dissertação (Mestrado em Ensino e Processos Formativos) - Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp). São José do Rio Preto, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/204301>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

DIAS, Luciana de Oliveira; CASTRO, Ana Luísa Machado de. Mulheres Negras nas Universidades e Saberes Decoloniais: por uma teorização de um pensamento feminista negro. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, Dourados. v.9. n.17, jan./jun., 2020. p. 535-561. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/10293>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

FERREIRA, Priscilla Leonnor Alencar. **O Ensino de Relações Étnico-raciais nos Percursos de Escolarização de Negros Surdos na Educação Básica.** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista - BA. 2018.

FIGUEIREDO, Ângela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, p. 2-24, 2020.

Disponível em:

<https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102> . Acesso em: 29 nov. 2021.

FREITAS Priscila Cristina. **A Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil: entre normativas e projetos políticos pedagógicos.** Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Florianópolis 2016.

GOMES, Nilma Lino. Educação, Identidade Negra e Formação de Professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012> . Acesso em: 28 jun. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Organização: Flavia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 10. ed. - São Paulo. Ática, 2014.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. **Escola plural: a diversidade está na sala: formação de professores em História e cultura afro-brasileira e africana.** Maria Nazaré Mota de Lima (org.) e revisão linguística. - 2ª ed. - São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF; Salvador, BA: CEA Afro, 2006.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. **Relações étnico-raciais na escola: o papel das linguagens.** Salvador - EDUNEB, 2015.

LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa de. **Elementos Teopedagógicos Afrocentrados para Superação da Violência de Gênero Contra as Mulheres Negras: diálogo com a comunidade-terreiro Ilê Àşę Yemojá Omi Olodò e “o acolhimento que alimenta a ancestralidade.** Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior em Teologia. São Leopoldo (RS), 2014.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Sementes: caderno de pesquisa/Universidade do Estado da Bahia**. v.2. Salvador, 2001.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **É preciso africanizar a universidade**. In: DE MENEZES, F. M. Jaci; SANTANA, C. Elizabete; AQUINO, S. Maria do. Educação, região e territórios: formas de inclusão e exclusão. Salvador: EDUFBA, 2013.

MOREIRA, Helem dos Santos Moreira. **Educação e Relações Raciais: as expectativas e possibilidades do acesso ao ensino superior das pessoas negras privadas de liberdade**. Universidade do Estado da Bahia. Salvador – Bahia. 2016.

NICOLIN, Janice de Sena. Kipovi Cabuleiro: **Um tom de Memória do Cabula**. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade), Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

OLIVEIRA, Creuza Maria. Líder sindicalista dos trabalhadores domésticos, Creuza Oliveira recebeu medalha Dois de Julho e diversas honrarias pelo país. **Portal Oficial do Estado da Bahia/ Governo do Estado da Bahia**. 2023. Disponível em: <https://www.bahia.ba.gov.br/2023/07/noticias/lider-sindicalista-dos-trabalhadores-domesticos-creuza-oliveira-recebeu-medalha-dois-de-julho-e-diversas-honrarias-pelo-pais/> . Acesso em: 05 de ago. de 2023.

OLIVEIRA, Creuza Maria. Blogueiras Negras - Creuza Oliveira em Mulheres na Conapir. De 09 de nov. de 2013. Disponível em: [Blogueiras Negras - Creuza Oliveira em Mulheres na Conapir](#) . Acesso em: 05 de ago. de 2023.

PADILHA, Glaucia Santana Silva; MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. Pedagogia Afrocentrada em Práticas Educativas de Professoras Afrodescendentes Universitárias. **Revista Nuances: Estudos sobre Educação**. Presidente Prudente (SP). v. 30., n. 1, p. 188-203, mar.-dez., 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/6733>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos; PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Do epistemicídio à insurgência: o currículo decolonial da Escola Afro-Brasileira Maria Felipa (2018-2020). **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 118–135, 2021.

PEREIRA, Tarry Cristina Santos. CCN - Tarry Cristina, diretora pedagógica, fala sobre Cidadania e Consciência Negra na Biko. Disponível em: <http://www.stevebiko.org.br/single-post/2017/06/13/ccn-tarry-cristina-diretora-pedag%C3%B3gica-fala-sobre-cidadania-e-consci%C3%Aancia-negra-na-biko> Acesso em: 01 abr. 2023.

PINHEIRO, Adevanir Aparecida. **O espelho quebrado da branquidade: aspectos de um debate intelectual, acadêmico e militante**. São Leopoldo, Casa Leiria, 2014. Disponível em: [http://repositorio.unisinos.br/neabi/espelho/o\\_espelho/assets/common/downloads/publication.pdf](http://repositorio.unisinos.br/neabi/espelho/o_espelho/assets/common/downloads/publication.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2021.

RÍOS, Flavia e LIMA Márcia (orgs.). **Lélia Gonzalez. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, (2020).

SANTIAGO, Ana Rita. Figurações de Ética Ubuntu em Trajetórias De Intelectuais Negras: mais um desafio à crítica cultural. **Seminários Avançados Perfil do Crítico Cultural — Pós-Crítica/UNEB**. 2020.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. Os Estudos Feministas e o Racismo Epistêmico. **GÊNERO**. Niterói. v.16, n. 2, 2016. p. 7- 32.

<<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31232/18321>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. **A pálida História das Artes Visuais no Brasil: onde estamos negras e negros?** Revista GEARTE, Porto Alegre, Ahead of print. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.94288>

SANTANA, Tereza Cristina Santos. **Aproximando a Cultura Hip Hop da Educação Básica Mediante a Pedago(Rima): narrativas (auto)biográfica das experiências de estágios extra-curricular**. Universidade do Estado da Bahia. Salvador- Bahia. 2020.

SILVA, Ana Célia da. **A Representação do Negro no Livro Didático: o que mudou? Porque mudou?** Salvador - EDUFBA. 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Estudos Afro-Brasileiros: africanidades e cidadania. In: ABRAMOVICZ, Anete. GOMES, Nilma Lino. **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2010. p. 37-54. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=PA4rDwAAQBAJ&lpq=PT8&ots=UC1atXTgAi&dq=educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20ra%C3%A7a%20perspectivas%20políticas%20pedagógicas%20e%20estéticas&lr=lang\\_pt&hl=pt-BR&pg=PT34#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=PA4rDwAAQBAJ&lpq=PT8&ots=UC1atXTgAi&dq=educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20ra%C3%A7a%20perspectivas%20políticas%20pedagógicas%20e%20estéticas&lr=lang_pt&hl=pt-BR&pg=PT34#v=onepage&q&f=false) . Acesso em: 29 nov. 2021.

SILVA, Thiffany Lima da. **As Linguagens De Ensino Sócio Educativas do Terreiro São Jorge da Goméia**. Universidade do Estado da Bahia. Salvador – Bahia. 2016.

SOARES, Luiza Mandela Silva e SILVA, Thatiana Barbosa da. **Griôs Contemporâneos: histórias e memórias na educação básica**. ENCRESPANDO Seminário Internacional: Refletindo a Década Internacional dos Afrodescendentes ONU. v. 1 n. 1 (2015). Disponível em: <https://encrespando.jur.puc-rio.br/index.php/files/issue/view/2>

SOUZA, Maria Angélica Lima de. **Epistemicídio: o silenciamento de vozes negras nos cursos de Ciências Sociais da Universidade de Brasília**. Monografia (Graduação em Ciência Política) Instituto de Ciência Política. Universidade de Brasília (UnB). Brasília (DF). 2018. Disponível em:

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro. 2ª edição. Coleção Tendências. V.4. Edições Graal, 1983.

UNEB em Dados Anuário: 2018 - Base 2017 / Universidade do Estado da Bahia. – Salvador: EDUNEB 2018. 210 p. Disponível em: <https://seavi.uneb.br/wp-content/uploads/2021/12/Anuario-UNEB-em-Dados-2018-%E2%80%93-2017.pdf> Acesso em: 24 jun. 2023.

UNEB em Dados Anuário: 2019 - Base 2018 / Universidade do Estado da Bahia. – Salvador: EDUNEB, 2016. 125p. Disponível em: <https://seavi.uneb.br/wp-content/uploads/2021/12/Anuario-UNEB-em-Dados-2019-%E2%80%93-2018.pdf> . Acesso em: 24 jun. 2023.